Quando se escreve um livro, é sempre aos poucos que ele surge, como que quase se impondo ao escritor, como que nos contando um seu dizer outro.

Existe uma relativa consciência e uma imaginação profunda entretecendo uma mesma escritura.

Para mim o livro é uma estrutura gráfica e posteriori de uma experiência íntima, através da escrita. No caso da poesia, através de 'uma memória que imagina' como disse Octavio Paz.

E disse mais: é a experiência de uma presença, de algo que foi e é em mim.

É importante notar, no seu depoimento sobre a experiência da Índia, as articulações sutis entre a presença e a metáfora dessa presença mesma:

"... havia deixado a Índia há pouco. Foi uma maneira, de certo modo, de recobrar uma realidade entranhável para mim (...) mas também foi uma maneira de inventar a Índia; a minha Índia, a Índia do livro provavelmente não é a Índia de ninguém, é a minha, é uma escritura, é uma metáfora da Índia (...) por um lado, a Índia é algo que está fora de mim, é um país ao qual posso voltar ou não voltar, posso lembrar ou não lembrar, mas que, por outro lado, é uma parte de mim, é algo que já é meu, que eu vivi. Nesse sentido, escrever e inventar a Índia foi também recordar (...) o poeta é um pouco a memória da linguagem (...) é uma memória que imagina." E isso vale para toda a poesia que se entende como fidelidade à essa emoção primeira da presença que nos revela o outro e a sua imagem, esta memória erótica que é o amor.

"A poesia leva ao mesmo ponto que o erotismo"

Georges Bataille

sergio lima

A ALTA LICENCIOSIDADE

sergio lima

A. ALTA. LI. CENCI OSIDADE

POÉTICA & ERÓTICA
56 85

edição do autor

edição comemorativa da
Semana Surrealista em São Paulo
Novembro de 1985
promovida pela Aliança Francesa
com o patrocínio de ENCONTRO DAS ARTES
apoio cultural de 'EMETE' Carvalho S.A., Metal Leve S.A., e
Raul di Pace Livros de Arte

Quando se escreve um livro, é sempre aos poucos que ele surge, como que quase se impondo ao escritor, como que nos contando um seu dizer outro.
Existe uma relativa consciência e uma imaginação profunda entretecendo uma mesma escritura.
Para mim o livro é uma estrutura gráfica e posteriori de uma experiência íntima, através da escrita. No caso da poesia, através de 'uma memória que imagina' como disse Octavio Paz.
E disse mais: é a experiência de uma presença, de algo que foi e é em mim.
É importante notar, no seu depoimento sobre a experiência da Índia, as articulações sutis entre a presença e a metáfora dessa presença mesma:
"... havia deixado a Índia há pouco. Foi uma maneira, de certo modo, de recobrar uma realidade entranhável para mim (...) mas também foi uma maneira de inventar a Índia; a minha Índia, a Índia do livro provavelmente não é a Índia de ninguém, é a minha, é uma escritura, é uma metáfora da Índia (...) por um lado, a Índia é algo que está fora de mim, é um país ao qual posso voltar ou não voltar, posso lembrar ou não lembrar, mas que, por outro lado, é uma parte de mim, é algo que já é meu, que eu vivi. Nesse sentido, escrever e inventar a Índia foi também recordar (...) o poeta é um pouco a memória da linguagem (...) é uma memória que imagina." E isso vale para toda a poesia que se entende como fidelidade à essa emoção primeira da presença que nos revela o outro e a sua imagem, esta memória erótica que é o amor.

"A poesia leva ao mesmo ponto que o erotismo"

Georges Bataille

A ALTA LICENCIOSIDADE

edição do autor

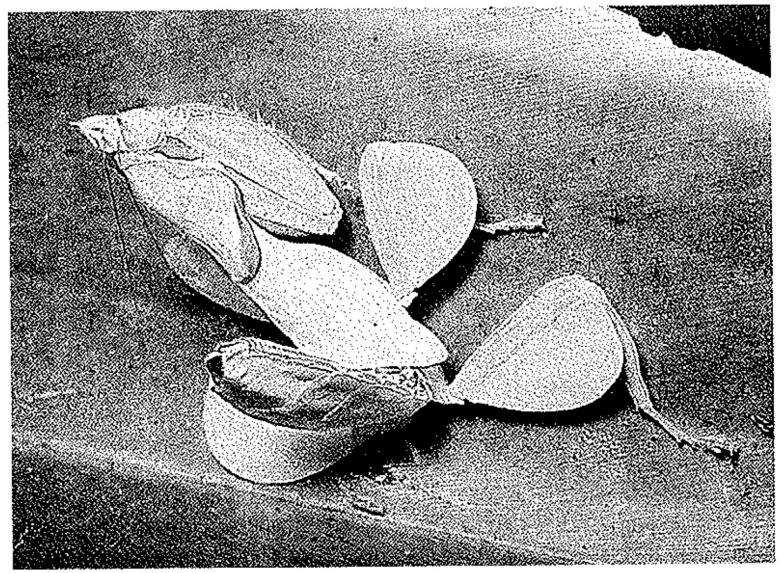
obras publicadas do autor:
- AMORE, edit. Massao Ohno — São Paulo, 1963
- A PHALA (catálogo/revista), edit. FAAP — São Paulo, 1967
- O CORPO SIGNIFICA, edit. Edart — São Paulo, 1976
- A FESTA (DEITADA), edit. Quíron — São Paulo, 1976
- COLLAGE, edit. Raul di Pace — São Paulo, 1984

capa c/foto de Ed Ross (louva-deus-pétala-de-rosa)
desenhada por S. Lima / arte-final de Miriam Izumi Murakami
revisão por Ionne Santiago
composição por Linoart Ltda.

direitos reservados por Sergio Claudio De Franceschi Lima, 1985

sergio lima

A.ALTA.LI.CENCI OSIDADE



POÉTICA & ERÓTICA
56 85

edição do autor

"Pouco a pouco se configurava.
Era uma estrela que chamava. Era
verdadeiramente uma estrela. Não
podes deixar de ir ao seu encontro,
nada poderia impedir, nem mesmo
eu... (e Nadja continua:)
Jamais poderás ver esta estrela
como eu a vejo. Não compreendes:
é como o coração de uma flor
sem coração."

André Breton in NADJA

dedicado
à cortesã
dos meus desejos

"A literatura começa quando alguém
se pergunta: quem fala em mim quando
falo? O poeta e o novelista projetam
essa dúvida sobre a linguagem e por
isso a criação literária é simultaneamente
crítica da linguagem e crítica
da própria literatura. A poesia é
revelação porque é crítica: abre, descobre,
põe a nu o que está escondido — as paixões
ocultas, a vertente noturna das coisas, o
reverso dos signos. O político representa
a uma classe, um partido, ou uma nação;
o escritor não representa a ninguém (...)
a voz do escritor nasce de um desacordo
com o mundo ou consigo mesmo, sendo a
expressão da vertigem ante a identidade
que se desagrega. O escritor desenha com
suas palavras uma falha, uma fenda."
O.Paz in O ESCRITOR E A POLÍTICA,
Cadernos de Opinião n.º 1/Abril, 1975

"A poesia é o contrário da literatura.
(...) Construir uma poesia que só contenha
poemas é impossível.
Se um texto só contém poesia, está construído:
é um poema. Não é poesia."
André Breton e Paul Eluard in
NOTES SUR LA POÉSIE/1936

ÍNDICE

(esta reunião de poesia, poemas e versos, citações e anotações, compreende três livros ou conjuntos intitulados A ALTA LICENCIOSIDADE '56/'69, A LONGA DESMAIAÇÃO '71/'76 e AS MARCAS DO CÉU '77/'85 até aqui inéditos enquanto livro-impresso, salvo os dois trechos DA HIERARCHIA e STELLA ASSASSINUS publicados em *AMORE* (1963), POETA RODA publicado em *A PHALA* (1967), O CORPO SIGNIFICA, A MULHER ME EMBLEMA e O CORPO/ATENÇÃO AMOROSA DA VISÃO publicados em *O CORPO SIGNIFICA* (1976), *A FESTA (DEITADA)* também publicado em 1976 e NIGREDO publicado em *COLLAGE* (1984).

Resolvemos assim, nesta edição, manter a sua repartição original em três volumes, sob a forma de partes de um cantar mais longo — quase um rastreamento ou exposição de uma poética/erótica. As partes estão distribuídas portanto como se fossem capítulos.

A saber:

epígrafes/ vinhetas, epigramas, versos e divisas de abertura V
epígrafe/ introdução XVII

A ALTA LICENCIOSIDADE 1
- CANTOS À MULHER NOTURNA — 1956/1957 3
  / ANDRÔMEDA — 1956 9
  / A ANUNCIAÇÃO DE FOGO — 1956 ... 13
- A ESFERA — 1959 23
- AMADOR / DA HIERARCHIA — 1960 27
  / STELLA ASSASSINUS — 1960 35
- AAMADA
  / O JARDIM DAS DELÍCIAS — 1961/1964 43
  / POETA RODA — 1963 53
  / A VIÚVA — 1966 59
- A ALTA LICENCIOSIDADE — 1967 91
- O VIANDANTE DE BORDÃO VIOLETA — 1968/1969 120
- O CACHIMBO DE MARSHMALLOW — 1969 . 163

A LONGA DESMAIAÇÃO 173
- O CORPO SIGNIFICA — 1971 175
- AS PEDRAS DO PRAZER — 1971/1973 181
- A LONGA DESMAIAÇÃO — 1971/1972 199
- A ONÇA CÔNCAVA — 1973 221
- A FESTA (DEITADA) — 1974/1975 241
- O ANDAR DA LAVADEIRA — 1975 249
- AS PROFISSÕES FEMININAS OU O CARRO DAS RODAS AMOROSAS DOS DIAS — 1976 267

AS MARCAS DO CÉU 279
- AS MARCAS DO CÉU — 1976/1977 287
- NIGREDO — 1980 399
- A NUVEM LOURA — 1982/1984 e 1985 407
  / O DESEJO 433
  / CADERNO-PRESENTE 451
  / O MUITO AMOR 463
  / POST SCRIPTUM PARA TI ESCRITO COM ESMALTE CARMIN — 1985 473

comentário crítico 503

"... uma linguagem poética
necessária para a verdade poética
cujo propósito é perturbar pelo excesso."

Giambatista Vico

"Alta, alta e negra, de uma quase gigantesca altura, torso direito e forte, retesada na espinha dorsal como um rígido sabre de guerra; colo erguido de ave pernalta, aprumado, gargalado e toroso; longos braços roliços, vigorosos, caídos, como extensas garras de falcão, ao amplo dos quadris abundantes e de linhas serenas, esculturais, de soberana estátua de mármore, — semelhas bem uma noturna e carnívora planta bárbara, ardente e venenosa da Núbia. (...) — lembras também o astro nublado, caliginoso da Paixão, girando na órbita eterna da humanizada dolência da Carne, como mancha na luz, ou soturna mulher da Abissínia, cujos luxuriosos sentimentos panterizados sinistramente gelaram e petrificaram na muda esfinge dos secos areais tostados.

E eu quisera possuir o teu amor — o teu amor, que deve ser como frondejante árvore de sangue, dando frutos tenebrosos. O teu amor de ímpetos de fera nas brenhas e nas selvas, (...)

Quisera possuí-lo — inteiro, estranho, eterno, esse amor! E que me parecesse, se o possuísse e o gozasse, possuir e gozar o Mar, ter dentro de mim o oceano coalhado — como minh'alma está coalhada de sonhos — de navios, de iates, de escunas, de lugares, galeões, naus e galeras, por uma tormenta avassaladora (...)

Nós dois, então, fulminados pelo mesmo raio, batidos, esporeados pelo mesmo estertoroso trovão, seríamos arremessados ao seio glauco do oceano, abraçados na extrema contração espasmódica do gozo, indo dar às ilimitadas praias do Ideal os nossos cadáveres, ainda fortemente, desesperadamente unidos, enlaçados, presos, como se a derradeira agonia cruciante da sensualidade e da dor houvessem justaposto os nossos corpos na fremência carnal dos alucinados sentidos! (...)

Assim amar-te e assim querer-te — nua, lúbrica, nevrótica, como a magnética serpente de cem cabeças da luxúria — os olhos livorescidos, como prata embaciada; a fila rútila dos rijos dentes claros cerrada no deslumbramento, no esplendor animal do coito; os nervos e músculos contraídos e os formosos seios de cetinoso tecido elevados como dois pequenos cômoros negros, cheios de narcotismos letais, impundorosamente nus — nus como todo o corpo! — excitantes, impetuosos, tensibilizados e turgescidos, na materna afirmação sexual do leite virgem da procriação da Espécie! E que a tua vulva veludosa, afinal! vermelha, acesa e fuzilante como forja em brasa, santuário sombrio das transfigurações, câmara mágica das metamorfoses, crisol original das genitais impurezas, fonte tenebrosa dos êxtases, dos tristes, espasmódicos suspiros e do Tormento delirante da vida; que a tua vulva, afinal vibrasse

vitoriosamente o ar com as trompas marciais e triunfantes da apoteose soberana da Carne! (...)

Então, na cela mística do meu peito, como num sacrário, eu sentiria passar em vôos brancos esse grande Amor espiritualizado, estrela diluída em lágrimas, lágrimas convertidas em sangue, como a expressão de um sonho, ao mesmo tempo carnal e etéreo, humano, e divino, que palpitasse, vivesse no meu ser e me trouxesse o travo, o sabor picante e amarguroso da Dor, que é a consagração, a perfeita essência do Amor.

Seria esse um requintado gozo pagão, cujo aroma enervante e capro, como o aroma selvático que vem do bafo morno e do cio dos animais das africanas florestas virgens, embriagasse o meu viver, desse ao meu espírito a alada forma de pássaro. (...) — ó alta, alta e maciça torre de treva, de cuja agulha elevada, esguia, aguda e expirante no Azul, o condor do meu Desejo vertiginosamente tremula e vai as asas ruflando em torno..."

Cruz e Souza, TENEBROSA (24/Janeiro/1891)

pelas sombras encaracoladas da nuca
a mão clara

na floresta das ancas brancas

o *bâton*, os lábios e a tua assinatura
de pernas cruzadas, entreaberta

no espelho de cerejas

a gruta amorosa é um castelo de cristal
a oficina/ o estúdio é de vidro
o ser é transparente

a amada é o espelho vivo,
vertical

os amorosos são os espelhos ascendentes,
apaixonados

Olha,

NOS ESPELHOS NEGROS BEBEMOS O QUE NÓS SOMOS

O HOMEM COME
E A MULHER BEBE

Nota: máxima afixada na XIII Exposição Internacional do Surrealismo, por Sergio Lima, realizada no ano de 1976 em São Paulo. A propósito:

— A contribuição decisiva do Surrealismo, posição onde a mulher é cantada em todo seu esplendor retomando a 'ligne du coeur' (seja ela luminosa ou tenebrosa, mas sempre "génie de lumière", como frisou Péret *), foi a de resgatar para o âmbito moderno a Imagem, essa experiência mais sensível por excelência, restituindo-lhe novamente, perante nós, as forças do mundo oculto, do mundo mágico, enfim do mundo onde o ser é um mais-querer, é sua medida, liberdade, de se reencontrar com o maravilhoso.

(*) E Benjamin Péret precisa:
"Quase não se pode falar de escolha já que, no caso, um único ser é necessário. O homem deve se limitar a reconhecer sua presença, a confrontar com esta a imagem que traz consigo sem o saber, recoberta por um pesado véu de noite que repentinamente se rasgará graças ao encontro. Porém, esta imagem está tão profundamente inscrita nele, num recôndito tão secreto e obscuro, que seu ser racional não tem o menor acesso. Por isso, ao menos não deve ignorar a existência desta matriz e deixar livre acesso aos gênios da luz que tentam o abrir, o revelar. Mas quantos podem supor sua existência? A maioria dos homens no presente mundo se limitam a uma triagem sumária a partir de considerações apenas tangentes ao amor, quando não estranhas. A sorte que lhes é reservada não permite nenhuma outra coisa: o homem social opõem-se ao ser humano (...).
Vejo apenas a expressão amor sublime para exprimir o sentido real desse liame. Pois, implica o mais alto grau de elevação, o ponto-limite onde se opera a conjunção de todas as sublimações, independente da direção que tenham assumido, o lugar geométrico onde o espírito, a carne e o coração vêm se fundir num diamante inalterável.
Certo, pode ser que seja todo trevas e que um apelo de morte emane dele, mas nem por isto deixa de cintilar se inflamando de uma chama tão pura.", in L'ANTHOLOGIE DE L'AMOUR SUBLIME/ Edit. Albin Michel — Paris, 1956 / O AMOR SUBLIME/ Edit. Brasiliense — São Paulo, 1985.

por exemplo, uma pomba-apunhalada
empalhada sobre um campo verde
e ácido de folhas de bananeiras,
meu ex-líbris.

S. Lima/'71

"A beleza convulsiva
será erótico-velada, explosivo-fixa, mágico-circunstancial, ou não
será beleza.
(...) Os homens desesperam estupidamente do amor — eu
próprio desesperei, passam a vida escravizados pela idéia de que
este se acha sempre para trás, e nunca *à sua frente* (...)
No entanto, naquela promessa que para cada um de nós toda hora
futura encerra, esconde-se o segredo da vida, segredo que um dia
poderá, ocasionalmente, vir a se revelar em qualquer outro
ser. (...)
O verdadeiro amor não está sujeito a qualquer alteração apreciável
através dos tempos. (...) Há que se rever, portanto, toda a
moderna concepção do amor, tal como se exprime vulgarmente
mas de maneira transparente
em frases como 'amor à primeira vista' ou 'lua de mel' (...) que
se tinge ainda por cima, da mais sórdida e reacionária
ironia. (...)
Não há mais temível sofisma do que aquele que se baseia em
apresentar a realização do ato sexual fatalmente acompanhada por
uma queda de potencial amoroso entre os dois seres que se amam,
queda esta que, a se repetir, os levaria, progressivamente, a já
não se bastarem um ao outro. O amor correria assim o risco de
soçobrar, na medida exata em que tentasse se realizar. A cada nova
explosão de luz desceria, proporcionalmente, sobre a vida, uma
uma sombra cada vez mais densa. Cada ser, neste caso, se veria
condenado a perder, pouco a pouco, o seu caráter de ser de
eleição perante o outro, e a se ver, mau grado seu, reduzido a uma
pura essência. Até que um dia acabaria por se extinguir, vítima
do seu próprio esplendor. (...) Nada pode haver de mais
insensível, de mais desolador do que semelhante concepção.
E, no entanto, não sei de outra mais difundida e, por isso mesmo,
mais apata a nos dar uma idéia da grande miséria que vai pelo
mundo. Se, neste caso, Julieta ainda fosse viva, *deixaria de ser*
Julieta para Romeu! Convém destrinchar os dois erros básicos que
presidem esta concepção: um de caráter social e outro moral.
O erro social, cujo único remédio só pode ser a destruição das
próprias bases econômicas da atual sociedade, deve-se ao fato
de não ser *realmente* possível, no amor, uma escolha prévia, pelo

fato do mesmo se processar numa atmosfera avessa à escolha, das mais hostis ao seu triunfo, e isso na medida exata em que o amor tende a se impor como exceção. As sórdidas considerações que se lhe opõem, a guerra subterrânea que lhe movem, e mais ainda, as concepções ferozmente antagônicas que, sempre prontas a assediá-lo, abundam à sua volta, tudo isso, devemos confessar, não raro conseguem perturbá-lo. Não me parece contudo que, noutras condições de vida, houvesse algo suscetível de impedir a vitória desse amor que *fosse o veículo daqueles anseios que desde séculos a arte vem dando voz*. A par deste, há o erro moral, o qual contribuiu para que o amor fosse, através dos tempos, apresentado como um fenômeno decadente, e que vem a ser fruto da incapacidade inerente à grande maioria dos homens de se libertarem de qualquer preocupação — seja ela temor ou dúvida — alheia a esse amor, das suas incapacidades de se exporem, indefesos, ao olhar fulminante do deus. (...) O melhor que temos a fazer é nos esforçar para que o amor perca esse ressaibo amargo que, por exemplo, a poesia já não tem. Tal empresa só pode ser levada a cabo quando, em escala universal, se tiver provado quão infame é a idéia cristã do pecado. Nunca houve qualquer fruto proibido. Só a tentação é divina. Sentir desejo de variar de objeto de tentação, de o substituir por outros, é testemunhar que se está prestes a desmerecer, se já não desmereceu, da *inocência*. Da inocência, no sentido de não culpabilidade absoluta. Se a escolha foi realmente livre, quem a fez sob pretexto algum pode contestá-la. É isso que gera a culpabilidade e não qualquer outra coisa. Repudio a desculpa de acostumação, ou de cansaço. O amor recíproco, tal como eu o encaro, é um dispositivo de espelhos que me remetem, dos mil e um ângulos pelos quais se me apresenta o desconhecido, a imagem fiel daquela que amo, imagem cada vez mais surpreendente em adivinhar o meu próprio desejo, cada vez mais dourada de vida.

(...)

Quer a lenda que, apesar do seu vestido tecido pelas Graças, Venus seja ferida por Diómedes. A vulnerabilidade da deusa é formalmente especificada. O amor, no que possui de mais terreno — Venus expôs-se para defender Enéias, o filho que tivera do homem menos evoluído, do guardador de rebanhos — deverá ser atingido durante a vida na própria carne e não se esqueceu, assim, o mitógrafo de precisar quais os fatos que, no seu inelutável encadeamento, irão ter como consequência essa passageira mortificação. Na sua origem estão as sevícias de Eris, a Discórdia, que no pomo de ouro acaba de gravar a fatídica inscrição: 'A mais bela'.

Perante a força de um tal mito, de que são testemunho o seu imediato poder de expansão e a sua persistência até os nossos dias, impossível nos é duvidar de que exprime uma verdade comezinha e eterna, (...) cujo campo de ação só pode ser, inevitavelmente, o da existência humana. É que na realidade a paixão, com seu magnífico olhar alucinado, deve padecer por ter que entrar em humanas lutas. (...) Como é cruel e simultaneamente belo este mito de Venus! Um amor já morto só pode dar lugar à Primavera de uma anêmona. Só à custa de uma ferida imposta pelas potências adversas que dirigem o homem, é que triunfará o amor vivo. (...) De um momento para o outro, a discórdia insinua-se entre os amantes: nada a fazia prever, quando não, seria uma simples brincadeira desarmá-la. À devida distância adquiri a convicção de que ela, na maior parte dos casos, se valia, para se insinuar entre eles, de qualquer capricho que um ou outro porventura pudesse ter, capricho esse que, por meras razões de circunstância, acontece deparar com diferentes disposições. É possível que a vida plenamente em comum de dois seres que se amam torne inevitável esta espécie de acidentes. (...)

Afia-se o gume da pedra do *silêncio*, de um silêncio súbito que nada consegue quebrar, um silêncio que simula a ausência e a morte. (...) Quebra-se a atração, oculta-se a própria beleza do rosto amado, um vendaval de cinzas tudo arrasta, compromete-se a finalidade da vida. Deve dizer-se que estes momentos têm o seu fim contado, que estão dependentes de um sinal de cumplicidade do coração — de uma involuntária atitude de abandono, de qualquer gesto familiar — para logo desaparecerem, sem querer deixarem rastro. Por ter querido intervir na luta dos homens, Venus feriu-se na mão, isto é, ficou momentaneamente paralisada na sua ação. Mas logo torna a si e se arma com o cinto mágico. (...) Se é verdade que o amor sai intacto de tais desvarios, já o mesmo não acontece com o ser que ama. Este ser está sujeito a sofrer e, o que é pior, a se equivocar sobre as razões desse sofrimento. Tendo feito dádiva total de si mesmo, é levado a incriminar o amor, quando o defeito reside precisamente na vida. (...) o espelho do amor que une dois seres será suscetível de se embaciar mercê de circunstâncias estranhas ao amor, e de um momento para o outro ficar limpo, uma vez findo tal estado de coisas? Sim.

Achamo-nos no mais fundo do dia, ou da noite, tanto faz — em algo comparável ao amplo vestíbulo do amor físico, tal como desejaríamos fazê-lo, sem nunca descansar. Cortinas corridas, barras de ferro torcidas, acariciantes olhos felinos, os únicos a pontuarem de relâmpagos o céu. O delírio da presença absoluta.

Como é possível não ficar surpreso ao tentar amar desta maneira, em plena natureza reconciliada? (. . .) Amor, único amor que existe, amor carnal, adoro, sempre adorei a tua sombra venenosa, a tua sombra mortal. Um dia virá em que o homem saberá reconhecer-te como seu único senhor e te prestar honras até mesmo nas misteriosas perversões em que o envolves. (. . .)
Se eu, desta apaixonante paisagem que um dia destes será arrastada pela maré, nada mais, além de ti, conseguir subtrair às fantasmagorias de verde espuma, ao menos hei-de saber reproduzir esta música sobreposta aos nossos passos. (. . .) Não descubro, no meu íntimo, outro tesouro além da chave que, desde a hora em que te conheci, me tem aberto este prado feito da repetição de uma única planta, sempre mais alta (. . .)
Porque é a vez de uma mulher e de um homem que serão, fatalmente até o fim dos séculos, tu e eu, perpassarem, sem uma única vez se virarem para trás, no seio da oblíqua claridade, até perder de vista, até os confins da vida e do esquecimento da vida (. . .)
Que a dádiva total de um ser a outro ser, a qual, sem o seu recíproco, não poderá existir, seja, aos olhos de toda gente, a única ponte natural e sobrenatural lançada sobre a vida.
(. . .) Nunca se conseguirá acabar com a sensação. Não há sistema racionalista que não venha um dia a se provar indefensável, na medida em que pretender, se não a reduzir ao mínimo, pelo menos a não ancará-la nos seus pretensos excessos. (. . .) O fato de se admitir a necessidade natural como o oposto da humana ou lógica necessidade, o fato de se renunciar à louca tentativa de as reconciliar, de se negar a persistência do amor à primeira vista e, na vida, a perfeita continuidade entre o possível e o impossível, é a prova de se ter perdido aquilo que eu considero ser o único e verdadeiro estado de graça. (. . .) os meus novos passos outro fim não terão do que te reinventar. Hei-de reinventar-te para mim do mesmo modo que desejo ver perpetuamente recriadas a poesia e a vida. (. . .)
Uma vez vencidos todos os princípios lógicos, virão então ao nosso encontro — se tiver valido a pena os interrogar — as forças do acaso-objetivo que se burlam de verossimilhanças. Tudo o que o homem quer saber está escrito neste écran em letras fosforescentes, em letras de *desejo*. (. . .)
Os objetos da realidade não existem apenas como tal: a observação dos traços constitutivos do mais banal de todos oferece-nos — num abrir e fechar de olhos — uma admirável *imagem-adivinha,* a qual, incorporada neste mesmo objetivo, nos fala, sem erro possível, do único objeto real, atual, do nosso *desejo*. (. . .)

Nenhuma outra mulher terá jamais acesso a esta sala em que tu és mil, basta decompor todos os gestos que te vi fazer. Onde estás? Brinco de esconder com os fantasmas. Mas, seguramente, acabarei por te encontrar e o mundo inteiro iluminar-se-á de novo porque nós nos amamos, porque uma corrente de iluminações passa por nós. Porque ela arrasta consigo uma série infinita de casais que, tal como nós, hão-de saber transformar indefinidamente a noite em claro num diamante.
Eu sou este homem com cílios de ouriço-do-mar que pela primeira vez ergue os olhos para a mulher que, numa rua azul, deve ser tudo para si. Chega a noite, e este homem terrivelmente pobre aperta pela primeira vez nos seus braços uma mulher que, sobre uma ponte, não mais poderá separar-se dele. Eu sou, no seio das nuvens, este homem que, para alcançar aquela que ama, se vê condenado a deslocar uma pirâmide feita de sua roupa íntima.
(. . .)".

André Breton, in L'AMOUR FOU
publicado em 1937 (Gallimard)

A ALTA LICENCIOSIDADE

CANTOS À MULHER NOTURNA *

(*) reunião de escritas-automáticas e poesia, escritas de Set./'56 a Fev./'57, que fazem parte do volume CANTOS À MULHER NOTURNA, compreendendo toda a produção poética inicial, com seus três cadernos dos CANTOS, mais NOTAS EM BRANCO OU ROCHAS EM BANCO (anotações e frases de vigília), DESCRIÇÕES DE SONHOS, A ANUNCIAÇÃO DE FOGO e PERSEU E ANDRÔMEDA.

O DENTE

/ meu dente (muito branco) de leite segrega em seu interior uma clara de ovo. Levo-o sempre ao pescoço. A mulher aproximou-se para chupar meu pescoço durante a noite e foi hipnotizada por seu fulgor morno e com os lábios entreabertos mordeu-o. Fui rodeado por negros; ao som de gritos e espasmos dançaram ao meu redor. O pajé adiantou-se e pés de galo descascaram o tabu de onde emergiu um corpo feminino e moreno que atraiu minhas mãos por meio de imantação palpável. Dentre suas coxas tépidas e abaixo da campaínha do monte de Venus cresceu lentamente a cabeça branca de uma enorme vaca. Seus olhos sem pupilas, de escultura grega, comprimiram-se e seus dentes cristalinos morderam os bordos da boca enquanto o dente se diluía sobre a língua que inchada de sangue contorcia-se narcisamente /

O GRANDE SEXO

/ após comido o cacho de uva resta seu galho estrelado que é cartilagem do Grande Sexo. Para o observar é necessário a exploração noturna pois sendo formado pelo cacho de uvas maduríssimas e tenras envolvidas por uma película transparente branca ao amanhecer o sol com sua aurora radiante consome esta película e as uvas à mostra devem ser colhidas para serem levadas ao templo onde num ritual cada uva trará a visão da fêmea noturna e o esqueleto que sobrar do cacho adquirirá reverberações e todas as suas hastes vibrando eletricamente serão cultuadas pelas virgens e as santas antes de morrerem masturbar-se-ão com esse caule sagrado passando do estado de virgem para o de viúvas /

EU SOU AZUL AZUL

/ Eu sou azul azul caminho na neve ocupo o lugar do céu a clareira é cercada por árvores brancas às minhas pegadas erguem-se rebentos e brotos em fogo do chão numa vegetação ardente. Meu corpo azul é envolvido por ramos que crescem sem parar de meus membros reunindo-se sobre a minha fronte as ramagens erguem-se numa copa espessa onde brota uma flor-sol minhas pálpebras de água límpida abrem-se desgrudando os cílios de neve e num rubor de minha cavidade ocular meus olhos de fogo nascem saltitantes. Nos troncos ocos e cheirosos das árvores brancas deposito minha mão numa carícia chamejante seus últimos ramos abrem-se por

sua vez em girassóis encarnados meu corpo azul deita-se na neve que se deposita em flocos de algodão ao redor de meu sexo que floresce colossalmente em ervas negras de seu interior cresce o falo de fogo /

SEU CORPO NEGRO

/ Seu corpo negro estende-se por todas as coisas num manto florestal silencioso e as coisas cobertas vão produzindo os silvos da noite selvagem suas coxas enfileiram-se em esguios automóveis negros nas duas avenidas que levam à fonte donde jorra petróleo o caramanchão que envolve a fonte é todo de rendas negras que ficam com reflexos brancos no fim das duas avenidas seus pés entrelaçam seus dedos brancos de pedra apresentando o acento esmaltado as cadeiras são flutuantes e estão equilibradas num salto de vidro redondo e fino sobre a boca de uma arraia negra que escorrega no fundo lodoso do lago laca seu corpo negro nu subindo a escada seus seios copas de frondosas árvores negras se balançam ao vento de minhas narinas de cobre sua cabeleira numa densa nuvem negra a qual eu carreguei de chuva prateada estende-se em infindável cortina esvoaçante sobre a longa varanda de seu rosto sem janelas uma sacada lisa e ladrilhada de veludo negro em seus ombros uma roda-gigante toda forrada de negro roda as pessoas e as pessoas sentadas olham com medo para baixo onde se arrepia encrespada a axila negra seu pescoço estica-se vejo as escadarias de mármore negro que levam aos seus lábios de carvão longos ciprestes servem de cobertura ao seu sexo num pudor de reflexos negros suas mãos miudinhas os sustém à frente de seu sexo que rebelado e incandescente em sua armadura negra se agita incontível num bólido de fogo eu o jardineiro vermelho lembro-me dos dias de poda com as enormes tesouras de seda negra que cobria seus tenros brotos cinzas sufocando seu crescimento luxuriante avanço incontível meu corpo é enrolado pelas rendas que barram a entrada da fonte desesperadamente com todo o peso de meu falo tento deter a saída do petróleo numa combustão maravilhosa vejo seus lábios ascenderem-se e meigamente suas pálpebras de papel-carbono abrem-se e desmaio ao ver seus olhos rubros afogando-se em minhas órbitas ígneas maravilhosamente ateamos fogo ao caramanchão e eu possuo num esplendor chamejante seu corpo noturno /

RECEITUÁRIO DE COMO DEVEM SER FEITAS E USADAS AS LUVAS

As luvas
para os operários que trabalham em construções noturnas devem ser fosforescentes
para os que lidam com diamante nas minas devem ser de carvão
para as pessoas que estão expostas à chuva devem ser de água coagulada tendo no local de cada unha um pequeno guarda-chuva preto
para as pessoas que lidam com soutiens devem ser de leite com superfície penugenta
para as pessoas que lidam com garrafas devem ser curvas tendo um dispositivo para gravar em vidro
para os masturbadores devem ser compostas por uma voluptuosa fêmea vegetal formada de uma só folha com suas partes internas mornas possuindo movimentos de contração, suas pontas e abas devem ser recurvadas com movimentos próprios (é indispensável um receptáculo na própria folha)
para as pessoas que lidam com fósforos devem ser formados por uma rosa de palha correspondente ao centro da mão e na direção dos dedos saem longos fios de palha em forma de ramos de trigo maduro
para as pessoas que lidam em brejos devem ser formadas por um composto de larvas
para as pessoas aleijadas as luvas devem recompor seus membros perdidos, ou seja:
para os manetas em forma de mão
para os pernetas em forma de perna
para os que não possuem nádegas em forma de nádegas
para os que não têm seios em forma de seios
para os que não têm sexo em forma de sexo
para os que não têm cabeça em forma de cabeça (quando oca e tendo em seu interior vegetais incandescentes)
para os que não têm corpo deve-se adaptar à sua cabeça o corpo da mula-sem-cabeça em forma de luva
para as pessoas que se dedicam aos afazeres submarinos devem ser de coral
para os astrônomos devem ser formadas por espelhos de raio-x
para as pessoas que lidam com ímãs devem ser compostas de limalha de ferro

para as pessoas que acariciam os seios devem ter na palma da
mão uma espiral sem fim que adaptando-se ao mamilo
girará ao redor de si aumentando e diminuindo enquanto
os dedos agitam-se à sua volta
para as pessoas que lidam com materiais incandescentes devem ser
feitas com uma fina camada de chumbo de baixo grau
de fundição
para as pessoas que vão às florestas devem ser feitas de modo a
terem em seu centro um disco solar que ao menor
contacto com as folhagens produz um raio amarelado que
vai produzir um estado de fusão em toda floresta
voltando esta ao seu estado ígneo primitivo
para os artistas primitivos devem ser feitas de modo que cada
dedo seja um colossal tótem-arranha-céu que não se
consegue ver o cume e ao tentar se cai para trás e esses
dez tótens seguindo os trejeitos da mão devem penetrar
na rocha

. . . . . .

ANDRÔMEDA *

(*) frag. de PERSEU E ANDRÔMEDA, poema descritivo realizado entre Julho/Outubro de 1956, inédito.

ANDRÔMEDA

. . . . . .

"Na floresta luxuriante descobrirei uma nascente
Cuja água jorra fragilmente de uma estátua mutilada
Imergirei meus olhos solares e verei que em sua savana aveludada
Ergue-se um vulcão recém-extinto: no fundo rubro da cratera
[tépida
Encontrarei o fosforescente sarcófago de alvos estaltctites onde
[seu corpo repousa
Ao fugir às folhagens enlaçantes serei colhido inesperadamente
Pela teia do lácteo mel trazida por cem abelhas brancas
Do seu maravilhoso seio — forma divina e sem igual —
Com a respiração suspensa adorarei em seu púlpito trêmulo o seu
[sagrado esplendor
Quando eu a ver de azul engessarei suas ancas morenas
Dentro da fôrma sem cordão umbilical e me nutrirei de seus ombros
Em vão tentarei deter com cálculos masturbadores
A voluptuosa beleza do desequilíbrio de suas nádegas

Quando eu achar seus lábios prepararei o momento do beijo
Vaguearão até o instante que os fotografar
Então ficarão suspensos aos meus lábios
Ao anoitecer dar-me-ás o cintilante estojo onde os guarda
[tal como os desejarei
(seus lábios tiveram como matriz um favo incandescente)

Seus lábios estarão sempre gotejantes umedecidos pela sua
[língua seca
Seus lábios estarão magicamente presos ao seu rosto por uma
[ponte de corda
Seus lábios movimentar-se-ão curvilineamente sem apoio no ar
Seus lábios projetar-se-ão à procura de uma coluna de mármore
[lascada das pedreiras inflamáveis
Seus lábios serão de uma angustiosa proeminência
que deve ser mordida cuidadosamente
para que o caldo não escorra dentre
os meus lábios secos a gerar no seu pescoço,
sob o queixo, lábios infantis

Com o rosto enclinado adiantar-me-ei
e colocarei em seu leito virgem
sobre a jóia a oca máscara
de safira do meu rosto
Produzindo uma longa sombra descerei lentamente a escadaria
[chegando ao fim
Lá em cima, no topo, soará o gongo colossal
e de todos os nichos desenrolar-se-ão femininamente
negras cabeleiras
Pela longa alameda deserta chegarei à entrada do túmulo
Pelos corredores esculpidos e fosforescentes chegarei à camara real
Que estará construída na forma de seus lábios onde me deitarei
No ápice, dentro da concavidade, seu corpo produzirá irreal fulgor
Pelos olhos da máscara passará essa luz fulgurante
Que rosará todo o interior da montanha
num esplendor que alcançará
até mesmo os estalactites
cuidadosamente esculpidos no horizonte
Para minha angústia e para seu prazer gaguejarei
Ao seu ouvido vendo o murmúrio que sobe borbulhante
De dentro do seu labirinto incandescente
Meu pênis entardecerá ao seu poente virginal
A estrela d'alva surgirá imaculada dentre a queimada
O delírio purpúreo da rainha se estenderá até minha face
Entre meus dentes tibiais seus lábios arroxearão
Na suprema concepção suplicarei: Ama-me"

A ANUNCIAÇÃO DE FOGO

"minha figura estende-se num rio calmo"

Minha figura estende-se num rio calmo
Contido no longo plano do vale sob um céu levemente azulado
À espera da subida dos peixes que desovarão em minha cabeça

Na parede branca do fundo do corredor de paredes brancas
Descolo seis tijolos até que se delineia sobre a argamassa à vista
A forma tremida e irregular de um pássaro com as asas abertas
Colocando um dedo na forma sinto que é de leite coagulado
Aproximo meu rosto: vejo que a impressão digital que deixei é
[de traços rubros
Os traços rubros contraem-se devido à tensão superficial
[aglomerando-se
em gotas sobre a região do peito da ave
Minhas sobrancelhas fecham-se e as gotas são atraídas para
[meu rosto
ficando dependuradas três a três nos cantos de meus olhos

No cubículo incandescente a janela apresenta todas as graduações
[do vermelho
Por meio de suas inúmeras esquadrias que se alongam num
[labirinto cúbico
O cadeado precisa ser guardado num copo de água fria para que
[meu sangue
não se derreta incandescente

No deserto mexicano numa montanha de forma tubular iluminada
[pela noite
Seu corpo louro surge num aveludado nopal negro que cresce
[isolado em seu centro
Seus braços orientam uma farta mecha de seus cabelos que se
[infiltram
no seu ventre verde o qual se fermenta fosforescente

Quando minha face borbulhar e meus cabelos encaracolarem-se
[em gêiseres
Minha figura surgirá da concavidade recém-aberta por dinamite na
[montanha de sal
Sairei das bordas esfumaçadas trazendo uma longa lança mineral
onde estão profusamente gravados rostos cegos
Sobre meu braço engessado horizontalmente agrupar-se-ão três
[galos-da-serra
Então com meu corpo erecto em júbilo eu saudarei ao sol
Eu cantarei ao meio-dia o desejo da mulher completamente loura

17/10/1956

"o semeatirador"

O semeatirador de olhos rajados tem as mãos de mármore em
[seu habitat

Após um crepitamento contido por suas mãos projetam-se de
[seu corpo
fogos de artifícios que ao caírem
assentam-se em seus ombros não iluminados
Em seu seio há uma concentração de pólen que pulula intocável

Perto da fonte sob o borbulhar rápido vejo fetos de inúmeros seios
sobre o leito de areia pacientemente alisada
Quando a pedra surgir à tona eu cravarei em seu musgo um
[fósforo
e ficarei a esperar o aparecer de outras pedras
vigiando seus crescimentos noturnos
Por meio de transmissão ao fechar os olhos incendiarei o fósforo
e sentirei que lentamente a nascente vai-se fundindo

Num copo formado por agulhas que estão ligadas por suas
[extremidades
umas às outras enquanto sua borda perfura meus lábios
beberei insaciável o tépido visco

A estrela é arada pelo sílex que se cristalizou durante a chuva
o qual traz sementes do gérmen do leite proliferante
Colocadas por meio de guindastes as sementes azuis
são dinamitadas pelos torrões entreabertos de terra
[produzindo
no astro noturno tremores acompanhados de ondas
[magnéticas
carregando uma leve poeira de açúcar que se deposita
numa renda sobre a verdejante jângal

No maior silêncio abre-se a grande pedra e o sílex com a dália
já florida em seu vértice é depositado em seu interior
[de quartzo

Meus dedos arautos trazendo minhas armas de fogo desafiam a
[tribo noturna
para a luta imortal

27/10/1956

"peregrinação dos iniciados acompanhada dos cantos
para a preparação espiritual durante o período de
pré-niciação"

A peregrinação dos iniciados começará quando a noite incendiar-se

Todas as pedras em código morse dizem: "somente à noite,
[à noite, à noite"
De todos os pontos inicia-se a longa caminhada
Os peregrinos enrolados em seus mantos deslizam com os olhos
[cerrados ao chamado
Um lado de seus corpos é recoberto por uma malha de folhas de
[parreira brava
Todos chegam ao mesmo tempo no centro da planície sentando-se
[em um triângulo
Sob suas pálpebras cerradas desenham-se insistentemente projetos
para uma torre de petróleo cuja armação tem que ser
[verde
Inconscientemente levanto-me e digo que é preciso
pela haste da chave alcançar o círculo

Canto seu selvagem pampa que se esquiva e se distende negro
Canto seu pólen negro que se acumula em pencas nos tetos do
[interior oco
de seu outeiro de origem vulcânica
Canto seu sorriso com o rosto inclinado no momento em que
[passar solitário
e silencioso o arado chamejante
Canto canto até que em queixume seus lábios entreabram-se
Imediatamente na cidade bandonada os interiores de todas as
[casas acendem-se
As minas inundadas incendeiam-se nas florestas germinam
[descomunais plantas
Pondo em perigo os pássaros que revoam com os bicos em chamas

Durante a noite silenciosamente abata a árvore secular e ao cair
[apare-a
angustiosamente aqui e ali com suas folhagens
[amortecedoras
para que caia no sulco previamente determinado
Aí sob sua ordem que a vegetação rasteira cubra seu porte
[maternalmente
Durante a noite na clareira sagrada haverão germinações
[maravilhosas
de florações imaculadas
Nesse instante você terá a grande revelação que até então lhe
[fora vedada

Imobilizando os gestos de minha magia de marfim
Seus cauterizantes lábios azuis incrustam-se em meu ser
[eternamente

28/10/1956

"a anunciação de fogo"

2 você é a anunciação sua pessoa carrega uma aura que me
envolve num prazer infinito
2 você é a anunciação seu corpo produz em meu cérebro
pensamentos camaleônicos meus olhos congestionados
fecham-se doloridos

5 seu leito de origem é a cachoeira congelada que resplandece
em todos seus estiletes noturnamente
5 você levanta-se da crisálida subterrânea de algas em brasa
aparecendo na extremidade do lago
5 de se corpo-fogo em meia obscuridade esguicham cintilações
você avança arrastando sua longa capa inflamável
5 e dança na superfície de vidro a cada salto suas pegadas
transformam-se em fogueiras perenes
5 adianto-me febril ataco as muralhas de vidro do castelo
incendiado com mil lanças de diamante

4 seus cabelos incendiários são inquebráveis à noite seu corpo
está completamente em brasa
4 seu perfil fosforescente aproxima-se e se esgueirando tenta
embutir as mamibras (*) em minhas espáduas que
(ficara mextremamente sensíveis após a extração das
duas asas de farta penugem) contraem-se
produzindo um longo arrepio
4 numa alcova completamente negra você entra com seu véu
de sangue terei finalmente seus aquáticos lábios de
rainha
4 você traz a anunciação de fogo ao vê-la entro em transe e
experimento o delírio do amor sublime

5/11/1956

(*) mamibra: região erógena feminina que compreende o mamilo já excitado e rígido bem como a auréola que o envolve inchada de sangue.

"A volúpia é um prazer redondo.

Os seios são um diminutivo das nádegas; a boca é um sexo em em câmeralenta; os braços são as coxas em ponto menor; 'la fourche' é uma axila em ponto maior.

O andar mobilia os quadris.

A volúpia faz com que o cérebro assuma a forma de garupa, num total 'arredondado' e num total 'assentado' — como a esfera — transcrevendo em nossa carne e nossos nervos, a sensação de infinito da esfera, esta imagem-Deus.

As nádegas em movimento criam concavidades de sombras no tecido, enquanto os seios espirram bombeamentos coloridos no tecido — por menor que sejam de 'tamanho' — pois a anca é uma bacia e os seios são um jato d'água. A anca pode apenas se balançar, enquanto os seios brotam sempre. As nádegas afogam o nosso olhar, enquanto os seios mordem a vista. (Daí,) Enfeitiçamento da anca e magia dos seios.

O movimento da anca é o mais total de todos os gestos da vida. Quer queiramos ou não, nos movimentos de nossos quadris, nós somos totalmente nós. Quantas mulheres tentam diariamente, em vão, camuflar a bacia para 'salvar a face' e com isto esconder suas almas nuas, tanto esta face de toda nudez que é a bacia, é reveladora dos gestos profundos da alma! Só e unicamente no *andar* é que existe a anca total — como o ouro 'enriquece-se' pela movimentação, o olhar vivifica-se pela sua mobilidade. Apenas quando ela palpita é que a anca possui uma alma. O pulsar de suas ancas regula a fluidez de todos os gestos das mulheres.

Nunca se toca totalmente, em razão do invólucro fluídico do corpo. A volúpia é a única maneira, portanto, de se tocar a fundo."

Malcolm de Chazal
in SENS-PLASTIQUE

A ESFERA *

(*) reunião de escritas-automáticas e poesia sob o título acima, estas datadas de 24 Out./'59, mais os volumes de O CUBO DE FOGO ('57/'58), SOLO OF BLOOD COM POSES FOTOGRÁFICAS ('60), e oito manuscritos de 1957.

PARA VOCÊ

Para você, a mais branca
das virgens, cuja fascinação
me desespera.

Para a mais linda, a mais maravilhosa, a mais brilhante de todas as estrelas da testa da noite encapuçada, para a mais estupenda mulher já defumada nos seios de aço da deusa toda de barro vermelho, para a mais bonita fruta que o sol já revestiu de seus tentaculares olhos de mar derretido, para a mais sublime de todas as personificações do ritmo náutico que produz a sucessão espumante dos doze signos helênicos, para a tentação viva que brota na palma de minha mão e cresce em arco-íris para dentro de minha boca, para a mais sensível das vegetações que já revestiu o meu falo graálico por ocasião da destruição do albergue maldito, para a puríssima e magnífica lágrima que contém latente todos os raios que seus olhos impiedosos dependuraram no penhasco do meu cérebro, repleto de precipícios azuis e onde um dia você encontrará o dédalo de migalhas de sangue. Para você que eu espero encontrar toda fumegante entre as folhas de linho do mar-morto, para você que eu encontrarei de repente e que andará para mim com o sorriso da lua nova, se bem que seu corpo se afaste lentamente para possuir o contorno luminoso e fosforescente de nossas duas sombras abraçadas repletas de sementes de ouro, cujos olhos de azur coagulam-se no vento dos tempos.

Para você que eu amarei no jamais.

LINHA DA PRIMAVERA

Desfile das tendências e propriedades mais excitantes de seus sapatos, luvas, jóias, peliças, chapéus e véus, bolsas, peças de baixo (látex, seda e nylon), etc.

— fragmentos inacabados —

. . . . . .

Seus sapatos de cobre que dançando ao som de banderilhas na superfície rosada da rosa de ouro fazem, por meio de reflexos sinuosos que provocam, devido a chuva de alho dos meus olhos de pirata bizantino, tropeçar uma a uma as curvas dilacerantes do seu calcanhar de ametista todo entalhado de eclipses lunares. . . . . .

Suas luvas compridas e venenosas que brotam ao redor de minhas orelhas brancas, são as margens da estrada sincopada que leva aos antros de neve eterna, toda timbrada de estatísticas da doação de sangue.

. . . . . .

Suas luvas fratricidas que tombam continuadamente durante a passagem pela rua deserta onda nas longas casas escuras morrem centenas de mulheres negras, cujos seios luminosos vêm balançar-se na porta para iluminar os cartazes dos turcos em luta de box, para a obtenção da grande espingarda marroquina que seus lábios de turquesa gravaram de mil e uma canções de areia.

. . . . . .

SUAS PELIÇAS

Suas peles de animais pré-históricos . . .

Suas peliças abocanharão todas as mãos que percorrem lentamente o fundo do mar, desmaiadas.

Suas peliças cobrirão com tremores de frio o seu corpo de gesso repleto de ampôlas de vidro com tatuagens chinesas.

. . . . . .

DA HIERARCHIA (fragmento) *

(*) frag. do Canto XI, publicado em AMORE/tomo II — AMADOR, Edit. Massao Ohno, S. Paulo — 1963

CANTO DÉCIMO PRIMEIRO

. . . . . .

pois Ela os espera sentada no tronco ósseo, com as pernas cruzadas, os dedos juntos, os lábios e os olhos entreabertos e seus longos cabelos negros soltos.

Ela está sentada
Rainha dos espiralados centros
Dos vinte triângulos
Divina

Nus e bronzeados
Os dois homens aproximam-se
Empunhando seus phallus morenos,
Belos
Como a presença dos piratas
Em seus tendões de Mulher
Virgem Caçadora
Negra Devoradora
Amante Louca
Noiva Vermelha
Querida
No meio do relicário existe um descomunal tapete onde com as penas das aves noturnas teceram-se as extáticas lendas das doadoras sagradas. Vêem-se as imagens delas, estranhas e longas e altas, e, por entre os sinais da escrita cifrada cúmplice do tecido hipnotizante, estão seus gritos que eróticos foram gravados através das várias peles encarnadas que tiveram seus lábios (e todas elas ainda latejantes dos mesmos, cobrindo ao redor os miolos (que são nós do tecido), colados por mel de abelhas brancas), tudo circundado por um bordado de milho e franjas. O tapete asiático está incendiado, magicamente.

Ela se levanta
E deixando no alvo trono sua sombra que se liquefaz
em kashmirianos coágulos de seu sombrio sangue andaluz
Dirige-se majestosamente para o meio do tapete
Onde se ajoelha
Iluminada de glóbulos vermelhos

O altar é um lago oculto

Meus dois filhos
Gêmeos e dourados
Assistem ao milagre das águas não descobertas e selvagens

Ela é
O Lago
De cabeleira de azeviche
E olhos de rubi

Meus dois filhos
Gêmeos e dourados
Acercam-se da Amante

Selvagens portadores das
(Magníficas nas Planícies)
Duas Colunas: da Paixão
— Mistério —

Ela está
Erecta
Límpida
Una

Meus dois filhos
Untados com o esplendor
Dos frutos e dos venenos
Que cingem suas frontes juvenis
A beijam
Desesperadamente
Enquanto suas mãos imaculadas
Seguram no espaço as quatro copas solares
Que sustém a hemorragia
De seu corpo adorado

Os braços e os dedos dos dois homens
Descascam-se até serem só ossos pálidos
para então se dependurarem em seus ombros e se aderirem, quase tão leitosos como, à sua acetinada pele sublimal

Novamente gêmeos
Os dois faunos copulam
Com Ela
Dupla e ímpar
Indivisível

Ao longo de seu ventre
O gêmeo atinge o lago de águas crespas, encaracoladas
Através de sua pélvis de ninfa;
Ao longo do seu dorso
O gêmeo atinge a lago de águas lisas, onduladas
Através de suas nádegas de centaura.

Então os gêmeos a defloram,
— Ela morde a junção central das clavículas dos dois jovens
— Os dois jovens desmaiam em sua nuca feminina
donde brotam sua cabeleira
e sua cabeça
que é um coco em cujo centro oco flutua uma
dodecaedra estrela de sal,
Num orgasmo primordial

Suas mãos

De mulher a espera pela curvatura apocalíptica do arco-íris
De mulher prometida ao núcleo tribal de minhas entranhas
Suas mãos
Que sustentam seus seios raptados ao luar
(para mim por mim)
Suas mãos
Membros mensageiros de seus desejos
De Deusa e Escrava
Suas mãos
Vindo
Meigas e inexoráveis
Como a fêmea do escorpião recém-parida, transluzente e carregando
no dorso escamado toda sua prole transparente,
mamífera e faminta

Vindo
Para os corpos esplêndidos dos homens
Suas mãos
Que durante o ato masturbam com requintes de diáfana precisão
Os testículos de bagos-de-uva d'um e de grãos-de-pólvora d'outro
Enquanto suas carnes túrgidas evoluem delirantes
Em torno dos extasiados
Phallus perdidos
— Tesouro
Suas mãos

Os gêmeos a possuem num festival tenebroso

Em júbilo bacchicus
Secciona letalmente
Com os músculos invencíveis e roxos
De seu ânus e de sua vagina
Ambos os pênis e bolsas-de-óvulos dos dois jovens
Devorando-os

Seus olhos de rubi lacrimejam de prazer

A Grande Lágrima
Que tomba não resvalando em sua pele
Adquire em sua constituição cristalina
As imagens detalhadas da imensidão bárbara do seu corpo real
E assim, ao se desintegrar
Subdivide-se em sementes espelhais
Da oriental beleza
De suas formas
Primas

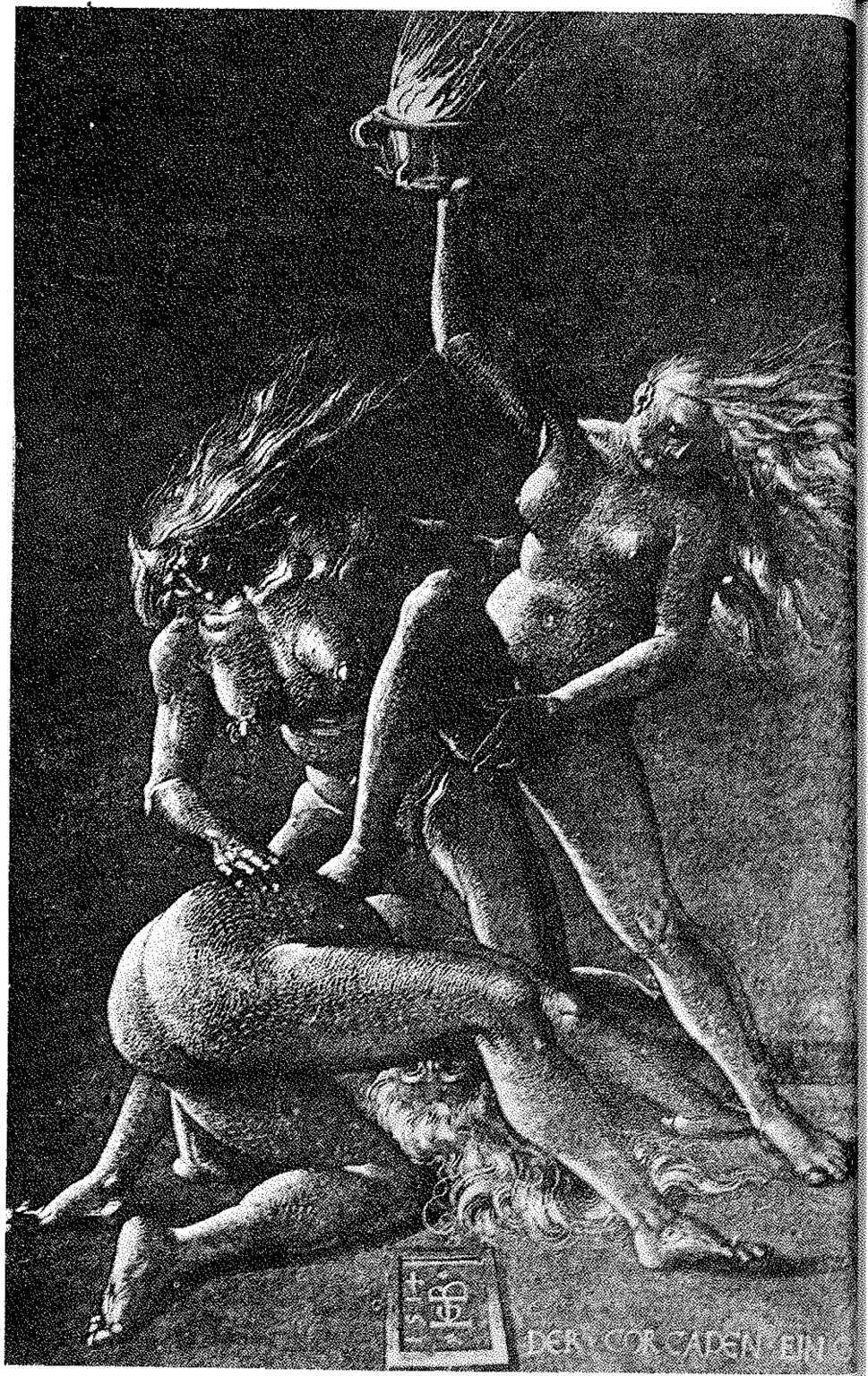
Uma lágrima cai no peito d'um jovem
Outra lágrima cai no peito d'outro jovem

Cada uma das duas lágrimas forma u'a marca no peito imberbe de um dos dois jovens filhos meus

Deste modo
Nas duas estrelas de seis-pontas de sangue
[em cada peito
Na carne-viva, feixes de espadas enrolam-se
[em movimento perpétuo
Em cada cicatriz longitudinal
Ela
Conserva as duas cabeças dos jovens
E queima os corpos
Em ritual secreto
Excita-se com as cabeças dos dois mortos
E se alimenta de seus globos oculares
Durante estado de transe
Lembra-se de mim
Em encantação.

Nua,
— E estando coberta pelas medulas de todos os ossos dos dois
gêmeos nos ombros
— E tendo as duas medulas espinhais trançadas em colar em volta
do seu esbelto pescoço, longo e veneziano
— E seu corpo resplandecente do luzidio soro céphalorraquidiano,
Ela me aguarda
(com os cabelos louros de meus dois filhos gêmeos trançados em
[sua pube negra)
Extática
Toda Poderosa

.....



STELLA ASSASSINUS (fragmento) *

(*) frag. de LE MARRIAGE DU CIEL ET DE LA TERRE, publicado em AMORE/tomo II — AMADOR, Edit. Massao Ohno, São Paulo — 1963

LE MARRIAGE DU CIEL ET DE LA TERRE

. . . . . .

E do início se irradiam para o centro
Na rotação mágica dos cristais desmaiados
Os oraculares sons africanos
Germinando
A Música das Estrelas

Eu me aproximo
Em Cantos
Precedido pelos meteoros que revelam em filigrana
Destruindo os anéis enfeitiçados
Que a desabrocham
Em primaveras de trevas
Eu me aproximo
Igual as guelras metálicas minhas tubulagens cefálicas
Vibram e rebrilham sob as trovoadas de raios délficos
Que me coroam de insolação de platina
Eu me aproximo
Deslizando pelas alucinações antropomórficas da velocidade
Em movimento de liquefeita orbe
Eu me aproximo
De você
Vindo pela Grande Estrada Vitríola
De você
Revestida de promessas ovíparas
Na fascinação druídica de seu corpo
Fonte helicoidal dos espaços em nó geométrico labiais negruras
De você
Esplêndida Estrela dos Dez Raios
Banhada em líquido seminal
Nua Via Láctea
E
Quando tem lugar
O encontro de nossos corpos luminosos
Num único clarão
Eu recolho suas pálpebras de argila colhida ao luar

E seus olhos puros me desejam...

Nos céus negros
Uma Só Luz
Stella Novae!

Os grandes ventos que me acompanham
Os grandes ventos que se enlouquecem ao redor de seu elegante
[dorso
fugidio
Os grandes ventos que desenterram nos seus seios, suas nádegas
[e seu
ventre
O immensus diamante oval sob sua pele inteiriça
Centrado pela pululante germinação de alvissareiros renovos de
[*schamir*
Luzidia de lisuras frias onde os fulvos olhos-d'água arrepiam-se
[em cogumelos de

Sangue, meu amor!

Sementes dos sorrisos das aparições espanholas da paixão

Ah! Os grandes ventos e as carícias ameaçadoras
Ah! As Núpcias Elétricas

— Meu Amor

Plenilúnia Arca
Magnífico Cubo
Cujas planas faces de coral
Cortadas as folhagens das árvores sombrias de umidades
[que estariam floridas em ônix
Lindas se entreabrem belas
Os grãos rubros crescem e se aglomeram
No interior maltês da gruta submersa
Grandioso templo das Pedras Virgens
E do solo com as trilhas dos Criadores
Se eleva o esplendor das semeleais piras das anunciações
Em estalagmites e estalactites incandescentes
Solar Eterno Gota Ritual

— Meu Amor

O rememorar dos áureos flocos desfiados de nata nuvens
A primeira maré surgindo sanguinolenta durante a noite

E escumosa das iniciais encaracoladas da mensagem magnética
Os quatro rios de seiva
Os quatro rios de água
Polígonos de gelo e farpas de fogo
Os combates de calor e luz nos lagos incendiados
As escuras chagas sísmicas e os oceanos de leite
Os mares noturnos de espumas pretas, ilhas de lava
[e selvagens praias de fogos-fátuos
E os ciclones hipnotizados nos vinte e quatro cantos do mapa
[galáxia

Você
Sol negro do umbral antigo
Com sua rosada polpa gêmea de dois reinos
Melados dos aromas inesquecíveis dos massacres
Despida como a Verdade
Deitada num leito de flores de ipê-roxo
Circundada de ovos de fogo
Embelezada de dentes australianos
Início cósmico dos amores românticos

— Meu Amor

Seu corpo
Invisível membrana palpitante da raiz do vulcão adormecido
No centro obscuro do Vértice Abismal de Todos os Mares
Tabu de chocolate

Seu corpo

As incisões archeológicas de sua alma
No encontro convulsivo de suas sombras fósseis
Rochoso fruto de carvão e ar
Aureolar das idades que ocultaram
Descobrindo os véus do tempo
Vertical Revelação Subterrânea

Seu corpo

Espelho das águas que se precipitam
Mádida aranha dominical Jardim
Prenhe de caleidoscópios pingos róseos e verdes
Ramificado de cachos de uvas diluídas
Com mil olhos de leques de ébano
Soluçante coração de pedrarias incineradas
Colméia de abelhas violetas

Seu corpo

Estojo facetado pelos pêlos de todos os animais terrestres
Para meus olhos
Esverdeados como as onduladas luminosidades da cruz anxata
Castanhos

— Meu Amor

Nós dois abraçados
Eu coberto por lantejoulas de vapor d'éther
Você coberta por fios de óleo trançados em rede
Meu cinto com os vinte e dois círculos da Roda Royal
Sua cintura cingida por equatoriais flores, malvas
Em refrações delirantes
Ascendem-se de seus braços em franjas orquideais
Os cinco arco-íris frondosos ruídos pelos seus longos cabelos negros
Nosso tórax invólucro dos doze chaos
A marcha dos astros
Os tufões d'*alcohols*
Sua face de Noiva
Meu rosto circunscrito de sangue!

— Meu Amor

Seu Corpo
D'Ouro Enigma Pluvial
Do equilíbrio dos Corpos
Archamor
Seu Corpo
Grávido dos germinantes sóis alvos do Universo Negro
Suas penugens em negativo engrinaldando por inteiro suas formas
Meu pulso esquerdo três cigarras ustulatas de marfim
Seu pulso esquerdo três cigarras ustulatas de jade
E nos agáteos bosques de névoa em filamentos estratificados
Proveniente da sympathia de ambas,
— as membranas — ao tremular das de umas sucede o
[triplo brilhar das outras
topázio em trinados,
— o hino secreto é o mesmo —
Cruzando nossas mãos em crateras de plumas lacrais
Os seis ventres fundem-se estrelados
Brazão Desconhecido

— Meu Amor

Hierophanta
Sua mão direita abençoando relicário medieval
Três dedos abertos e dois ligados em círculo
Sua testa de porcelana machucada
Suas olheiras de jamais
Cada um de seus joelhos dois alaúdes
As superfícies quadriculadas de sépia e lilás
Sacrificial
Olhos de vinho negro e lábios de pão branco

— Meu Amor

Seu corpo não-redondo como a minha mãe, a Terra
Seu corpo
Que me renova o êxtase necrófilo dos impossíveis poentes
[chamejantes
nos céus enquadrados pelos bulbosos minaretes estranhos
de Sabá!

— Signo Imanado —

Meu Amor!
Meu Amor!
Meu Amor!

A Tempestade é o nosso manto
Nas palmas cristalinas das mãos d'água
Filhos da Chuva
Nossos rostos de cascalho
Unem-se exultados no prometido
Beijo Desesperado
Nossos perfis um só traço preto
Nossas cabeleiras uma só arborescência de *nostoc*
Amantes
Tenebrosos!

— Eu quero os dias claros!
— Trazidos em triunfo por você!
— Recém-nascida e apaixonada!
— Eu quero os seus amanheceres dentro de mim!

Meu Amor!
Meu Amor!

! ETERNIDADE !

. . . . . .

Belo
Belo como as sobrancelhas
De minha Amada: intermináveis.

AAMADA *

(*) Título geral de uma série de 22 volumes de poesia, segundo os arcanos do Tarot, que constituem a terceira parte de AMORE, realizados de 1961 a 1971. Inéditos.

"todo objeto amado
é o centro de um paraíso"

, Novalis

O JARDIM DAS DELÍCIAS *

(*) fragmentos da Lâm. XVIII/ A LUA de AAMADA, sendo CANTO DEDICADO... datado de 6 ao 11 Agosto/61 e as anotações do DELÍRIO NATURAL datadas de 1961/63 e 64.

. . . . . .

o fluído vital circula permanentemente por todas as coisas do
Jardim onde floresce o Delírio Natural da Primavera,
precedido pela NOITE.

CANTO DEDICADO À MULHER CUJOS OLHOS CRUZAM COM OS MEUS

Sua mão direita é a maquiagem de sua pube
sua mão esquerda é a máscara esquimó de meu pênis
ah! suas unhas
suas unhas de maré abaixam a saia até os joelhos
brancos da lúnula! (ah! as *baigneuses* cujos
pequeninos seios translúcidos exaltam seus
mamilos de esmalte!)
ah! o congregatório anel de amianto!
seus pulsos são mechas de água clara em tensão superficial
oh! a timidez vertiginosa de seus seios
que pré-faceiam as vertentes do desejo!
o seu pescoço é um dado
ah! suas pernas
Suas pernas
— Eu quero depositar sua perna (1) por inteiro
dentro do seu corpo, com seus músculos
distendendo-se sofisticadamente em seu
útero delicado!
oh! os banjos brancos e a mantilha de madrepérola!
— o seu ânus é o *clavel*!
o seu sarcófago será a balança-de-pedras-preciosas
(até 50 gramas) em estojo de madeira do
tamanho de um osso sternum (= um palmo),
com todos seus sensíveis apetrechos e
pêsos niquelados) montada, isto é, em L,
com a tampa (tendo os curvos encaixes das
cabeças das medidas recortados com esmero)
aberta e o seu leito (furado) em figuras

(1)Vide objeto de funcionamento simbólico (. . .) um homem nu, de corpo atlético, com a respiração suspensa, (i.é. com os braços e as pernas ligeiramente afastados de seu eixo central de equilíbrio, qual os ramos vegetais de seu tronco de carne o qual termina por uma franja de renda branca finíssima franzida (constituindo assim uma rosácea toda furadinha de vinte pontas) possui uma esbelta perna de mulher que levanta no lugar e como seu sexo (. . .)

geométricas regulares todo forrado de
camurça lilá!)
que cabe na palma de minha mão!
Seus cabelos
seus cabelos de pérolas negras
seus cabelos répteis do vapor-d'água
oh! seu rosto é o coágulo que me aguarda ao entardecer!

Seus seios seus seios
opus lentos o seio direito é uma rediviva
o seio esquerdo é um phoenix
o ventre é a copa hidrófana
na taça transparente que
[contém o licor em chamas
está o levirrostro phoenix com
[ramo de rosa-de-jericó
entre seus bicos de ouro!
a alva rosa
queimada
adquire um tom amêndoa desbotado
— oh! seio impalpável! —
em seu peito chamejante
iluminada gota de chá
a jóia
cor-de-lis
oh! seus seios
seus seios donde pendem as opulências de seus seios
oh! a luxúria de seus frenéticos mamilos róseos
desorientados
, e Você que vem andando para o Amor,
Bela!
ah!
Raposa prateada de ventre de neve
sua intimidade aurora-boreal decide meus gestos de descobridor
[perdido
nossas línguas (o acidente dos trenós de vidro no silêncio) BEIJO
nossos lábios ensanguentados
desenham-se para serem desfigurados
esmaecidos
pela chuva branda!

Estival

Sua voz é o som do Amor!

Sua testa clara
majestade curva
adiadamada

— a face límpida
da superfície do lago interno
[acumulado
em semilua côncava
pia-bastismal abandonada em ruínas
[úmidas
refletindo um espelhinho-de-mão oval
cujo cabo adornado de pedrarias
[afogueadas
curva-se ao toque em cauda de
[escorpião foleado
na mão divina da jovem amada!
onde se mira
Você
seu rosto moreno
sua testa onde estão pintadas à aquarela
quatro rosas-douradas de cinco pétalas!

Seus olhos
oh! seus olhos
seus olhos envoltos por cílios de cilícios
seus sombrios olhos inquietantes
seus olhos possuem a magnificência tenebrosa
das grandes convulsões da humanidade!
oh! seus olhos
a saudade
das majestosidades do pólo
pelos raios
ah! seus olhos

Você é mais branca que os meus pensamentos de flagelatio!

EU SOU O PROFETA CHUVOSO

Meus olhos desprendem-se de meu rosto que fica todo ruborizado
E se adiantam em levitação
numa trajetória pontilhada como a construção
[da figura invisível
numa trajetória ondulante como a configuração
[em ave das estrelas
ao seu encontro!

Indo beijar todo seu corpo
num lânguido piscar hipnótico
e congestionados desmaiam
em seus lábios mouros!

Reclinada
(delicada como quando Você colhe a minha cabeça
que veio flutuando até às margens musgosas, por entre
as vitórias arrepiadas, da lagoa
drenada, a minha cabeça decepada, glabra, lisa e
[adormecida
a minha cabeça mascarada com *phoroptor*!)
suas formas de líquidas pérolas orientais
convergem para a delícia rosácea dos cremosos ninhos tangentes!

sob a pube densa e perfumada
(ah! vagina imemorial!)
Sua vulva é o olho do Condor por causa da paisagem!

Suas mãos longas mãos onde oscilam pendentes os dedos-de-dama
oferecem fervorosas
sua virgindade

OBLONGA

oh!
no mormaço úmido
do pomar
sua vagina melada
sua vagina manga aura
sua vagina gelatina de orquídea híbrida
sua vagina nave
negra!

AH! DESIDERIUM

DELÍRIO NATURAL

'Tá com fome?
Vai na rua, mata um home'
e come! (provérbio bras.)

. . . . . .

A baleia é o girassol do fundo do oceano

Os olhos de queijo das bonecas incas
a dentadura da montanha
a mesa é um animal

A cachoeira penteada para cima
é a caveira em suspiro da entoucada Pompadour

As folhas são os anéis da Natureza

Os morangos são os clítoris de Natura
Ah! Deusa Assimétrica!

As inesquecíveis nymphas de lábios negros
Ah! Suas costas de cana!

O beijo é o machado que abre as flores

As árvores respiram o céu

As pedras são as formas de amor da Natureza
os pálidos lábios lésbicos da ametista!

O sistema métrico é um dos mais desagradáveis sintomas do domínio proposto pelo império da mediocridade.
Como se pode medir a queda de uma pétala ou o tamanho de uma montanha ou a entrada de uma gruta?
O único método possível e ainda no terreno da experimentação, seria a unidade de sensação.

A chuva de pescoço de arco-íris

As pedreiras são as pernas com meias,
Ah! Monument Valley!

A guitarra é o ventre da bela adormecida na seiva do carvalho

Os automóveis são os cachos das ruas
Ah! As perucas das cortesãs
e as cabeleiras dos crepúsculos

Os cisnes são os seios brancos
Ah! suas lúcidas cabeças de último mênstruo!

Os seixos violetas são os sexos das selvagens praias
imensas como os límpidos olhos da índia!

O nylon é a criação do atirador-de-facas
provocada pela persistência voluptuosa do volume
de suas formas transbordantes da silhueta alva

A ave de rapina é uma leve flor de fumaça

Os fogos-fátuos são os lábios faunos da noite
que vêm beijar a cópula dos albinos pássaros garimpeiros

Algumas das nomenclaturas científicas da 'mante religieuse', ou seja, o louva-a-deus ou põe-mesa, publicadas na revista LE MINOTAURE, segundo Audinet-Serville (1839), a saber: . 'mante' -religiosa, -clara, -nebulosa, -ancas-vermelhas (mantis rubro-coxata), -azul-aço (mantis chalybea), -agradável, -irmã, -descolorada, -multiestriada, -annulipide, -phryganoide, -com cintura, -que faz preces e vidrada, -prasine, -religiosa, -devota, -ornada, -de pés aveludados, -desonrada e disfarçada (inquinata), -enlameada, -cuticular, -pescoço estendido, -com dois seios (bipapilla), -vizinha, -variada, -pustulada, -simulacra, -lua, -pipocada, -flavipenne, -de largo apêndice (latistytus), -folha-morena, -erbácea, -supersticiosa, -ressecada, ao que acrescentamos, por exemplo, dado que existem por volta de 400 espécies, a mantis-pétalas-de-rosa.

Delírio Natural
Suave como o grito dos Amantes!

POETA RODA *

(*) in A PIRÂMIDE tomo I (1963/1966) de AAMADA, já publicado em A PHALA, por ocasião da XIII Exposição Internacional do Surrealismo, realizada em São Paulo — 1967.

"La Poésie se fait dans un lit comme l'amour"

André Breton

*"A Poesia exige, como a mística * e o amor, um abandono total (e uma vigilância não menos total)"*

Octavio Paz

"No Surrealismo, a poesia e o erotismo são idênticos, pois possuem a mesma origem e o mesmo fim."

S.L.

(*) Como observou Georges Bataille, a sensibilidade e o misticismo estão sempre ligados a movimentos de transgressão, ao interdito sagrado da fascinação erótica.

A POESIA É O 'COUP-DE-FOUDRE'

A aparição da manifestação poética
processa-se através de uma corrente
elétrica entre as duas nuvens alvas
do Desejo.

O segredo das coisas e a transformação
do mundo são os planos pelos quais
se processa o seu cintilar majestoso.

O Poeta é aquele que
a partir de um plano de absoluto rigor
vê seus olhos invadidos
pelas marés e pelos lábios lacrimejantes
do enigma do Amor.

O Amor é o fio de seda de sangue
da crisálida da perspectiva humana
de vir a se transformar
em sua totalidade
primordial

a Poesia é a enunciação da essência do ser.

A linguagem poética
é uma atitude essencialmente moral
na medida em que coloca em jogo
com risco de morte e vida
o Poeta
em sua instância de ser,
em tanto que movimento de se constituir,
em sua significação maior.

A Poesia
é a destruição e a creação
da linguagem
nas plumas tenebrosas
do surgimento nigru
da Palavra,

sagração amorosa das fontes abertas
do pensamento
da fala.

Os olhos da Pythonissa me cobrem
como os dorsos das montanhas dos horizontes

o Poema é o oráculo verde.

A verdade do homem
é a palavra pura
mysteria de si mesma
revelando-se
na fala
do Poeta.

Através do Poeta
a linguagem profunda
do maravilhamento contraditório da experiência humana
naquilo em que ela é chama transcendente
se espraia num chicote de cal
afirmando
para sempre
a sua própria significação
a significação de si mesma
turbilhão caótico da vida negra.

O Poeta é a palavra
espelho negro da Noite.

A aventura da Poesia
é a única senda imaculadamente negra
que leva ao erotismo
que leva ao amor
que leva ao ser.

O Poeta é o
em tensão para
a significação.

O Poeta fala.

Porque lhe é absolutamente necessário
manifestar o fluxo mágico que o agita.

Porque só assim é que o Mundo se abre
aos seus olhos para nunca mais se ocultar
nos meandros malígnos da mediocridade
perniciosa e viciosa da decadência dos
valores da civilização e da baba
sem singularidade do vulgo.

O Poeta é o transformador das procelas
das vaginas ensanguentadas dos orgasmos
dos phallus abertos em faróis de flores
das mãos da cor do céu
dos olhos de pedra oculta
dos seios da memória
macios como a incandescência nívea
da revelação do corpo
em suas verdades e intercomunicações
como o mundo das rosas superpostas
e das borboletas de nata
da mata do coração das gemas preciosas polidas
do sexo indivisível encapelado
em toda sua ternura
de beijo precipício
avalanche negra.

A Palavra
O Canto
surge de todos os seus sentidos
como sendo a enunciação instintual
de sua mais pura
transparência.

O Poeta transparente de raios convexos
é a figura que fala
que propicia a essência
tomar forma
através da palavra
que é a significação
de si

signum significado
significante

magnum ex-tasis do ser

carmin de lábios de jasmin e violáceos girassóis
na boca de cristais de rocha
nos dedos de madeiras de sangue
no ventre de seiva oscura
no rio redondo
da vida total

resplandecente bela como a lua aberta
bipartida em suas duas faces roxas

amor do amor.

A VIÚVA (fragmento) *

"une circonférence
n'est qu'un polygone d'une
infinité de côtés"
Alfred Jarry

(*) in A ARANHA OU A CEIA, tomo VIII de AAMADA, inédito de 1966.

Espremer os crepúsculos
até que se transformem
no cisne negro

Você ajoelhada

garupa de odalisca manietada
a grande cabeleira repartida
em duas orelhas de sândalo

Você ajoelhada e perdida

sob o peso de suas duas nádegas
colossais como as cem dobras macias
de uma floresta incendiada
derretida

os seus lábios tintos são os tapetes do orgasmo

no trançado de pêlos róseos do *chenille* da sala
está a sua pube branca
como uma côncava casca abandonada

os meus lábios são as digitalis
dos seus pensamentos prateados
que escorrem pelas minhas bocas
de máscara noturna dentada

os meus grandes olhos adormecentes
a guardam nas ondulações
terríveis de sua presença invisível

o canto da sua voz é o volume
da redondeza do seu corpo veloz
pelas cataratas de rendas que aguardam
como a passagem de suas nádegas justapostas
pelos meus desejos interpenetrados
o canto da sua voz é a moleza
do seu corpete atado ao redor do meu pênis
grosso como os seus seios túrgidos

é a alucinação carmin

os meus ombros mortificados
por suspensórios de magia negra
esperam o pousar dos seus
maxilares tatuados de queixumes

os ventos dos cavalos de ouro
as escadarias dos elefantes de pedra
as morfinas dos escaravelhos de óleos
os sangues das papoulas
e dos seus dedos endoidecidos

sentem a passagem da alvura
do seu corpo branco de boneca
terrível, macia e mole
cortada nas junções como um manequim
com laços de fita negra

Você geme afogada
em seus sapatos de cetim

e suas nádegas vêm andando para mim

os olhos inesquecíveis

as profundas pálpebras sombrias
da face branca maquilada
da testa curva
dos lábios semi-partidos
e do corpo oculto
negra
mole amante eterna!

a comoção íntima das curvas loucas

.....

A Viúva é a ornamentação negra
da ostentação clitórica

o longo clítoris e a bunda branca
dupla
as grandes espheras macias do pensamento

o andar da Viúva é a ocultação
erótica de suas nádegas esquecidas
o momentum masturbatório
de seu próprio corpo branco
apaixonada

o delírio sensual
do banho de ducha
no quarto-de-banho *modern-style*
cor de ágatas
e de metal cor de âmbar fundido
derretido em dobras e curvas

Ela toma banho
nua chuva de prata
o corpo insensato de perfumes

disposta em duas tranças delirantes de carnes
as suas formas saltadas
do *bouquet* de barbatanas
que a espreme em apulheta rosa

as barbatanas das ancestrais baleias negras
dão aos seus seios macios tons mais claros!

as brancuras
das carnes de suas nádegas
me encerram
como a ágata amante
dura

minha artemisia!

A sua bunda
é a infância divina
do meu pênis oculto

as mil glandes da mulher andando
que a adornam lisas
em tormentum

majes(x)tática

enleada bebedoura
das minhas curvas

os ombros são as nádegas do temporal

A Viúva

toda negra

nua

suas grandes nádegas
seus grandes seios
suas grandes coxas

ornamentada
da brancura
de minha ejaculatio-praecoce

a sua pele é sublime

a sua bunda é a minha voragem

Sob o seu luto de mousseline negra
a Viúva é um pedestal
toda nua e branca

as faixas de renda
que cingem a sua cintura abandonada
apertando-a por entre as nádegas e as coxas
a sustém espasmada
e longa

o seu busto ofegante
salienta-se qual o miradouro
dos ventos coloridos das rodas-gigantes
ela lisa e clara

com seus seios imensos
deslocados
dentro da órbita majestosa
de seus pesos de sal e de seus mamilos ensangüentados

da última noite

A sua vida é um turbilhão
de ondas e de espuma e de leite
coalhados no bolo de seu corpo
latejante

branca

ela é a nua

o tempo da sua vida
é ao longo de suas formas circunféricas
o deslize do prazer
para sempre embebida
em suas próprias nádegas
como a fonte eterna
bainha erótica
do desiderio

Ela vive em pé
distendida como um coito de luna sombria
recostada na sua bunda
e anda nas pernas dos seus sonhos
perdida nas ligas
com o lenço mordido
entre as palmas azuladas de suas mãos redondas e finas
e suas línguas
esperando
o beijo
ao contrário
que irá machucá-la
como a pube deflorada do seu olhar
filtrado por seus olhos verdes-sombras
eternamente

na câmara escura
onde os feltros ocultam
os restos e as lembranças
do amor delirante

a Viúva vive nua

gêiser de torvelinhos de carnes brancas

amante de suas doçuras
como a rosácea
e as lantejoulas do Mal

Ela é só alva

Vertical
cornucópia líquida
das curvas febris e gordas
de sua formosura antiga

vertical como o canapé
de suas falanges de vinhos e de anéis
que a berçam
nas orlas do
desvario

Despida
suas opulências
luzem como a astrologia negra

e seus seios
e seus pulsos
e seu colo
e seu pescoço
e sua pube bombada
e suas nádegas de perfeição descomunal

têm a polidez doentia
aureolar
das manchas da fornicação incestuosa
e das marcas de café da libidinagem lúbrica

as suas curvas
recordam-se do esplendor macio
dos veludos e dos cetins negros
das roupagens *dei Borgia*

só restam
os brocados dos seus seios
guardados nos colos encapuçados das Santas das
[Tentações

e a teia de tarântula de sua pube
desfeita na penugem da alucinação
que lhe ganha
as lagoas das axilas
como as trepadeiras
dos balcões
de vertigem
da Papisa

Enorme Rainha Branca

pânica

amontoada proibidamente
sobre suas coxas intocáveis
sobre seus sapatos
de salto-alto
de mar

o seu dorso é o oceanus pirata
mundo de nata
onde as roupagens e os vestidos
escorregam em rito
ocultando a curvatura
inacreditável
de suas ancas
de animal
fêmea
negra

os seus olhos são os sinais misteriosos
sob seus cílios pintados
de que no seio
da convulsão
de suas curvas
oscila o divino
spermacèti

as suas nádegas movimentam-se
como o bálsamo
do phallus de prata
de minh'alma

as grandes curvas brancas
são as imensas velas
e as curvas pálpebras
da ácqua-marinha
da pele de sua hipnose
do odor de seu sonambulismo
do vagar de suas nádegas
perdidas no cóccix
de sua mente
de copuladora
insaciável
com sua face jubilante
e com seus brincos de gritos
e com sua vulva apertada
como mil ânus
pulseira
da Noite

O seu corpo, desejada
é atrozmente desejado
pelas constelações
de meus espermas
e de minhas mãos
e de meus pensamentos encaracolados
em volta de meu corpo
que a cobre
em sagração
de sabre
e óleo
e água do sempre amar

O seu corpo, desejada
é a cadeira de carne
de pernas de seda
de assento cruzado
dos emaranhados
de suas sensações
lésbicas
despontadas
em seus pés
cortados
num laço
lilá

O seu corpo, desejada
é a forma migratória
dos meus impulsos fálicos
e copulatórios como as lunações
da face de relógio de seus joelhos arranhados
por minhas mãos
de jamais

O seu corpo
Viúva nua
assassina elíptica
de sua beleza
penumbral
na solidão
da volúpia
curva

O seu corpo
são os glúteos paradisíacos
as nádegas moles
e duras
ao meu dedo
à minha língua
ao meu tato
de cavaleiro
estertorante

O seu corpo
é a bunda imaculada

O silêncio tece os xales
e os tafetás que a cobrem
de estigmas
e de pintas
como o sol negro

O silêncio a envolve
cada vez mais
como o pulsar
sem igual
de sua ejaculação
permanente
através do ciclo
menstrual
de suas
formas redondas

E é no silêncio
que eu venho
e a conheço
nua e
branca

abismada
em sua imensa bunda
como a boca
matriarcal
do meu
erotismo

a sua arma
é o punhal
com reverberações
cor-de-maravilha

a sua flor
é a rosa-mate

o seu nome é a minha sedução

a sua figura é a minha ejaculação

a sua cauda é a minha vida

Viúva
toda branca e negra
na ponta dos pés de couro
o ventre tombado
os seios de curvas inexistentes

toda a fúria na bunda esplêndida

arreada de *corsets*
de *soutiens* de ligas
de fitas

toda a brancura na bunda esplêndida

dupla e entreaberta

Você sabe que a perdição total
reside nos ímpetos de sua bunda solitária
e grande

a curvatura do meu sexo
é a continuação de sua cauda
ó imensa amada minha

os sulcos das tiras negras
comprimem em dobras
a sua carne prometida

a sua bunda é a síncope do seu corpo

materialização alvacenta e macia
da redondeza imaculada
da tortura urânica

a tensão luzidia de suas nádegas
são a expectativa helicoidal
da perfuração de sua alma

as suas nádegas são a porta oval
[da transfiguração redonda
o meu phallus entreaberto a deseja como a grande
[coroa mole
a minha glande oscilante e redonda
[é a bunda vermelha de sua coluna
deixa encaracolar-me
em sua bunda abandonada
ao fascínio

ostentação

que pesa como a lua

aberração da imaginação possível
da licenciosidade sexual
volúpia da magnificência redonda
banhada de esperma e de imundícies
e de meus beijos terríveis
trêmula como as minhas garras

eu colarei as suas faces duplas com o meu vício!

Alongada
por entre os seus seios túrgidos
e sua bunda branca
e rosa
nua

alta
oval

a Viúva entreabre
as suas pernas ligadas
iniciando na penumbra
obscura
da câmara
o abecedário dos pássaros

as suas pernas abertas
em V
comprimem suas duas nádegas
maçãs marsupiais
num furor claro

macia
e v a

..... (a experiência extática da Viúva)

Ela está só
na grande brancura de seu corpo

imensa como a solidão de suas carnes
disposta em arredondamentos
ceia sagrada

ela desce de sua majestosidade
e lentamente
numa curva barroca
enclina-se

as brancuras de si mesma
entrecortadas das cintas e ligas negras
que a cingem em capitéis moles
como a cavala

quadril templário
e os seios que resvalam
nos orientes do seu torso
prisioneiro de uma *brassière* de renda

ela senta-se

amazonato

como uma virgem
o calor de sua vulva é negro
as junturas de seus membros
é mais mole que a membrana do seu períneo

o seu ânus a-guarda

branca e negra
des cabelada em mechas de tortura
e um só desejo louco

magoada

a prometida
eleva-se
como a torre das miragens
onde o vento se banha
nas máscaras de *chat*
das dobras odorantes
de sua tez
alva

Ela
fica de cabeça para baixo
apoiada na sua testa oblonga
e nos seus braços e pulsos
nus e com as pulseiras de prata
e os arabescos de suas veias azuladas

a mulher nua
dependurada sobre si
com seus pés fixos no alto

os seus seios e suas nádegas
soltos como se estivesse recostada
em suas próprias ancas

matriarcal

os seus lábios possuem o rictus hystericus
da boca selvagem
devoradora de visgo

e do esperma amado

os segundos passam
lentamente flui
por seu corpo
suspenso
o leite
de sua
bunda clara

lua, lua

a mulher suspendida
na fascinação de suas nádegas mesmas
entrecruzando-se dentro de si
como a ampulheta erótica
da aurora macia
do sol negro

ela sente no ar
as mãos magnéticas do prazer
que arredondam
ainda mais
suas nádegas

de suas nádegas níveas
vem a sublime
contração
êxtase

rotunda flor semi-aberta
aspirando a cruz do abismo
veia argêntea
resplandecente

ela sente a esfera delirante
do seu corpo caído
no espasmo

a branca bunda
rege-a

as olheiras da mulher
são as duas luas
roxas
da paixão

os seus pés frios existem como pétalas
ao redor de sua cintura fina
e as unhas se despregam
em colares ao redor
da fascinação esmaltada

dos seus mamilos
desfeitos em fontes
de leitosas
e dura

cascata minha!

a goma que se forma no seu céu-da-boca
é a cama da reencarnação do seu amado
e tem o seu gosto
de morte e fumo
e menta

a sua língua se prolonga
como a cobra espiritual
de seus joelhos entreabertos
num orgasmo de nuvens

as duas pedras de suas maçãs do rosto
estão num regato de brumas
onde as suas orelhas
cobrem-se de musgo
e do ranger de meias de seda
escuras qual seu andar de devoradora

os seus cílios partem-se
em mil raios de negritude
e a tintura de seus olhos
a cobre de lavas
e de carvão

sua púbe despentea-se no pente de sangue
cobrindo a lua do seu ventre
com a folha vaginal
de cerâmica marajoara

os trinados dos pássaros saem do seu umbigo
e um enxame de abelhas do pólen lilases
de suas inexistentes túnicas de véus

dos seus olhos saem redondas
as largas coxas de cortesã
enluvadas de *nylon fumé*
com o friso que as biparte
até os saltos-altos
de laca

no canto de seus olhos renasce
a penugem odorante do sexo
em sua nuca brotam suas nádegas astrais
que a comprimem num sentar
inesquecível como a floresta de entre os seus dedos mneumônicos
[dos sonhos

perdidos na pelúcia sensitiva
do seu leito
de sempre-vivas

o seu dorso é a abóbada celeste
curvada como a coluna vertebral
durante o beijo
do pacto anal

as suas carnes se estremecem
no corpo maravilhoso
do desmaio de suas nádegas
em sua vida de bebedora
suspensa na roda dos suplícios
dos seus sorrisos
de cantos e lábios carmesins

violentos como o movimento succionante
de lâmia ancestral
na volúpia por entre
as duas nádegas que se articulam loucas
gêmeas como a defloração
do anel de seda
do phallus
imemorial

pouco a pouco
as suas formas derramam-se
em suas nádegas altas
como a montanha dupla do prazer

a mulher enfaixada de rubores
e de presilhas de sangue
que a envolvem
nas tiaras
do êxtase
erótico

sente o crescimento longitudinal
do desabrochar nas convulsões
do orgasmo único

do seu clítoris violáceo

a bunda
ama o gozo
blau

omnipotente brancura dupla
magna curvatura
envolta de suas dobras
e de suas maciezas
de além-vida
o frenesi
dos gritos
da Viúva

as duas nádegas suspensas
são o círculo mágico
da explosão epiléptica
da brancura

a apoteótica onda erótica
embebe seus quadris
dum luzir
satânico

a bunda
é o luar do corpo
é a fascinação dos meus olhos claros
é o delírio de minha boca listrada
é a magia de meus dedos soltos
é a feitiçaria dupla de meu sexo
é a casa do meu ser oculto
é a mansão do mal

a bunda é a extasis nocturna

imagem tenebrosa da volúpia

Viúva

a bunda é a volta do seu amor
ao seu desmaiar
de dores macias
como o laço negro
que aprisiona
as nádegas
do seu coração
idolatrado

. . . . . .

uma bunda monstruosamente linda

Viúva

os fios negros a cingem
como a rosácea desmembrada
dos desmaios

Você se ornamenta de tiras negras
para que suas formas gordas sobrem
pelo seu corpo duro
como centenas de nádegas
aglomeradas à única

bunda mágica

me cubra com a vastidão do seu ânus
me cubra com o templo da loucura!

Viúva

bunda lívida

arredondadas são as curvas do seu colo
que levam aos seus rins ocultos
pelas carnes que se *cambrent*
na nascente das peças pendentes

a beleza soberana de suas nádegas inacabadas
surgindo das coxas largas
e da cintura comprimida
pelo cinto de libidinagem
da Criação Negra

estrela estreita

ah! sua bunda!

o oceanus dos seus rins de nata
aprisionado
no *bouquet* elástico
das presilhas negras que a lembram
da majestosidade de sua
bunda imóvel

a violência de polpa das partes brancas
de suas coxas de seu colo
do seu dorso curvado
é a espera vestal

o flexionamento de suas pernas estonteantes
no arreganhamento da noz divina
de miudezas vivas
escancara as coxas murmurantes
a porta oval de suas pernas cintadas rebrilha molhada

imaculada

as licenciosidades
das ligas que a adornam

A SUA BUNDA É DUPLICADA PELO MEU ÊXTASE

no portal de suas pernas cintadas

a indecência sublime
de suas nádegas erectas
como A MONTANHA DUPLA

Viúva

Você é obscena na intimidade
do torvelinho de veludo do desejo solitário
de suas alvas peles enciumadas
e na rotundidade da formosura
de suas altas nádegas inconcebíveis

bundas brancas

amante em ligas!

Você é obscena no nó dos seus seis martirizados lábios

obscena

é a proeminência de seu sexo
em forma de concha rolada
de sua pube bipartida
qual as imensas nádegas
de uma *kallipygia* deusa branca

é o sentido divergente
dos globos dos seus úmidos seios tesos

é a ondulação de sua cintura
curvatura mole das riscas da procela
imaginação da praia
e dos dois escudos medievais de suas costas fendidas
na exuberância ímpar
de sua curva abertura oscura

é a contgüidade de suas densas nádegas
a obscenidade

é o que resta do malte da
conjunctio cavernosa dos sexos anelados

ela é rotunda
redonda como suas nádegas

e nos submerge
na reviravolta da perda dos sentidos
como a sua bunda
que passa

uma nádega após a outra

em transparências impuras de vidros de tortura
das mesas de cristal
dos Vidraceiros

desmaiantes

A SUA MÃO LUVA LISTRADA DO DESEJO

Estou alto e nu

suas nádegas estonteantes envoltas pelas vestes
as sedas os cetins as anáguas as rendas as ligas
que a fazem redonda como a loucura

resvalam para mim
até o continuum macio

o vão

crucifixo do andar

suas pernas finas são intocáveis
e suas grandes nádegas são inesquecíveis

meus pés possuem os escarlates estigmas
onde se fincaram os saltos de seus sapatos invisíveis

A zona erógena é a duplicata
da língua sagrada.

O fetiche é a matriz misteriosa
do rito da ereção.

O ritmo do fetiche é a criação do mundo.

as nádegas brancas desmaiadas
sobre si mesmas

as colheres da manhã

Através do fetiche inicia-se o
eterno retorno à volúpia angustiosa
do prazer e ao temor da luta
primeval dos sexos.

O fetichismo é a exaltação
erótica do orgasmo fixado.

a minha mente é um harém de nádegas

leque róseo

a bunda branca

macia e mole

O fetichismo é o vôo pecaminoso
da transgressão sacrária no Amor.

O fetichismo é a cuia onde se bebe
o elo liquefeito da devoração ritual.

No amor sublime o fetichismo
é a reivindicação da paixão
erótica pela violentação do corpo.

A violência do fetiche
na figura da Amada é a chave
mole do desejo do Enamorado

Os lagos das cabeças dos Amantes
criam as nádegas do espaço
do Amor.

mulher cheia de carne
Você é a tatuagem de neve da minha mente

o simbolismo erótico
do anelamento
da pressão
das cintas
e das ligas

elege
em fetiche sexual
a coação plástica
das fitas negras
que amarram
as suas cadeiras obssessivas

macias nádegas de lésbica mneumônica

O símbolo é algo vivo

as tendências anímicas do símbolo
lhe conferem a expressão dinâmica
da realização do desejo

o símbolo representa a significação
simbólica de si mesmo em movimento

o símbolo é a deslocação afetiva/fetiche
que se produz em secreto criando
a latência do mito

o andar é a configuração hipnóide
da mitologia macia
do coito anal

a obsessão fetichista é a especificação
extática do movimento amoroso
através do símbolo

o erotismo é negro

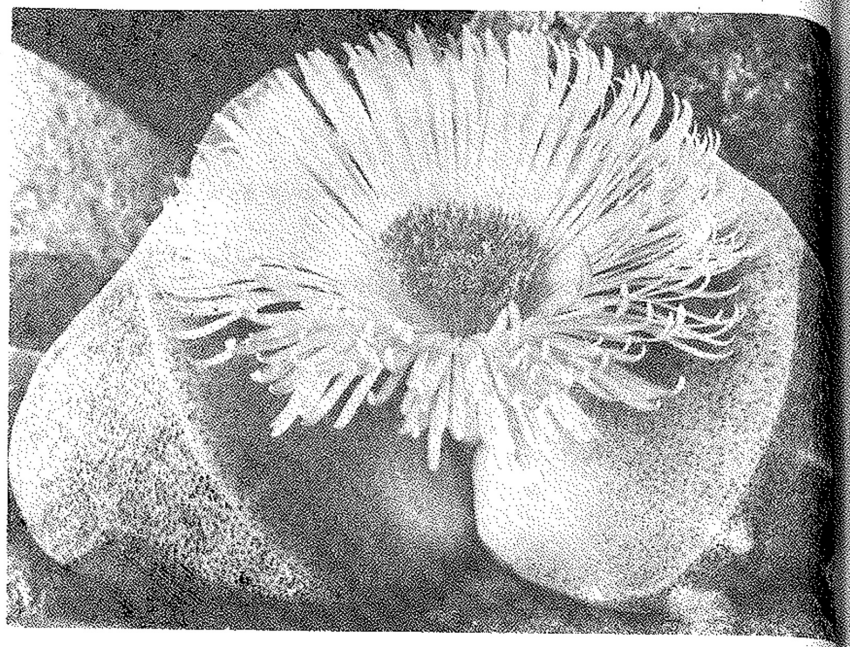
propiciatório

MYSTICA INSTRUMENTA

— a mulher é o obscenus sacral

"Je veux de toi le plaisir innommable que tu m'offres, en le nommant."

Georges Bataille



A ALTA LICENCIOSIDADE

"des secrets si fluides
qu'ils couleront entre vos doigts
comme les minutes entre les cuisses
d'une jolie femme"

Benjamin Péret, LE GRAND JEU

O mistério das luzes dos dias
que avivam as tuas faces pousadas sem fim
nas praias cor-de-maravilha da concha do amor
as luzes que resvalam nas tuas ternuras
de amada florida de alvas peles tentadoras
comendo tua cabeleira loura de volúpia
as luzes que precedem às roupas de clarões de raios
e às chuvaradas
as luzes de presságio
que perpassam pelas soleiras das portas e pelas janelas redondas
das casas com todos os objetos cobertos de rendas e de pó dos dias
as luzes que alisam os pêlos das feras
como um mar azul aberto pelos teus braços
de nadadora mergulhada em poços de corais
e ornada de pesos de chocolate
as luzes que deixam a transparência das frutas suspensas
na lembrança de tuas multípares coxas cruzadas
as luzes dos dias que dormem nos fracos
nos vidros coloridos vazios nas pegadas da chuva
pelas dobras de tua capa de gabardine branca
nas auréolas das fontes dos jardins
onde teus pés de hetera descansam sobre saltos finos
teus pés que se mexerão com o movimento inconcebível
de um gnóstico girassol de carne num gesto amante
e incomunicavelmente macio
na ocultação sensual
do teu andar
as luzes dos dias
as luzes caídas dentro de minh'alma como uma caixa
forrada de veludo negro segura pelas mãos
pálidas e finas de uma donzela convulsiva
as luzes que me contam coisas apenas suspeitas
que me insinuam pensamentos e figuras macias
como o arco-íris de um reflexo
as luzes dos dias abertas como corações
as luzes que correm pelos nós das cordas
pelas ligas enfeitadas
as luzes que anunciam o poente
as luzes dos dias que pousam nas pedras como seios
cobertos de talismãs de emblemas de tatuagens
como os signos de jenipapo nas bocas das índias

cobrindo-as amorosamente pelos ombros até as costas das mãos
as luzes que curvam a sacral pube de barro
as luzes dos dias da cor da água corrente por entre as folhagens
do teu corpo desfeito num ato de devoração
num leito de plumas brancas
as luzes como os bicos das aves
são curvas e possuem amanhecendo os segredos da beleza

uma oração pagã e a pomba-apunhalada
são as duas únicas coisas
que renovam no dia
da Lua os tons das cores da tua luz!

as luzes dos dias
as luzes nacaradas da paixão
a aparição das colorações alaranjadas
nas frondosas mobílias
de moles e finos perfis arroseados
onde se ergue
o meu phallus untado de seda negra
que se abate
sobre Ti
marcando-te de listras de sempre-vivas
por onde espraiam-se os perfumes violentos
ao redor de tua brancura imaculada
e dos teus olhos sombrios como uma choupana de ciprestes

os teus joelhos molhados e lisos
luzem para sempre

o mistério das luzes dos dias
mais o silêncio enrolado na tua testa
fazem de mim o sonhador dos cabelos louros como
das árvores dos sonhos.

DESPETALADA

as sombras das bananeiras
curvavam o meu ser de pensamentos
moles como as mais vermelhas
manhãs encacheadas de lábios
abertos e entreabertos
ao meu redor

enquanto te despias e caías
acompanhando a queda fatal
de tuas roupas despregadas
nos meus olhos
de noite
de tempestade

e atrás de ti vinham as feras de esmaltes
silenciosamente ondulantes em teu brasão louro
que se denunciavam nos teus pulsos régios
aprisionados por tuas unhas
curvas, querida

e os teus seios pousavam em minha cabeça
enquanto as tuas coxas davam a volta
vindo se deitar em minhas costas de iguano de cristal

o meu rosto e a antiguidade do assento
das profetisas sagradas
ocultos como a face pura
de tuas nádegas

OUTRA VEZ...

a tua cabeleira loura de fósforos lambidos pelo vento
me perde nos meandros de tuas mãos coloridas de baralho
onde os meus beijos são os anéis redondos
dos teus dedos

as mantas as mantas de mil formas
que cobrem os teus seios ascendidos como o desespero
na borda de um precipício de quartzo que o atira
como a luminescência da flor da quaresmeira
quando passas de tarde
pela rua da minha roupa
pela rua de meus olhos multiplicados
desdobrando-se em miríades de molezas macias e suaves
como a curvatura inimaginável da juntura do teu andar
de amazona recém-cortada e deitada na minha testa
nua qual a medalha de bronze verde
e clara como a fonte do orgasmo

minha amada dobrada como minha amada
perdendo-se para sempre na pétala negra e trêmula
de tuas nádegas apoiadas em teu pesar
como duas esferas de mármore
seguras pelas sodômicas mãos da saudade

abrigada à sombra heráldica do bicho hieróglifo o Tamanduá

O LÁBIO ONDE ANDA A LUZ

o frasco de vidro que aguarda
os pés gelados da groselha aerodinâmica
introduz o asterisco na tua face pálida
grain-de-beauté misterioso como se fosse tua orelha
diminuída para sempre numa comunhão histérica
a partir do orgasmo madreperolado e cor de mel
do molde sublime do teu osso sacro
como a cela de ouro do pontudo rosto negro
da loba exú que surge
por entre as folhas bentas
e os terços de sangue
da mata dentro da linhagem branca
do sol violáceo
que se ascende
no plenilúnio
do meu ventre
tatuado no deserto da paixão por tua língua,
papoula errante

minha caneta de cachoeiras
minha gaiola de orquídeas divididas
minha borboleta de sal amontoado pelo mar
minha bandeirola de cílios de fumaça
minha caixinha de música de figueiras que tombam
minha bandeja de meias de *nylon* e luvas de *marshmallow*
minhas costas duplas arrepiadas até o cóccix
meu leque transpirante
tu és como a passagem da ferradura pelo diadema de fogo

O TOTEM DA TUA ALMA

o grande tamanduá indeciso como o delta de tuas veias na
[minha imagem
oscila lentamente a sua longa cabeça de fera marrom e negra
e sua longa língua azul-marinha
se inscreve entre os arabescos delirantes
do livro das horas de deliciosa tortura
das faces de minha amada
perdida para sempre na redondeza de ti mesma
e com o *hennin* sagrado de teu clítoris
despregado no êxtase
de tua testa pontilhada de lantejoulas de minha roupagem
e de teus seios desabrochados
em dois rios de leite e sangue
que te embebedam com o aroma
de uma perna de feiticeira
untada de óleos até a coxa luzidia e branca
única
em pé
enamoradamente solitária na fogueira da noite da ausência dos
[corpos
onde o animal mágico desenha a lascívia
no ar perfumado pelos teus cabelos abertos
numa risada negra

A MONTANHA DUPLA

na hora em que os passarinhos cantam
com suas línguas embebidas no álcool azuláceo da manhã
na hora em que surgem as tiaras de folhas flageladas
por tuas mãos de dedos entreabertos
na imensidão das máscaras de água
na hora em que os cintos te cingem
com suas fitas de seda negra
e lantejoulas de lousa
na hora em que crescem as asas das borboletas
por sobre tuas orelhas de cartomante reclusa
na hora em que os signos se desabrocham
em seios unidos por cordões de leite
e por penugem de musgo
na hora em que teu olhar é claro convulsivo
como a calma das grandes florestas
na hora em que meus lábios
como uma flor de lacre
que te olha e se entreabre
como um sinête redondo
envolto do pó precioso
da alcova
na minha face surgem os sinais
da chuva do êxtase
do movimento erótico
da tua passagem
as tuas pernas
torneadas pelas tuas meias de *nylon* mate duras
que sustém o insustentável molejo
de tua maciez
que anda
como a minha memória de perdição amorosa
as tuas grandes nádegas brancas
a cavaleiro de suas ligas de renda fúnebre
montanha que se ajoelha na solidão
aguardando-me
em-bebidas como as nuvens
as chuvas são as jubas dos leões
que caem lentamente
por sobre o teu *corset*
te cobrindo de rios sensíveis

fios de topázio que cobrem a entrada queimada
de uma floresta de pedras
de folhas de frutas que se grudam umas às outras
como as duas faces côncavas da madrepérola
a macia deusa
ustulata de diagramas em giz branco liquefeito
a macia deusa
com tuas unhas de aurora amassada
com teus pés pequeninos que te sustém no orgasmo
e o teu olhar que se perde ao longe
qual duas plumas irreconhecíveis ao luar
da cauda da ave do paraíso

os pingos da chuva caem da extensão clara
de teus longos braços egípcios e moles
criando a roupagem traspassada
de teu corpo de circunferências de ninfa nunca beijada
aberta em cumulus azuis para o sol negro
a roupagem de contas
que cinge o teu dorso para sempre
como a lamentação
da íbis

minha amada molhada!

A MÁSCARA PARA SEMPRE

as tuas olheiras belas belas
as pálpebras marés anoitecidas
as tuas olheiras que dizem adeus aos meus cílios
as tuas olheiras que se debruçam
para além de teu rosto
sombreando o rapto dos teus seios duros
no teu colo prisioneiro de organzãs
as tuas olheiras imensas
que te ornamentam em penedias tempestuosas
em praias negras de marcas d'águas
que te cingem em teus olhos azuis
as tuas olheiras ininterruptas como o esplendor na minha vida
as tuas olheiras cobertas de mica prateada
as pálpebras pintadas de lápis azul que me esperam
as tuas olheiras lentas como o passar do caminhante púrpuro
que acompanha a silhueta da aurora nas estradas da terra
as tuas olheiras que se abrem
qual o levantar de uma pomba
nas palmas de um templo arcaico revestido de asas de
[borboletas brancas
e de plumagens alisadas pelos teus próprios lábios pálidos

as tuas olheiras belas belas
inesquecíveis como a suave textura oleosa e mágica
da larga folha de bananeira das sombras

os teus braços são camas de quaresmeiras

o espaço colorido de tremores
que existe entre as patas de uma pantera
na dinâmica carnívora de seus movimentos sensuais
sob a pelúcia brilhante de seu ventre
é a forma mesma de um molde
de cor também negra
arredondado de iridescências esverdeadas
que seria a de uma luva
da minha amada
coberta de choros
e com vinte pequeninos corações sangrantes
presos aos teus cabelos descabelados
como o êxtase imobilizado pelo meu capricho
de uma gargalhada
apoiada no teu ânus
e vindo por tuas brancuras
até os teus seios desmanchados
em teus soutiens de fogo róseo para sempre

entre as ligas negras dos teus quadris de ampulheta
vejo passar as ondulações das crinas
dos cavalos baios que transportam as florestas núbias
em suas ancas
deixando em seu tropel
a clareira de um beijo, *scelleràta*!

atrás das colunas onde existem as grandes gavetas
repletas de bolas de gude coloridas
de flores com beija-flores
e de lençóis-de-água brancos e lisos
elevam-se as grandes espirais verônicas
as espirais transparentes
que se sustentam apoiadas
nas imensas nuvens túmidas de formas moles
e macias no céu
em forma de mulheres lânguidas
que respiram bandeiras
desfraldadas em taças de vidro
transbordantes em fontes
cristalinas como os pálidos arco-íris
que ornam os cílios de adormecidas
as grandes mulheres
oscilam no vento
como loucas partidas nas molezas de seus corpos fendidos
que se dobram por sobre as montanhas
com suas unhas lilases de tempestade
e suas transbordantes bocas malvas
mais densas que a imensidão decotada
de seus seios leitosos e grandes
como a maravilhosa testa loura
do meu Amor

A SALA DO ENCONTRO

a sala das encruzilhadas dos perfumes perversos
como tuas mãos cruzadas morrendo de amor
a sala onde nossos olhos se encontrarão para sempre
é um salão na penumbra de um entardecer
onde oito mulheres apresentam sentadas
as suas cadeiras majestosas
apoiadas em suas pernas dobradas
de mil maneiras como as voltas do chá
cobertas de cetins e sedas e *nylons* escuros
veludadas ancas equidistantes
calmas
a parte superior de seus corpos, os seus bustos
os seus braços, as suas cabeças, os seus dorsos
são invisíveis por completo
como se estivessem diluídos na fina névoa
do teto de candelabros
assim só se vê a redondez dupla
e suas saias abertas na altura da cintura
desfeitas em violenta ventania
e paralisadas pela visão fotográfica
de u'a mão branca
lisa e longa
contraída em forma de figa
coberta de medalhas prateadas de quimbanda
presa à parede

o papel de sangue-de-boi anoitecido
que te cobre
explica que
o raio é igual ao arrepio
nas sedosas peles alvas ocultas
e que a leitura
é igual ao dorso arqueado
da jovem molhada do mar
presa pelas dobras do maiô *beige* amarelado que a biparte
que anda com as águas pelas dobras que se beija de joelhos
e cuja cabeça é um livro vermelho
aberto na tarde

OS FIOS QUE TE LIGAM EM OFERENDA

entre a risada de tua boca deliciosa
e tuas pernas cruzadas no ar
contendo o mistério das coxas macias e o segredo do andar
e a grande lentidão dos teus seios debruçados maravilhosamente
entre os frutos da manhã se abrindo
e o rapto voluptuoso das plumas da harpia no ar azulado
entre as polpas das folhagens parasitas
e a coroa iridescente das orquídeas de pratas
semeadas em tua pele a espera das tatuagens
que eu quero inscrever para sempre
entre as tuas peles de apaixonada
e tuas justas meias de *nylon*
entre as palpitações de tuas pálpebras de cílios esverdeados
como a luz trêmula de uma pia ensolarada na floresta
e a curvatura cintilante e mate do teu dorso
desnudo para sempre entre as minhas mãos
abertas numa *corbeille* de pétalas
perfumadas com o aroma de uma janela aberta
(minha lucarna de esqueceres)
entre o fogo róseo dos teus cabelos com sombras de copas de
[árvores
e o desvairamento de teus membros
perdidos num turbante lento de organzã
coberto de folhas de ouro e de meus beijos
entre o calor de debaixo de tuas unhas me amando
e a quentura redonda de meu esperma
cobrindo de nata a tua majestosa cauda
entre as letras do teu nome
e os animais azuis que se ocultam nos gineceus florais
entre o por do sol e o bico aberto do galo-da-serra
entre a mansidão de tuas mãos escorregando pelo meu sono
e a flexibilidade de prazer dos teus joelhos finos
como o ímã polar
entre as trepadeiras e os grafites de visgo nas pedras
e o cortejo de luzes das lagartixas de fumaça do cachimbo
entre o salto dos teus sapatos
e a translucência de âmbar dos meus desejos
entre as formas moles
e o teu desvestir como um choro histérico
entre as folhas de papel do envelope de uma carta de amor

e a marca de tua mão na página branca de um livro
estrelada e guardada lembrança do mel
entre o vão de teus dedos e a junção de teus seios unidos
lindo como o teu olhar em contra-luz
os céus do horizonte é a tua cama vespertina de lençóis
atroxeados e amassados por amplexos lascivos
e soluços mais claros que o teu perfil de vidente
entre as tiaras de couro e o peso do meu phallus
entre a ponta de duas montanhas
como o teu assentar
com tuas costas em ziguezague
e os teus dedos que vão se dependurando
pelo feixe de goma do teu êxtase
num arquipélago de jóias úmidas
arcanja de alvas carnes dobradas
entre o rubor de tuas faces e o coral de tua voz sapphica
entre a ânsia lisa de tua nuca frágil
coberta de mariposas alaranjadas
e o repouso encaracolado de tuas grandes ancas
densas como o sumo da Perdição
entre os sussurros da Amante e as cigarras
entre as cascas da Noite que vem
e a amplidão das formas d'Ísis se desmaiando
com o teu corpo
em fascinação

AS TRANSPARÊNCIAS

A aparição de doze pálpebras azuladas de capitães-do-mato
sobre uma mesa clara iluminada por uma luz amarelada

A aparição no vale do vulcão Rano Raraku de um cavalo esfolado
envolto pelo ventre do vento em forma
de bocas de flores plúmbeas

A aparição na palma da tua mão da aurora-boreal
nascendo do suor e do desejo de uma luva

A aparição na dupla folha da porta de um emblema de pólen
e na moldura da porta e no quadro que a contém
da silhueta das formas de teu corpo encostada na parede
delineada em sombras-fixas

A aparição do teu nome no pergaminho da minha memória
escrito com o látego da língua do tamanduá

A aparição de flâmulas nas marcas das marés
feitas com tuas roupagens das cores das conchas

A aparição de cartas de amor na minha escrivaninha
com tuas pernas cruzadas para sempre

A aparição de um rio nos seios de um gamo esverdeado de jade

A aparição do rumor de um andar sagrado nos jardins suspensos
[da Babilônia
entre as tuas passadas *kallipígyas*

A aparição do prazer nos filões de lágrimas da tua fronte platinum
diante do espelho voluptuoso da penteadeira

A aparição de um lacre côr-do-céu na mantilha do desvario
sustentada por dedos de cera sobre a alucinação corpórea de
[teus flancos afogueados como a avenca

A aparição dos vagalumes na pintura do colo
de uma deusa de leite macia

A aparição no celeiro por entre as madeiras e o odor das hortências
das peneiras de sangue

A aparição do quarto das pernas lindas como jarras de água parada

A aparição na grande rocha negra
da montanha dos cabelos negros da suicidada
no precipício do mar
desenhados a traços de giz

A aparição na mata dos bicos-de-lacre e a maçã do visgo

A aparição dos insetos luminosos na relva matutina
como os lábios sussurrantes
das damas da Corte furiosa do Orgasmo

A aparição de orvalho nas agulhas de marfim
do crochê maltês tinto de ritos do ocre matriarcal

A aparição numa bandeja dos suspiros da Apaixonada
como aquela que uiva enluarada
sob uma cabeleira loura misteriosamente penteada de saudades

A tua aparição silenciosa no páteo claro da fonte de cipós e
[bromélias

redonda

nos dias claros como as faces das bonecas de água
Eu sei
que os teus braços são oblongos e que os teus dedos são o
[espectro solar dos anéis de Saturno
que em teus ombros existem tuas cabeleiras desaparecidas
sob a forma de perfumes dobrados em lenços de quartzo
Eu sei
que se procurar a lua no teu corpo
acharei todas as luas e todas as eclipses
em teus seios de correspondências
em teus quadris de luares
——— Oh Enluada!
Eu sei
que és o esplendor raiado
macia e coberta de lactâncias como Diana, a mole
cône de mamoeiro frutificado
em solarizações espatuladas
pelos meus corpos duplicados ao teu redor
deitados na terra das folhas de outono dos teus passos
num leque de ventos
Eu sei
que tuas meias morenas me ocultam as brancuras
da noite árabe da tua pele
que as dálias brancas se abrem desabotoadas
nos teus corpetes de couro
que o teu prazer é entrecortado e suave
como os grandes chapéus *directoires* de veludo negro de coral
e que o teu olhar é cortado como um raio
pela floresta da palma da minha mão

Só o teu ventre ovíparo me ensina com a pube olivada
que meus lábios são da cor das correntes marítimas
que o meu ser possui ainda o odor da gaivota pousando
para sempre...

a folha preta nas tuas costas nuas
mandala de luz do faquir coberto de cardeais
como um cacho de uvas
na barreira de coral submersa
de tuas imensas mãos de longos gestos
encantados
que sustém no ar
a obsidiana
molemente polida pelas idades do tempo
num esplendor apenas visto
na boca azulada da amazona

mulher de folhagens coladas uma a uma
como os beijos do anoitecer

mulher de grande perdição
mais macia que a magia
que as dobras de nata da tua cintura ondulante
enrolada em fitas de papel crepe
arrepiada como o chamado das trompas do yurupary

aquilatar os teus soluços de mulher minha amada
pasmada de cristais
é como amar uma montanha
coberta de ervas e de marfins
tendo em cada rocha
lábios de chuva

é como beber as últimas palavras tuas
num riacho carmin
que flui por entre os lenços de adeuses
pendurados em colar
à volta do teu pescoço de *champagne* suada

as brasas ancestrais de Malta de teus olhos que me olham
cabem nas minhas mãos de pão
que do meio da janela
apontam para as árvores
pintadas de verde
e gotejantes
de auroras
fúria do dia

O MEU ADEUS

concha opala côncava

de olheiras mais belas que o *loup* do desejo

adeus adeus como um giro que se eleva no ar
de uns lábios criptografados de lápis-lazúli
como a carta aberta da cor do "m" da mão
como a rosa que se abre de noite sob as sandálias
cor de couro e de tiras aromáticas alazãs
como as ilações coloridas da congestão amorosa
como o pêlo dos animais alphabéticos e como a marca
inextinguível do beijo em teus braços de flamingo
querida de dentes de abelha e olhos de pedra caindo
o teu corpo se prostra nas curvaturas de teu andar
como num tapete coalhado de moedas
e das pequeninas oferendas sanguinolentas
das dádivas femininas das índias
que a propiciam
cintada de laços negros
com os seus cantos de sol fêmea
adeus meus lábios de barcaça incendiada minha face de camafeu
[beira-d'água

simplesmente
nua
toda nua

o teu corpo me bebe

nua
tão totalmente nua
que uma pelagem parece envolver-te, meu coração de sangue
qual a penugem das sensações das peles das feras
invisível como a ostra da palma da mão

oh, minha fonte de desmaios embelezada
de olhares que se colha as seis coxas
que saem da tua pube rosácea branca de plumas
imensamente oculta!

os teus olhos, os teus olhos
vindos
de uma árvore de óleos

AS INICIAIS DA PELE

eu quero fumar um tabaco ruivo
vermelho de uma pube impossível
que meus braços se espalhem ao teu redor
na altura dos meus olhos imaginários
soltos como plumas e longas penas de inhambú
movimentando-se como tatuagens vivas
recortadas com o esplendor do mamão nau viking
e nas pálpebras de giz da tua face
mansidão de manhã untada de rímel
sopesamos os seios os pênis as nádegas os ombros ligados um ao
[outro
e as axilas abertas como o encosto selvagem de uma montanha
como os envelopes da mesma carta
idêntica e linda
escrita para sempre
de letras azuis e de marcas de lágrimas desbotadas
assim rodamos na desfolhagem de nossos prazeres
mais suscessivos que a marca bruxa da mariposa
no quarto de paredes de folhas coladas em mosaico
onde as grandes folhas douradas pelo outono
são portas que dão para o papel de água
que envolve nossos rostos num chuveiro reclinado
e ondulante no mesmo plano da nossa prostração
que dão para o fundo palpitante
da noite dos animais de fósforos
e do canto majestoso como o teu pé molhado
dentro dos meus lábios de pedra rósea,

eu te amo casa das cobras
com seus alpendres de ligas e *nylon*
dando sobre a laguna da flor da pele
vale da perdição enluvada
minha mulher gritando!

AS BOCAS DA MINHA AMANTE

minha taça de água e de fogos
que guarda a água das tempestades
mais desejada que os sombrios céus cinzentos
de minha juventude
a brancura do teu corpo lavado
e a chama de álcool que lhe serve de cabeleira
ah! minha bolsa de prazer
pendente à tiracolo de tuas próprias mãos
mais unidas que a fava verde da floresta
da floresta que são os ruídos de seda de tuas pernas
cobertas do musgo da paixão
do mistério do andar
meu frenesi de borracha sagrada
escorrendo pelos vês talhados nas tuas roupagens
os movimentos de tua paixão
emblemaram de veios todas as folhagens da Terra
para sempre com a marca sumarenta de fóssil esplêndido
do rictus maior de tua vulva
minha seringueira sangrada
minha unha de amazona

sentada
de costas
nua
com um cinto de *cognac*
as tuas nádegas soberbas
amamentadas pela palma das duas mãos do vento
na ocultação da fúria antiga
que venha o orgasmo distante
das flores brancas opalecidas dos teus grandes seios
de piracema rosa

alva
fruta do geyser alchímico
no meio do rio de óleo azul-noite
o dorso de suas águas
espelha o céu negro imensamente royal
ao longo das margens imóveis da recordação
pontilhadas carinhosamente por desenhos de rendas e brocados
[descolorados
na carícia sucessiva do enrubecer lacrimejante

os teus pensamentos selvagens
mergulham
duas vezes no leito da correnteza
flamingos
banhando as tuas pernas de esquecimentos
duas vezes no lábio da água que passa
e teus pés de sapatos de salto-alto conhecem
o desvairamento dos seixos do desejo
mais oblongos que as elipses sensuais de tuas coxas perfeitas
abertas no x único do desmaio de cores
a clítoris pirata aluada
como o cume ondulado da procissão
dos flagelantes no auto-da-fé em Sevilha
as tuas longas meias
mais negras que os óleos do rio
acabando na cachoeira de tuas virilhas
de mármore subterrâneo
abertas como os teus dedos de açúcar
que se fecham num anel convidativo
o teu odor é o perfume da paisagem
da tua passagem oscilante,
minha tarde
de tornozelos de sombra

um tremor púrpura a cobre por inteiro abrindo os teus olhos
de litoral
de loura abandonada
no teu mais-querer.

O VIANDANTE DE BORDÃO VIOLETA

AS FORMAS DO AMOR DEVEM SE MOVIMENTAR PELOS ESPAÇOS DOS CÉUS

As formas do amor, as flores, os objetos macios e as figuras brilhantes deveriam movimentar-se pelos espaços como grandes borboletas fixas espasmadas entrecruzando os panoramas mutáveis e emblemáticos dos céus que cada dia nos é dado ver, assim, as nossas vistas seriam solicitadas variadamente pela beleza obsessiva da harmonia desencadeada por nossas paixões — as formas do amor, fulgurantes, passariam aleatoriamente entre 82 e 120 m de altura, emitindo gritos correspondentes às cores esplêndidas de suas iridescências mágicas na hierarquia sublime dos seus próprios fogos. E os seus movimentos seriam voluptuosamente humanos qual a linguagem frenética e as suas ornamentações aglomeradas entreabrir-se-iam autômatas como as luvas azuis da noite.

à Max Walter Svanberg

desmaiada
como o escriba malhado
de pálpebras cor-de-rosa
e olhos de sangue
com suas mãos tatuadas
envoltas por tiras de lápis-lazúli
gravando no papyrus
as evoluções circulares
da asa encarnada
voluptuosa
da águia
no sol de pedra
a sua língua clara
última maré
dos signos do espasmo
no orgasmo de teus dois seios duros
mais curvos que tuas ancas
de nádegas abandonadas

a grande sensação
de ver o teu pé feminino
mexer-se dentro da luva torneada
de tuas longas meias de nylon azul-marinho
e tua unha pintada de carmin
e a perna macia
que se encolhe
redonda
para dentro de tuas coxas
no gesto sombrio da lembrança
o teu pé que a suporta oscilando
no equilíbrio instável
do andar
só igual
à emoção dos ventos repentinos
arrancando inesperadamente as flores
e as folhinhas avermelhadas
de ouro queimado da ponta dos eucaliptos
levando-as num redemoinho
ao mesmo tempo e de repente
para curvá-las
uma a uma num desenho
formando no dorso do prazer da tua mão aberta num jamais
a imagem pontilhada da dama de copas
delineada na emblemática do jogo de cartas
como as de bocas de lábios de sangues

um centauro formado só de águas
de águas claras e macias
pelos torvelinhos de águas diversas
diferentes como as polpas das cores
como a louça parada
formando
as tuas duas nádegas ocultas
macias como o céu
no prazer curvo
curvadas para mim

as pétalas do amor
devoradas em tua fonte
de coração violeta
como a tua mão desnuda
nos gestos sensuais
de pegarem
espasmódicas
as cinco maçãs negras pousadas na mesa escura
e lisa de madeira
que são
as pegadas da sonhação
de olhos de sonho
e pálpebras claras
descerradas
andando
o sonho das pernas feitas de troncos de árvores
eroticamente presas
por ligas negras
o sonho que passa
lentamente
pela minha testa verde
coberta pelos teus cinco lábios circulares
pintados de amor

uma fonte chafariz de mangas descascadas
uma após outra maravilhosas
o veio do andar
de coxas sucessivas
que são as tuas pernas
auríferas
de mulher alchímica
philosophal
rosácea interminável da fascinação

arqueiro verde de folhagens
o seu arco é o lago
e a sua seta
é o teu olhar alvo
de luar
pedra redonda
que os seus gestos de flamboyant
cubram a relva
onde pousam
os pássaros feitos de nós de árvores
e das penugens negras deixadas pelos beijos da Noite

uma penteadeira toda feita de sangue
com espelhos de nuvens
onde se sentam
as memórias
nuas

os lábios negros de Osíris
e os lábios roxos de Ísis
entrelaçam-se úmidos na pube
de escamas de Iemanjá
forrada de musgo azul
cantando
curvada para sempre

através das curvas da tua imagem vista
que me olha
é que descubro o prazer
das tuas faces que me querem
do teu rosto do desejo
de máscara shaman esquimó
que se abre em três faces pintadas
de madeiras recamadas por madrepérola de marfins
atada com fios aromáticos com lábios de pedra
e duas sementes nas maçãs do rosto cortadas no formato
da própria fruta propiciatória
o coração da foca
a face que vem do fundo do mar
recoberta pelas duas que vêm do lado da Lua
unidas por contas vermelhas
que lembram os sorrisos dos lábios da Noite
a tua face minha
toda aberta
como tu mesma
na re-velação

o teu olhar pousa
violento como o abate das gigantescas árvores verdes
sobre os teus dois seios imensos
brancos

(Diana de Epheso, cintada por tiras escritas para serem pronunciadas magicamente é a antiga estátua perdida do erotismo do "saber". Aureolada e subjugada pelo peso magnífico e insustentável dos seus quarenta e oito seios macios, soberba nos espasmos. É a circumvolutionis na fixação (no sentido alchímico) do movimento dos seus seios em câmara lenta; isto por ser a redonda sucessão erecta dos seus seios o único ponto visual, de fluxo contínuo, durante a queda do (teu) rosto dentro do corpo dela. Os seios assim configurados em *doublés* mágicos remodelam o grande seio masturbado do pensamento.)

Que os teus seios se cubram de púrpura
e de vergões
mais belos
que a luxúria da ponta dos teus dedos
portadores dos perfumes das carícias
encapados por unhas carmins
e untadas
misteriosa
ser que vem
como que saída da fresta de duas esferas de pedra unidas
se arrastando na volúpia da languidez lúbrica
o dorso empinado por rins maravilhosos
com tua cauda dupla
de desejos
branca
os teus lábios imóveis de móveis de grenás antigos
personagem fascinado
com os teus olhos de felatio da aurora boreal
cintada por fitas negras e guizos pretos
espalhando a marca dos espaços de tuas coxas
na arquitetura dos fogos-fátuos do pensamento
de tua divisão ao meio pela vespa de transes
meu perfume de desmaios
andando
nua e vestida como o amor

recoberta por signos macios
trazendo na junção da parte posterior de tuas pernas dobráveis e claras
impressas as formas lilases dos lábios amantes

— a mulher andando é o amor que se movimenta

a mulher se move no amor
a mulher é o movimento do amor
a mulher é o amor amando
a mulher ama se movendo

minha amante
sentada em tuas pernas
para o meu prazer

as mãos da tempestade são vermelhas

na palma brilha

a beleza do monte de Venus

numa cadeira feita de coral submerso
onde se senta o clarão dos teus olhos
arrodillada
qual uma gata de trevas e de licor
gemendo de prazer no anel rosa pálido
envolta no prazer
que flui por entre as pétalas de couro e fumo
curtidas de sumo e de oiro
no ápice trêmulo
de tuas duas nádegas macias de encantamento
brancas e arredondadas
arminho de esquecimentos e quereres
numa só quietude
a da face embebida de álcool e flamejante
que se abre na língua excessiva do desejo
cromada de sangue de neve de mar
na coroa de guizos das ejaculatios
sucessivamente bela
e desnuda
suspensa nas reviravoltas dos movimentos do apaixonamento
presa pelas garras dos teus cílios

minha fascinação *platinum blonde* que virá

as longas meias de *nylon* rendadas
que cingem as tuas pernas iniciais de penas
e o fio de sangue
na dobra adorável inesquecível da tua cintura
mais negro que as ligas
que te dividem em desmaiamentos
de curvaturas
a tua nádega
de esbarrar na minha face
inominável
minha imaginação
abrindo-se no espaço folha de papel dobrada
recortada oito vezes em figuras de linhas onduladas
e desdobrada
dança do galo-da-serra
lúdica fascinação simétrica
com a lembrança das folhas dos teus dedos
e do hálito suspenso das furnas das matas das montanhas
curvas sinuosas e dissolvidas
a cinta elástica que a liga às formas ondeadas
arco-íris dos óleos nas ruas dos teus passeios
das tuas pernas avermelhadas acabando apenas nas coxas macias
andando flor amante aberta na tua cor íntima
virada nua desesperadamente
depilada de espasmos

um grande coração vermelho d'amor
amarrado de fitas votivas
na penumbra da exaltação
na grota atapetada por avencas
luxúria de musgos de liquens de ervas

estou recostado no ar verde das tuas mãos de carícias
jogo as cartas do baralho
o baralho é a fonte
as águas e o rio
os peixes são as figuras hieráticas
que caem uma a uma
com teus lábios bordados em suas roupagens
que ondulam
e se dissolvem nas bocas das pedras
tiro de meu rosto
tiro de minha glande
as pétalas de tuas nádegas
imensas
e o meu desejo se abre
árvore das noites da Noite
as tuas últimas palavras
estão dependuradas na gruta
bandeirolas brilhantes do enigma da fascinação
por onde circulam os gestos magníficos
dos teus passos nos sons de seda das coxas
e das pernas prensadas pela selvageria de suas próprias essências
redonda
e de calcanhar alto de rosa espatulada
tuas pernas
torneadas pelas meias cor de mate que se acabam na contenção
[escura e nas presilhas de veludo
pelas meias imantadas por vagas de cabeleiras negras
os animais saem com tuas peles da orla sombria
percorrendo os meandros do mal
veia esmeralda da madeira negra
que é a porta deitada sobre a selva
pentagramática do delta
as tuas duas faces estão caídas
por dentro de minhas costas
e os teus olhos perderam-se nos meus cabelos

da cor das resinas do entardecer
ouço os teus dois seios
mais perto que os beijos que se abrem nos mamilos envenenados
[de leite
os teus pêlos são o meu timbre de laca
dentro do cocar amarelo negro e verde
o pão branco são as índias amalgamadas
aglomeradas na orgia ancestral pânica
os grãos avermelhados são os votos de suas castidades obssessivas
à língua roxa deixada pela lua deitada
o espaço o intervalo de minhas duas mãos
é o espaço interior de um castelo de areia
atravessado pelo vôo emblemático do pássaro
que vai de ogiva a ogiva levando o fio
aracnídeo da beleza trêmula e convulsiva
do rictus espasmódico do nosso amor
(tu és)
A Dama
chegas ao cair do crepúsculo coberta com teu manto de tiés-sangue
e de ligas negras
trazendo suspensas nos teus braços nus
as oito cobras tropicais
como uma carta d'amor

as pernas da tempestade
coração de violeta
se embranquecem nas minhas mãos
de amante
mais redondas que o solstício

a barca feita de plumas vermelhas
vaga lentamente pelo rio
da floresta de miasmas de corpetes luzídios
voando sobre ela deslizava a sensação
da ave-mão negra
docemente estendida
tendo no meio da linha da vida e do coração
um pequeno sol brilhante
no anular o anel de saturno
no médio a aliança convulsiva
das línguas de pássaros do prazer
e no pulso à auréola do beijo da despedida
as luvas ocres seguravam teus seios túmidos
e todos os meus sorrisos
eram um cacho de morphos
na tua orelha queimada
querida

com o ziguezague de tuas pernas largas
os teus dedos dos pés nus banhados pela cor das espumas do mar
desenhavam a estrela de areia
no peixe-boi do sonho
com o giz da minha voz embriagada
amazona bipartida

canta, minha querida

minha amada convexa de duas lunas
no sílex a marca dos teus beijos
na corola das flores as tuas risadas
sob a minha camisa o camafeu das tuas lembranças
jóia de sangue coagulada e heliotrópios
deitada toda aberta verdade loura
nas minhas axilas a tatuagem fóssil do teu pensamento amoroso
as paredes do quarto ornadas de andorinhas adormecidas
os meus cadernos de escritura
guardados junto com teus sapatos de salto-alto de verniz
perto o espelho feito na forma do teu corpo
a janela dando para a longa raposa branca
que passa à noite com suas oito mamas desmaiadas
trazendo na memória o círculo de fogo
e tua aparição fendada

ancas de tormento
diadema
do jamais

o prato de louça cheio de sabiás
fixos nas diversas direções de seus vôos
a mão fechada em taça de folhagem
contendo fascinante água escura
da noite
no dorso da montanha azulácea no horizonte
o baixo-relevo dos teus lábios de piçarra
avermelhada e unidos num beijo
na tarde
a sensação de transe ao início do movimento do teu corpo
[fascinado de curvas
invadindo a quietude com o perfume
embriagador
das gemas incandescentes das tuas pernas
que latejavam nos jardins suspensos
onde os nossos longos cabelos unem-se em assírias tranças
[zodiacais violáceas
nas aléias
onde os chacais de duas cabeças uivam
colorindo-se de carmin
com o teu *bâton*

na
tua face de horizonte de claras montanhas azuis amanhecendo
o teu desejo vem andando
para mim é a chuvarada
que me cerca
majestosamente escorrendo
mais brilhante
que os metálicos escaravelhos
da minha memória
de caminhador solitário
timbre
do
só viandante

MENPHIS

para Alfred Jarry

O ritmo que flui das posições emblemáticas das das estrelas no céu, configura os leitos das vibrações de rosas-raiadas das constelações e suas auréolas irregulares que fremem num coração exposto extasiado de luzes na roda dos suplícios do *vitreur* de olhos de cigarra liquefeita e espatulada nos desmaiamentos do seu trinar ——
o denso canto
excessivo dourado
ritmo encantado e nigru, mágico, que é o que denomina, que dá nome às convergências comuns ao conhecimento erótico da linguagem dos três vértices brilhantes do raptus despregado, à identidade do delta fluvial *com a* tatuagem caduveo no queixo liso da índia labiada de transportes, *com o* sentido do movimento de tuas coxas herdeiras da perdição das nádegas inesquecíveis móveis rituais, *com a* pedra (negra) maçã do cóccix de pele feminina dos largos flancos macios de prantos de beijos prateados torneado pelas eclipses ininterruptas de volúpia das unhas cobertas de vinho ao redor da boca trêmula no amor antinatural e os espasmos cobertos de palavras de prazer pendentes dos teus olhos maquilados na vertigem curva, *com a* forma bipartida e única do seu próprio corpo andando, campo sacrum de minha imagem, *com o* prazer levantando o rostrum deitado e duro —— desfeita em si mesma em flores

no cimo dos altos ventos do tufo verde escuro
do bosque
sobressai-se, *sai a* ramagem antiga de galhos e troncos
[esbranquiçados
da árvore alta isolada

parecendo u'a mão branca
de ondulados dedos finos
acariciando
as ondas de perfume
que emanam das obscuras olheiras oleosas das pálpebras
[mouriscas do sol

você é a sempre viva
floresta triangular

A TABÚ LETA

compram-se cabelos

confissões de noites de corpos virados
entreabertos de paixão
morrendo a vida em beijos
scelleràtos

ombros desmaiados de sépia em água e pudor
os teus pálidos pés de arbusto que me masturbam
vendo-a

o teu retrato mediúnico
é o arco retesado aberto na espuma em plena rebentação
cachoeira de espelhos alvaja loura
tuas nádegas de índias
na sombra aurífera
queimada de vários sóis
à volta dos olhos d'água do mar
a margem mágica da pintura de sombra azul
os bichos de seda e as amapolas
delineiam vagarosamente a tessitura aromática
dos ideogramas tribais da noite
bororo, a virgem envolta de plumas alvas algodão e ligas de lã
o jovem morto escarlate e ambivalente, velado
sete pranteadoras nuas dando as nuvens de seus seios
num temporal
o canto das longas flautas de bambu
e a voz superposta da cantação as favas de tintura
os vasilhames inscriptos as mãos feitas de redes
são as mãos das amantes segurando sonambulicamente a ponta
[torcida
das redes onde seus próprios corpos abraçados
tangem enlaçados
o gosto de azinhavre da folha aberta da vulva aveludada ave chama
[úmida
trifoleado lábio d'ísis extenuada
a língua da ventura multiplicada e doce

germinações pentagramáticas de cobre verde
as jóias colares contas placas de conchas
caramujos e sementes são os gorjeios dos pássaros estigmatizados
[de cores puras anil
lacres
as penugens violentas de armas brancas
a loucura das feras domesticadas
e o vão das tuas pernas maravilhosas
mais desejadas que os líquidos de tuas meias de verniz
é um tamanduá transparente
a plumagem magnífica das ejaculações
acasalamento dos vocábulos puros da união selvagem

o rictus mortis do teu ânus
ao redor de toda a vida do meu phallus
deliciosas brancuras brancas macias redondas
a tua bunda oculta

sombras as caveiras de tuas cabeleiras esvoaçantes
mais negras que o saber de tuas pernas de penas
abertas na rua da chuva
na noite da desplumagem violenta
do *bâton* escorrendo pela liga
negra das tiras
da tentação
oral

minha coleção de olhares
dentro do copo d'água
cheio de água
minha
mulher amando desesperadora
brilhante de lábios convulsos
em temporal
coluna de vidro lenta
a transparente

vejo-te inteira coberta de vestes lindas a tua imagem
abrançando-se de prazeres no turbilhão
vejo as tuas pequenas donzelas de rostos ovais
machucadas
que te circundam envoltas por bolhas d'água dentro do copo
desmembradas e suas linfas partidas
os fios de mel que ligam os seus ossos brancos
e suas formas movimentando-se amorosas
no cortejo
A rubra
vejo os teus dedos
finos ruborizados e curvos de êxtase
os teus pequeninos animais os hipocampos do teu sorriso de
[pré-amar
a fera longa toda alva passeando com suas tetas duplicadas
na distensão mágica de seu corpo macio
os fantasmas de aveia
a hiena heráldica e a luva suspensa
na insígnia com framboesas de bronze
mordidas pelo crescente num campo negro
o cavalo de dois albos seios empinados
branco de dia e negro de noite
luzente qual vagalume
nas trevas das línguas verdes da floresta aberta
as tuas sandálias de peixinhos neon para teus pés duros como
[fêmures phállicos
onde se mexem teus dedinhos seios
a opulência dos teus seios glaucos
teu colo bacchico de santa do amar

AS CARTAS / LES CARTES

cor velha azul-celeste clara
das portas
da tua habitação casa longa baixa caiada
onde crescem cerâmicas
licores verdes escuros e sucos guardados
moringas com fitas de água
entalhadas com figuras mortais
do musgo sagrado *cuchimilco*
jarra embriagada ave ancestral meu brasão
casa encimada pelo losango *voudou*
dos três corações de paus
cruzeiro
de haste negra
fina
de ferro gaivota
tua cama leito de *pendu*
as copas pretas os tachos de cobre
as mãos da papisa
mais lindas
que os fragmentos mágicos das conchas
pintadas de brinquedos reais pelas águas verde-mares
nos colares de sereia das praias
presenteamento da consciência erótica
das bordas marítimas
que sentem o oferecimento ondulado
dos teus saltos
ondas
morada
em cujo centro jardim de madeiras
está a sela tenebrosa
— os teus pulsos dos ritos do couro
claras e moles nádegas claras quadris
baía do teu olhar
coberta de rastros
do mar
na laguna as coxas queimadas sobre as águas suspensas no céu
imensas e deliciosas grandes como a ilha
vivas
adormeciências do sol
os teus olhos meus
funda conjuctio opositorum da morpha branca com o mar
oceanus sublime

EU SOU

seios de açúcar, seios de sal
seio de cacau
as redes sórdidas e os véus rasgados
franjas dilaceradas suor fumo
que se unem formando
os dedos negros do ex-voto
Macao
bambual os delírios

OS

os
teus lábios superpondo-se bananal phala
simulacro contra/luz úmidas
achas de carne selvagem
tuas coxas duas a duas
contemplam-se no frêmito
terrivelmente belo
da violação
bem as quereres
puras redondas imaculadas
sumindo-se nas pernas folhagens
negras meias de pássaros dissolvidos
em *nylon* biscoitos na caixa
de música da tua cintura
envergadas mais que longas extensões
ondulada passando
andando
toda aberta nos teus dedos de dores
gata opalalpar

A MNEUMONIA DO FASCÍNIO

âncora feita de nuvens
afundada nas especiarias
dos teus braços
altar de axilas
a tua axila esquerda esfumaçada
enigma de fios de fumo
seio bêbedo

TU MEU ANEL

crimen virgindad
Octávio Paz

entre a bússola e a roleta
a diferença colorida
é o convulsivo movimento *art-noveau* da mão feminina
luva de manteiga animália
polar da noite

tuas pernas península
os teus pés de debaixo dos móveis
trazem os saltos abismais dos azuis
o odor dos perfumes submarinos
o olhar da concha

tuas pernas península
os teus pés de sapatos sob as mesas
trazem os saltos abismais dos sons azulados
o odor das longas meias noturnas
o olhar da concha

minha amada, minha pedra
o *crimen*
deslumbra o Amor

é preciso
um corpo abandonado
de paixões de brancura enorme
remanso onde os desejos sejam solitários
da cor das grandes borboletas da noite
que voam nos cimos iridescentes do perfil
da floresta
donde caem as sombras
da solidão

que se afastem os delírios da comunhão
os duendes dos lábios dos beijos
que se afastem as inquietudes da felicidade
que se afastem os dedos vermelhos da glória
as calmarias das palmas da mão
que só restem o olhar tenebroso
e a oferenda redonda

eu quero
que as tuas coxas sejam bordadas pela melancolia para sempre

AS INICIAIS

os pés
dos piratas do além-querer
feitos de cabelos luzidios
negros de cabeleiras femininas desfeitas
as mãos macias de farelos
da freira paramentada de amor
as ferramentas da penumbra
e os olhos endoidecidos
os calendários
que maldizem
repletos de dias de flores e de frutos
e os animais da tua lembrança
adormecidos na calçada
como o sol
pousando no mar
tesouro

ROSA O ENTARDECER

as águas de teus olhos
estendidas são tuas duas mãos lado a lado
na mata
no canto da morta luzes
perpassando córregos
pelo filtro de barro verde
garrafa floresta
ah, tuas coxas da cor do vôo dos pássaros!
também ocultas boca de ave
teu perfil e as folhas de teu corpo loura mata
mata
mata de folhagens
mata coberta de orangotangos desmaiados
de árvores inteiras úmidas e de flores verdes
de sagüis cobertos de espumas de sabão
magníficos com seus olhares claros
estrelas do mar
seus membros os guinchos estridentes as frutas e a sombra
do mormaço musgo esverdeado lindo
frenéticos na tua beleza imensa
de cadência de colorido infantil
de visão desdobrando-se
de prazer
manduruvá horizonte

O CACHIMBO DE MARSHMALLOW

as brumas do teu corpo
fumando as névoas da serra do mar amolecida pela tarde
com as unhas *platinum blonde* dos pés da Marilyn

meu cachecol de neon
as madeixas dos cabelos estendidas douradas nas sombras de
[acrílico
das tuas têmporas suaves e de fios azuis meu filme mudo repetitivo
das flores de couro que te vestem tiras as mãos espalmadas de
[arco-íris

ah! as ligas negras ao longo do teu corpo mapa do amor
as dobras de adoração lenta
e a cor macia que é a tua forma meandros lindos e mais as margens
do prazer
vinde a mim a ponta rosada dos teus seios logo depois as tuas
[nádegas brilhantes

cortejo de moldes

minha costureira tribal minha sentada minha tecelã
minha tapeçaria cilíndrica filigranada de medalhões e lábios
e gotas de pérolas de suspiros minha amada de queixumes
cerzideira de nuvens maquilada de tons alaranjados
esplêndida duplicata

aquela que vai se abrindo doce como a chuvarada
a passante dos meus olhos marejados de outrora
com o teu canto redondo
inexplicavelmente suscetível da cadência de recordações a
[lembrança
nas reverberações-floresta amarilis que surge das páginas de tuas
[pernas de *nylon*

minha correspondência guardada a mesma
sempre a mesma fascinação
que me bebe

mulher desfalecida pelos cabelos
quiromanta das águas envolta nos teus corpetes de organzã de
[marcas de café

pétala cor-de-maravilha cremada mansa
nos dedos apassarinhados do meu sexo
que sabe o teu esquecimento

seguros os teus cabelos pelas minhas mãos, cobrir o teu rosto de
[água ejaculada
lagoa carinhosamente translúcida e no leito úmido o teu sorriso
desenha-se na areia fina sob o reflexo da minha face a mais bela
[olhando
o perfume himmenso da profanação

as flores são os anéis para os teus dedos maquilados
na tua aparição deitada no teu próprio corpo voluptuoso e liso
desnudada pela ondulação noiva erecta de mel

— o rito kinematográfico refletido nas pupilas lésbicas
dos teus olhos assombrados de prazer
tu mesma vendo a dança do teu corpo despido de pernas
espelhantes como a música do suor do teu sexo oculto
contempla-te em mim teu contemplador
eu sou o duplo da tua imagem projetada
mais maravilhosa que a véspera
que a dádiva que a florada
aquele que vai amá-la com línguas carmins

lucerno, mulher-eco florindo em sangrias e transpirações e
[suores louros,
encabelada maravilhosamente as viradas
de tua cabeça cingem tuas ancas de oscilações
do sacrosanctu beijo *beige*

minha santa autômata sonâmbula de ciúmes das tuas carnes de
[dolores
eu quero os rastros de cadências da tua passada enluada
e as tranças de imagens negras das tuas madeixas
desfeitas numa estrelada cabeleira de cortesã espartilhada!

oh corpo do meu não-etendimento
a solidão da tua volúpia
te cobre de mantilhas e pulseiras
de framboesas e âmbar o gozo da tua própria forma
mais brandas que tuas duas nádegas
se revela no movimento mágico
da tua figura
bipartida
de latências e fascínio-início

mulher ofertada
de braços falantes como signos do lasso
macia e branca
deixa que te cubra de limo
e olivares
e meus olhos serão mais curvos
que os teus seios apaixonados

os teus sapatos de leite parado
na tarde como bosques entardecidos de recordações
e o gesto alphabético do teu vestido de verde cádmium
a tua passagem semeada pelos teus brincos sorrisos talismãs da
[vida propiciatória

nada se perde nada se ganha apenas
o passeio do teu corpo florido
pela minha vida coberta de cores
me deixando
o cinto dos desejos
para a minha única cintura

minha mulher verão com seios de manga

zarabatana de luzes estroboscópicas bandeja macia de amor-perfeito
os teus joelhos redondos e moles de *boomerangs* cruzando-se
de flâmulas inclinadas de coxas folhas iniciais
da árvore que dá os pássaros
antes e depois da revoada do fim da tarde com a cor de tua face
os teus olhos debruçados no nível do mar

perfumada
para sempre

uma casa feita de luminosidade negra das sombras de pernas
[amando
com cortinas de movimento das marés com véus de odaliscas
[embriagadas
mobiliada de vidros e laranjas jarras floreal
tapetes cadeiras bancos e mesas usados as portas e os abraços
fotografias ampliadas e recortes inesquecíveis
o jazz que se lê com a mesma recordação das tuas cartas
as palavras mais lindas escritas por tua mão
tua mão infantil e deliciosa
minha lembrança
as tuas memórias rodopiando
com o mesmo aroma de teu perfume machucada de amores

as nuvens caminhando pelas estradas de terra da alta montanha
e os horizontes azulados rodeando o olhar suave
minha fada de capim orvalhada

minha mulher coberta de frêmitos e de céus

MISS SANGUE

as tuas jarreteiras dividem os dois mundos
anel azul claro
em dois hemisférios de prazer

as pintas de beleza da tua pele
nos olham do estigma
com a face mais pálida do orgasmo

beijo como os lábios teus minha chácara em brumas

A LONGA DESMAIAÇÃO

"É impossível
acariciar a amada
sem 'imaginar'
seu prazer."

René Nelli

O CORPO SIGNIFICA *

(*)publicado pela Edart — São Paulo em 1976.

"A mulher é o alimento corporal o mais elevado"

Novalis

"Devemos comer de novo da árvore do conhecimento para retornarmos ao estado de inocência"

Heinrich von Kleist

"Originality of imagery is not important — collage of existing images has proved more fruitful than creating fresh images in evoking consciousness to transcend artificial boundaries of 'reality'. Hence Duchamp's statement that *'art is not a creative activity, but a mean to expand consciousness'*

John Lyle

O olhar, no amor, é definitivo.

O jeito de olhar é o jeito/expressão de ser.

O fazer é o desenvolvimento do pensamento.

A atuação circunscreve e o sentido abre o campo da arte.

A atuação: "só quem sabe faz, quem não sabe não faz" (REX).

O sentido é a intenção (em tensão) que se forma, alargando o apoio do pensamento inicial.

O sentido é ritmo.

(O sentido é relação).

O ritmo: trata-se do feminino.

— as formas do corpo definem o ritmo. Assim suas formas assumem, partindo do amoroso, uma significação de conhecimento.

Por exemplo: andando, simulacro de si mesma, ela me emblema.

(note *andando*: a trajetória é importante, pois é o debruçar-se sobre que a configura/

A REPRESENTAÇÃO)

O corpo (da mulher) significa.

THE BODY MEANS.

XV A MULHER ME EMBLEMA

A mulher me emblema porque ela é o meu emblema,
o emblema da fascinação.

A mulher é a figura do querer.

O feminino ('la ligne du coeur') como campo heráldico
— o corpo de belezas
— contrafigura do meu corpo
— as suas formas (marcada de formas)
— objeto magnífico de um sistema passional.

Notem-se as relações entre
as essências femininas e as formas do corpo da mulher
entre o sangue e/ou o sagrado na linhagem feminina
e a conotação do princípio feminino como linguagem natural
do mundo fascinante.

A MULHER É O CORPO DA FASCINAÇÃO

XVIII O CORPO / A ATENÇÃO AMOROSA DA VISÃO

O corpo / a atenção amorosa da visão

"A irrupção do agora significa a aparição, no centro da vida contemporânea da palavra proibida, da palavra maldita: *prazer*. Um palavra não menos explosiva e não menos formosa que a palavra *justiça*. (...) A definição do homem como um ser que trabalha deve ser mudada pela do homem como um ser que deseja. Essa é a tradição que vai de Blake aos poetas surrealistas e que os jovens recolhem: a tradição profética da poesia do Ocidente desde o romantismo alemão."

Octavio Paz

Daí o corpo da mulher, região da beleza
(a paisagem natural/feminina do humano)
ser o apoio sensível
para a expansão da consciência-amorosa.

O corpo (da mulher) / figura a fascinação

o teu corpo, emocionado de amor
signo vivo da fascinação
coincidentia oppositorum
ideograma e som da paixão

Basicamente, a arte / 'devotio'

é o extravio pânico,

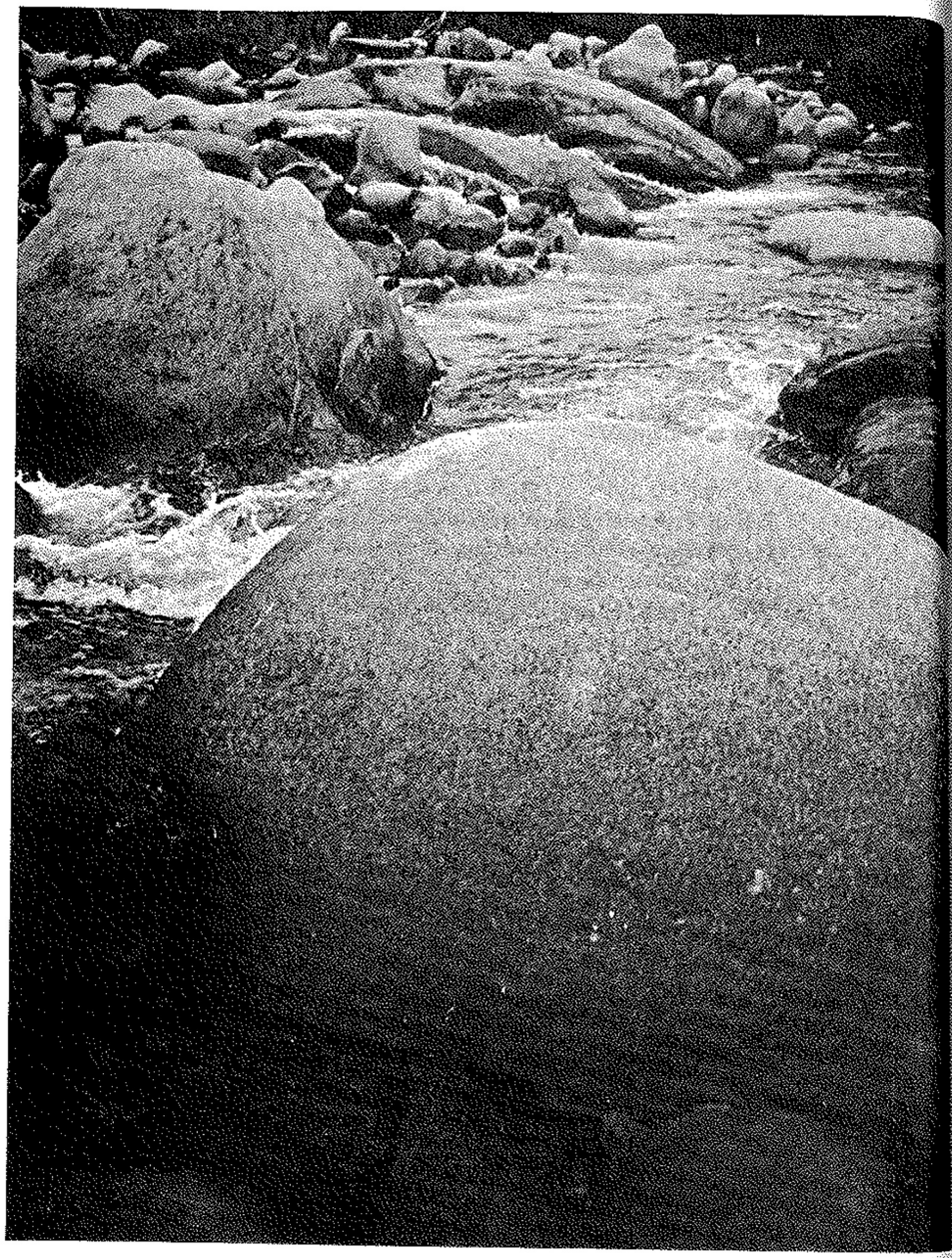
e o lugar deste extravio

é (o corpo) a consciência da natureza

i.é., o *reflexio*.

"NO REINO DA IMAGINAÇÃO
TUDO AQUILO QUE BRILHA É UM OLHAR"

Gaston Bachelard



"É sob a tez enegrecida
do Árabe-Beduíno
que é necessário procurar
o modelo e a pátria
do verdadeiro amor."

Stendbal in DE L'AMOUR

"O amor,
seu começo é uma loucura
e seu fim é uma morte.
Aquele que não morre do seu amor,
não pode dele viver (. . .).
O amor é toda uma vida."

texto de Ibn Al Faridh,
Sultão do Cairo, circa séc. XII

tua mão pesada de carícias

me acaricia

o vidro se faz assoprando
e a ágata lambendo

O SENTIMENTO É O OPOSTO DA REALIDADE ESTATÍSTICA *

É o sentimento que define como única
a sua vida e o seu trabalho.
Assim, toda obra, como todo amor,
requer esse sentimento.

(*) Vide os comentários de Marie-Louise Von Franz in PUER AETERNUS (Spring Public./1970), quanto às implicações do pensamento estatístico no caso de experiência pessoal do humano, por exemplo a do poeta Gérard de Nerval (pág. 18/19) onde ela tem oportunidade de frisar que "portanto o sentimento estabelece *o valor único dos relacionamentos de uma pessoa*, e quebra o feitiço do pensamento estatístico, o qual trabalha contra a própria pessoa".
Com a seguinte expressão:
'That is how I intend to live' / ASSIM É COMO EU QUERO VIVER.

> "(...) o estágio psicológico adulto, aquele onde se está constantemente nesse conflito, com obrigações para com as figuras do Além, no caso, para com o inconsciente e para com a realidade humana. Ou seja, se um homem tem uma obrigação para com sua alma (isto é, a sua parte de alma feminina) e também para com a mulher, da qual tornou-se amigo e casou, ele está dentro da típica situação de dualidade da vida — onde sempre existe um real conflito e uma dupla solicitação, e onde está sempre dividido entre as obrigações deste lado da vida e às do lado íntimo, ou melhor, às do outro lado. Isto seria a compreensão, ou a crucifixação, ou melhor a verdade básica da vida: a vida é dupla e é uma dupla obrigação."
>
> Marie-Louise Von Franz, ob. cit.

As experiências extremas são o segredo,
aquilo que não se repete.

> "A experiência do Eu não respeita o próprio, pois geralmente surge de novo nesses desesperados momentos quando uma pessoa já não a procura mais. Ela dirigiu-se, por ex. para uma direção completamente oposta a desta busca e, de repente, vê-se defrontada novamente por essa experiência numa forma diferente. Note-se pois que é porque (a experiência do Eu) é vida, é a própria renovação da vida e o fluxo da vida, que ela *não pode* repetir-se a si mesma. (...) O único caminho é virar-se e não olhar para trás nem nem um minuto ... (se a pessoa estiver constantemente desejando *recapturar* a experiência anterior, será fatal). A pessoa tem que ser ferida para, depois, tornar-se uma pessoa que pode curar."
>
> Marie-Louise Von Franz, ob. cit.

Ninguém torna-se em um ou outro
(amado ou amante)
sem antes ter sido ferido.

"A paixão difere do erotismo
apenas na sua orientação inicial:

— a paixão utiliza principalmente *o imaginário do sentimento*
enquanto que
— o erotismo utiliza *o imaginário da sensação*

(...) O sexo da mulher é *o corte sempre aberto*
que o homem lhe fez."

René Nelli in EROTIQUE ET CIVILISATIONS (1972)

Observações sobre o gozo por René Nelli (ob. cit.):

"O gozo (o prazer sensual)... depende da *necessidade*;
existe em função de sua urgência,
de sua tensão.
... e se libera um pouco da tendência que o anima
(o gozo por sua própria natureza procede do imaginário)
é apenas na medida em que se entrega à uma
sonhação *ativa*. Pois, o gozo não passaria, facilmente,
por si mesmo como Imaginário, caso não fosse levado
a isto pelo movimento e pelo ritmo,
tão característicos de sua *discontinuidade*
— os quais, precisamente, o implicam num *outro tempo*,
num tempo que é mais sonhador (...)"

"O prazer amoroso (perder a consciência na volúpia)
difere do prazer de procrear (necessidade)
nos seguintes pontos:
— o prazer amoroso não obedece a mesma *finalidade*
— o prazer amoroso não possue a mesma *significação mítica*
— o prazer amoroso não tem o mesmo *conteúdo imaginário*"

"É impossível acariciar
a amada sem 'imaginar'
seu prazer" *

(*) Ob. cit., onde também lemos que "As civilizações indianas e chinesas concordam em atribuir ao prazer sexual uma natureza simultânea, real e imaginária, o que quer dizer que elas descobrem onde está o gozo, isto é, no *movimento*; ou seja, ao situar numa duração rítmica (a qual só possui significação para a imaginação que então se estabelece) e a o proteger por um conjunto de técnicas tendo por objetivo provocar o abandono do espírito no onirismo erótico."

deslumbrados em nossos olhos ternos
envoltos na grande quietude de nossos abraços
sentimos o chamamento
    da carne

suave palpitação do impossível

a familiaridade anímica
funda intimamente a troca dos corações,
estabelecendo a simpatia
a partir da qual o amor é possível.

OBS. "(. . .) A verdadeira identificação anímica (do amor partilhado) (é a) que consiste simbolicamente e realmente numa troca de prazeres da mesma essência."

René Nelli in ob. cit.

Para nos aproximarmos em verdade
das implicações profundas do relacionamento amoroso
do par, é necessário tanto
a noção do *amour courtois* dos trovadores
como a da *devotio*. *

Vide amor como um dedicar-se.

(*) Cf. verbete 'devotio' na ENCYCLOPEDIA OF RELIGION AND ETHIC de J. Hastings

A erótica do amor partilhado, qualquer que seja,
subsidia o erotismo como uma totalidade,
o resto são exercícios.

"O erotismo só é amor se for paixão, e o amor só é paixão na medida em que é erótico. (. . .) Tanto o erotismo como o amor falecem sem as perspectivas imaginárias que lhe oferece a adoração exaltada."

"É impossível separar o lado de fantasia do seu lado objetivo, porque o amor começa e acaba no imaginário, a igual do gozo."

René Nelli, ob. cit.

a função do amador
é a de estabelecer

a feminilidade convexa da amada

A LIBERAÇÃO DA MULHER (NO AMOR) ESTÁ LIGADA À LIBERAÇÃO DO PRAZER

Nota: "... historicamente, a cortesã representa o tipo mais evoluido da mulher, o mais consciente dos poderes eróticos, o mais cultivado e o mais feminino."

René Nelli, ob. cit.

A mulher precisa liberar-se
a começar e principalmente
no leito.

A mulher precisa, para começar,
liberar-se de si mesma. Ela
precisa aprender a ser feminina
em sua totalidade (e não como o
'deve ser' dos homens), alargando
o seu amor.
Revelando-o, revelá-la.
O uso do seu corpo tende a ser
maravilhoso.

Tida como ponto de partida,
o ponto de luz, pelos maiores
pensadores que se debruçaram sobre
a condição humana, só ela pode
irradiar a beleza:
maravilhar a vida.

"As relações carnais não provam o amor", René Nelli (ob. cit.)

É apenas a 'intenção do amor',
(e não de copular, como frisa Nelli)
que pode abrir o ato sexual
para a plenitude sexual de toda
uma vida amorosa.
Vida esta a ser vivida intensamente
com o carinho, a ternura e a paixão
de um dar-se mutuamente,
sem condições.

Participando às experiências carnais
da mulher, o homem como ser permitiu-lhe
obter a consciência total de sua
volúpia.
O homem só ultrapassa o umbral do
gozo quando *passa*
para o outro corpo.
O ato longo possibilita
o relacionamento (amoroso) harmonioso
entre as sexualidades
masculinas e femininas,
servindo à mulher,
pois,
O ATO LONGO PERMITE
A ALMA AMOROSA DESFALECER
NA MULHER, E VICE-VERSA.

os olhos pousados no vazio
e de repente aquela árvore
toda florida de folhas azuis
como a memória
de ti
minha índia

as carícias
das mitológicas gemas abertas
nas transparentes mãos redondas da terra

as ágatas deitadas de prazer

O CORPO-FECHADO DAS PEDRAS

"Reconhecer a beleza guerreira de uma armada
que avança para derrotá-lo, ou que vai ser derrotada,
é dado a poucas pessoas."

Kostas Axelos in LE JEU DU MONDE

A LONGA DESMAIAÇÃO

"as relações
estabelecem a harmonia
das formas / da paisagem"

S. Lima/'72

"a distinção entre o natural
e o sobrenatural *exprime a*
perda do sentido (sagrado) da
natureza"

K. Axelos in LE JEU DU MONDE

As realidades superpõem-se umas às outras
com certa facilidade. Os seus contornos
encaixam-se dando à luz os ritmos íntimos.
Minha arte resume-se em estabelecer harmonias.
A linguagem é o sentido.

Trata-se de hieroglíphos * do Desejo.

(*) Vide a linguagem de imagens da 'língua-dos-pássaros'.

A Aranha é a representação suntuosa
de um pequeno anel de elástico *art-nouveau*.

ampulheta de veludo
da cor de todos os seus seios

mole ampulheta druídica
corpo
amado

a idéia *corporeus* da ampulheta é a sua *crux*
de nádegas e colo

esferas de vidro de mau-olhado
no meu céu escarlate de lábios
que contam agouros

grudadas
em forma
obscena

numa vinha azul
lamberei as grandes folhas de suas nádegas como um redomoínho

como a lua, as plantas são superfícies
de respirações que comentam o perfume
e outras lembranças

os corpos são lembranças

o movimento é conhecimento sensual *

(*) "nada mais que apenas a olhando,
a doce sensação de veludo que ressente uma coxa feminina
quando sua companheira a acaricia ao andar."

Joyce Mansour in ÇA/'70

A SEXUALIDADE IMPESSOAL INERENTE AO ÍNTIMO FEMININO EXPÕE A MULHER AO DESVARIO DO SABER AMOROSO

Vide o dar passagem:

"A principal divisão do *animus* na mulher é idêntica a da *anima* no homem. (...)
• O *animus* sensual contém as manifestações físicas do poder e da agressividade fálica. (...) Este *animus* sensual é o domínio dos tenebrosos deuses fálicos: Priapus, Dionísios, Hades. É o Phallus que propicia o fluxo perene da vida. Ele é impessoal, não-humano, inapelável. É a fonte geradora de todos os desejos humanos, do mais elevado ao mais baixo, volúpia, paixão, exuberância, êxtase. Sem ele nos tornamos frios, secos, estéreis como um confessor. Se uma mulher não tem conexão positiva com este aspecto sensual de *animus*, não pode ter, por conseguinte, um relacionamento vitalizador com seu aspecto espiritual. (...)

• Não é possível para a mulher chegar a ter um relacionamento criativo com o *animus* espiritual caso ela não tenha uma conexão de adoração e de amor com o Phallus, com o poder sensual impessoal que o seu próprio ser compreende. (...)

• Se bem que nossa cultura tacitamente aceita a necessidade para liberar mais a expressão da sexualidade nas mulheres, não há qualquer ritual pelo qual ela possa experimentar isto totalmente, sem culpa ou humilhação. Além do mais, *não é a expressão mais livre de sua sexualidade que a mulher precisa, porém isto sim um ritual sagrado* onde ela possa fazer a oferenda deste seu aspecto de sua sexualidade às deusas. Ela não pode servir verdadeiramente o princípio de eros até que esteje desatada da garra de suas paixões.
Em contraste com um rito sacral, as expressões profanas da sexualidade, entre as mulheres modernas, não promovem a transformação de eros que ela precisa com vistas a manter um relacionamento de amor com um homem.

• A atividade imaginativa fica obstruida se existem pensamentos ou imagens que estão interditados de entrar na consciência, no consciente. (...) Uma mulher nunca poderá realizar seu potencial criativo e sua individualidade se der passagem apenas a uma sexualidade relativa, isto é se permitir apenas que uma sexualidade aceita venha partilhar de sua consciência."

Robert M. Stein in THE ANIMUS AND IMPERSONAL SEXUALITY, Spring '70

Como diz E. C. Whitmont
'love and agression are secretly the same'

e tece os seguintes comentários:

"O senso de si-mesmo como um ego é baseado
na experiência (ou experimentação) da vida em um corpo."

in THE SYMBOLIC QUEST/ Spring Publ. '69

"Nas antigas sincronizações mitológicas,
o conhecimento indica que amor e agressão
são secretamente o mesmo (a flecha de Eros)
(...)
Amor não é paz estática
mas envolvimento com e contra o outro."

"A magnética compulsão fascinante de nossas energias arquétipas ('numinosum'), não podem ser aniquiladas ou destruídas por uma desatenção qualquer da nossa força de vontade.
(...)
Primo: a agressão transformada é o material primário do relacionamento.
Secundo: a transformação (deste material) ocorre pela virtude de uma ritualização. *
(...)
... o funcionamento do fator inibitório e transformador na agressão (...) depende do encontro individual/ cara-a-cara em sua forma ritualizada."

in ON AGRESSION/ Spring Publ. '70

(*) Observa ainda que "no homem, a criação de um ritual (ou de uma liturgia) é comparável a criação de um trabalho de arte.
Com frequência, realmente, é um trabalho de arte e constitui, assim, um valor cultural coletivo, enquanto que, ao mesmo tempo, serve para canalizar e integrar as outras e diversas necessidades destrutivas."

o corpo amoroso é pânico

Vide Pan:

"Quando Pan morreu, também morreu Echó; não podíamos mais capturar a consciência através dos espelhamentos (das reflexões ou ecos) de nossos instintos.

• Quando o humano perde a pessoal conexão com a natureza personificada, e também com o instinto personificado, a imagem de Pan e a imagem do Diabo emergem. (. . .)
O 'Panic' existirá sempre porque está enraizado na natureza humana como tal, como fundamento. (. . .) 'Panic' . . .é uma direta 'participation mystique' com a natureza, uma participação fundamental, e mesmo uma ontológica experiência do mundo que é tão vivo e tão temeroso.

• Nós nos esquivamos do medo pela manipulação da sexualidade, propiciando com isso o surgimento de Pan que gera a masturbação e o pânico.

• A verdadeira transgressão é o potencial que contém todo impulso sexual. Toda ereção pode libertar Pan, pois implica sempre a necessidade por uma defloração psíquica.
(. . .) Em alquimia *sol* ama *lua* e *fogo* e *água* se abraçam. Em mitologia, Pan deseja ninfas.

• Não há acesso à mente da natureza sem conexão com a mente natural da ninfa.

• Constelando Pan, a masturbação nos traz de volta a natureza e sua complexidade 'into the opus-contra-naturam of soul-making'."

, James Hillman in PAN AND THE NIGHTMARE/ Spring Public. 1972

Pan, o Deus de origem obscura

• sob a tutela de Hermes obteve as atenções de Dyonísios.

• foi identificado na Antiguidade com as seguintes qualidades:
'niger' — 'instabilis' — 'lubricus' — 'rusticus' — 'brutus'
'nudus' — 'nocturnus'.

Note-se que *niger* e *instabilis*, na Alquimia, são características femininas, enquanto *lubricus* e *rusticus* configuram a imagem do 'Homem Selvagem' via Heráldica, e *nudus* e *nocturnus* conotam aquilo que é lunático e o 'mare';
brutus refere-se à violência.

• o seu fundamento negro/nigru
informa sobre o fascínio desta cor ou elemento (ou sombras) na vestimenta 'de baixo', 'íntima',
da mulher-desejada. (Vide ligas, meias, etc.)

• uma das raízes etimológicas de seu nome (em bizantino)
é a mesma que veio dar em 'boots', bota, botina, sapato.

As nymphas (the mistress) teriam em seu extravio e/ou perseguição fascinada nos campos e bosques, os seus pés cobertos por folhas maceradas (mascadas), daí a extensão para a idéia ou forma das meias de seda e *nylon* que são folhagens ou sombras ocultadoras em suas pernas, ao mesmo tempo que seus pés se vêem coroados por sapatos de salto-alto ou cascos/cascas de pânico.

o corpo amoroso é pânico,

brancura lunática

o andar agressivo,

vide:

"Na existência real é conhecida (mal conhecida)
a gamação de Shakespeare por uma dama obscura (the
Dark Lady of the Sonnets), (. . .). Cristalizada em sonetos,
a dama escura chega aos nossos dias na integridade de seu
porte racial: 'My mistress when she walks treads on the ground',
ou seja, minha amada ao andar pisa o chão com vontade,
ou em linguagem mais mestiça, minha amada ao andar
sapateia no chão.
No Rio, onde podemos ver a contaminação social
da mulher branca pela mulher negra, a pisadura feminina,
diferente de todos os outros lugares, é uma encantadora e
despudorada promoção pessoal. Foi a mulata que transmitiu à
branca a tentação desse andar sem reservas, esse progredir
sensual do corpo inteiro, (. . .) Baudelaire gravou o friso
escultural do caminhar da mulata: — 'Même quand elle marche
ou croirait qu'elle danse'/ E mesmo andando, ela dança."

Paulo Mendes Campos in Rev. MANCHETE/'73

vide também

a analogia entre o sapateiro e o alquimista
num o Pan e a cortesã, a caixa de Pandora,
e o sapato para a perna 'invisível' da nympha
noutro o artífice do couro (roupa de Pan)
os desenhos das botinhas e dos saltos-altos,
Pomba Gira e Yara, as relações entre *sapato* e *andar*

a mulher andando
requebrante em seus saltos-altos
simulacra em si mesma
fascínio e feitiço
dobras que a transcendem, gesto perdição

suas coxas
são duas amantes ligadas
por meias
que se unem enluvadas
num só beijo
o floreio denso
de suas nádegas desmaiadas

marche
le corsage (vers) carnage
charme

le vêtement est rose
merveille le merveilleux
jersey
noire lingerie
mauves courbures
organdi
soies liberty
étoffe vergée pistile damasqué
satin feu
dogaresses vénitiennes trésors de la soirée
gants en peau de chamois à trente-deux-boutons
fuites moirées
échancrures
jarretières
ultime fleur
la fourche moulée aux abîmes la chair du rêve
moule double revenant de la rêverie même
sombres bagues
au col blond
dentelles de chantilly aux épanouissements de tes hanches
rondeurs doublés en lacets
comme le jamais à la pointe rouge du seins
et les escarboucles erratiques de ta chevelure rousse
égaré dans ton corps lys tombé en pâmoison ramageant
du velours plus douce que l'effeuillage même de ta robe lamelleuse
langueur ronde de ta pierre molle aux cuisses gisants ourlées de gui
visions
avec la tournure ruisselante des moitiés de pommes coupées nettes
défendues comme les caresses qui montent la nuit désormais
[de ta voute à plein cintre azurée
victoria au jus pressée par des souvenirs humides
les lévres tendres de l'attente moucherolle déliée en diadéme rose
de longs gémissements jaillissants de tes ornières fardées d'azur
[et de cernes armoiries
frémissant foyer bleu de la morgue de ton regard éventail
[des draperies sauvages
aux ébats des flamboyants ma trés chère charmeuse de serpents
tes bras mon tableau vivant aux bracelets lazuli
aux mains claires dépliant les lettres
au coeur battant

au milieu des orages éblouissants de tes yeux nue dans la selle
tes yeux qui rôdent autour des fascinations tes sorts dans la soirée
la route ardente et le parchemin de tes pas sublimes
celle qui est-là la femme entière comme un doute profond bissé
la fête les dos aux crinières de désirs beaux comme le promenoir
étoile du matin ficellée comme la veuve plus blanche que jasmins
écartelée
la légende de tes seins superbes d'opulence
à la promenade gazée de souples poitrines directoires
et l'élan de tes seins gonflés inassouvis comme de prémonitions
[et perlés de joies
naissance cambrée la source aux vermeilles
qui donne la croupe nacrée
la haute esse chute des reins
les jambes gantées aux parfums du soir
les mollets fauves
d'or
fée béante hantée d'amour
aux traces de paradisiers de rendez-vous et de pêches
duvet cramoisi
le sceau de l'offrande vivante tournée en verrière
reine à haut-talons plus minces que tes doigts grenats tremblés
rennes rouges sombre la bride à la main la manche livide du balais
l'envol envoûté de l'invitée au bal le bouquet sanglant
coeur de ta bouche rose aux abois
embrasse-moi braise ardent
tableau mouvant le verdale et les demoiselles sur le dallage
[vert-foncé
qui se dressent sur leurs pointes rosées
les salles d'armes troublant les salles-de-bains
la rosée fourrure éperdue de celle qui s'avance vers
la démarche dressée au loup le seuil de l'image
poire détachée de la nuit
la pluie parure de ta voix coulant sur les vitres
l'étoile au front ciselé comme une orfraie peignée
scellée de tes bas sombres
qui ont la passion aux plis bleuis de la vue de Bagdad
dressée en amande masquée
éblouie et claire
des baisers fous
mise à nue blasonner celle qui rougit rosa-feu
le souffleur au yeux d'émail vitreur
tes cris de jouissance aube émaillée d'automme
toison noir animal

o majestoso leito do amor
forrado de estrelas cadentes e de dobras desdobradas em novos
[brancos
mais louco que todas as aves-do-paraíso juntas
numa dança alva macia de opalas e cretones amassados
como uma nuvem de paixões por onde passeiam
com o anel de lábios anônimos e as rosas densas debruçadas
no abandono do seu corpo que goza
os torrões de terra vermelha jogados na cama azul-claro
como almofadas de Carthago para seus ombros desnudados sob as
[sedas
e a passagem dos
[tufões
enquanto Você se entreabre em si em anseios
em meneios alvirossados
[de lamber o dia
sob os meus desenhos em sanguínea como os riscos de um rito
de âmago nigru
enquanto se enunciam suave e lentamente
as eflorescências de êxtases do seu gozo lapidadas à mão
como um crisântemo inesquecível
e sempre
ressurgente por entre as sombras de suas coxas soberbas
minha luz capturada e atada nas tiras de delírios da perdição
como o capitão-do-mato perdido nos cremes da floresta
[esmaecimentos
meu feitiço de meneios
meu colete estampado de beijos minha luva enluarada
minha vestimenta de fendas de mal iluminada
o seu torso de brumas
mais inimaginável que a brancura de suas costas
meu torvelinho de creme
inesperadas como o rapto da imagem do canário-da-terra teso
despidas como uma bananeira nova na chuva ornamental
minha casa de verdes iluminada pela sua boca que se desprega
e pelas suas nádegas que passam
rebolando brancas

as aves de rapina, as migradoras, as planadoras
as grandes voadoras viajam/voam pelas correntes
do ar

os grandes amorosos viajam/amam pelos corpos
do amor

o amoroso é o caminho do amor,
cada viajante tem a cor de sua paixão

o livre vão entre os possíveis desdobramentos
possuem uma carga de realidade intensa. *

A chave que abre esta possibilidade (ou realidade
possível) é chamada 'la clé-des-champs' — a chave
dos campos ou dos cantos. Assim, o seu conhecimento
é dado nos campos ou nos cantos.

o grito-símbolo é sempre a voz da Amada

(*) A diferença básica entre a imaginação abrindo-se e outros expedientes, é que no primeiro caso o seu comportamento, vide processo, é de 'viajante', pois este conduz a si mesmo.)

Fada vem de *fatum*

a que aparece nos bosques.

A fada / o phallus (a phala/Fata) verde.

Vide o destino como vegetação
ou germinação obscura, verde.

A AVE MULHER

Notas:

"O desenvolvimento de relacionamentos é de importância primordial na formação da vida, e este é o real campo do poder creativo feminino.

• *Anima*, como é bem conhecido, representa os componentes da personalidade feminina do homem e ao mesmo tempo a imagem que, em geral, ele possui da natureza feminina, ou, em outras palavras, o arquétipo do feminino.

• Somente quando o poder mental da mulher não estiver mais aplicado a dominar as tarefas diárias mas for além disto, buscando um novo campo de atividade, é que o *animus* manifesta-se. (. . .)
O *animus* da mulher corresponde, em seu aspecto maior, a um vento-deus ou espírito que tudo faz e dá forma a partir de um desejo.

• O despertar, o desejo por novas metas, faz-se sentir primeiramente no aspecto feminino do inconsciente.
Antes de se tornar claro para a consciência, o anseio por algo novo e diferente se exprime, usualmente, na forma de uma excitação emocional, um vago impulso ou um sentimento indefinido. Quando isto se manifesta . . . através de um ser feminino, significa que as excitações, as animações inconscientes são transmitidas para a consciência por meio do elemento feminino no homem, através de sua *anima*.

• O fator da significação surgindo do inconsciente é o que torna possível o desenvolvimento do consciente. Num certo sentido, este fator é comparável à idéia de *lumen naturae*, à qual Paracelsus descreve como uma luz invisível que 'toca o homem como num sonho'. Ele diz que 'como a luz da Natura não pode falar, ela se constrói imagens no sonho a partir da força da Palavra (Divina)'. (. . .)
Ambas, a creatura da natureza e a *anima*, representam o princípio de eros, a primeira transmitindo o conhecimento oculto, enquanto a segunda transmite informação sobre o conteúdo do inconsciente. As duas exercem um efeito de fascinação e, o mais das vezes, possuem uma poderosa força determinante.

• Por natureza, o homem tende a se relacionar com objetos, com seu trabalho, ou com outro campo de interesse; mas o que conta para uma mulher é o seu relacionamento pessoal, e isto também é verdade para a *anima.* Sua tendência é de enredar o homem em tais relacionamentos, porém pode também lhe servir configurando, personificando os mesmos — isto é, pode o fazer desde que o elemento feminino tenha sido incorporado à consciência. Do contrário, enquanto tal elemento feminino agir independentemente, perturbará qualquer relacionamento ou simplesmente o tornará impossível.

• O emergir do anseio inconsciente é transmitido pois para a consciência através do feminino no homem, através de sua *anima.* Isto provoca um impulso ou age como uma intuição, abrindo-lhe novos horizontes. Quando, por exemplo, a donzela-cisne deseja o incitar à batalha, ela assume o papel característico da *anima* como 'la femme inspiratrice' (. . .)
O nome medieval de Senhora Aventura ('Frau Adventiure') é outra evidência de amor masculino pela aventura, estando personificado numa forma feminina. (. . .) Outra peculiaridade dessa donzela é que ela lê o futuro. (. . .) No âmbito Celta, a mesma figura é descrita como fada, cujo nome está ligado a *fatum*, e geralmente surge junto às árvores nos bosques.

• A Pythonissa, as sibilas e as Musas são seres femininos e podem ser relacionados às feiticeiras Setentrionais; seus ditos impregnados da qualidade do irracional soam como loucuras aos olhos da razão e da lógica (. . .) A *anima*, como o aspecto feminino do homem, porque possui esta receptividade e ausência de barreiras para com o irracional, está designada a ter o papel e a função de mediadora entre o consciente e o inconsciente.

• A origem real da donzela-cisne, mostrada por sua coroa, marca-a como um ser de alta linhagem, podendo ser relacionado tal aspecto com um poder divino, super-humano, da *anima*. Se bem que em muitas lendas parece que a figura da princesa encantada deva ser interpretada a partir do ponto de vista da psicologia feminina, aqui ela representa a mais alta personalidade da mulher, o seu 'Self'.
Quanto a forma de ave: sendo uma creatura do ar, a ave simbolisa não apenas a qualidade animal do ser natural, mas também contém uma indicação de suas potencialidades espirituais ainda não despertas.

• Sendo essencialmente feminina, a *anima*, como a mulher, é predominantemente condicionada por eros, pelo princípio de união, de relacionamento enfim, enquanto o homem está, via de regra, mais ligado à razão, à palavra, ao princípio discriminativo e normativo.
Assim 'Merminne' * e suas companheiras ** sempre têm uma relação de amor com um homem, ou tentam o conquistar para o amor — uma atitude que é, certamente, um objetivo feminino fundamental. Neste aspecto, elas diferem das donzelas-cisnes, pois estas na maioria dos casos não procuram tal relação por iniciativa de sua própria disposição mas, dado ao seu aparato de plumas, sucumbem ao poder masculino pela astúcia.

• Seguramente, a mulher não escapa ao sacrifício. De fato, para ela se tornar consciente significa abrir mão do seu poder especificamente feminino."

Emma Jung in ANIMUS AND ANIMA/ Spring '69.

(*) N. de Emma Jung: " 'Minne' quer dizer amor. Cf. 'Minnersänger' (Cantos de Amor) (...) o sentido original da palavra 'Minne' é lembrança, memória, comemoração, recordação. Está relacionado com o termo inglês *mind* (mente), e deriva da raiz indo-germânica *men* ou *man*, que é pensamento, *significação*. W. Grimm conecta 'Minne' com *manus*, *man*"; o que em português daria *mão* e *amo(r)*. N. do A.
(**) Que são fadas, sereias, Melusina, ninfas, Vivian, Ondine, Calipso, Cibele, Afrodite, etc. N. do A.

as cortinas são uma substituição,
geralmente nas janelas, de um
movimento de vegetação. As cortinas
filtram a luz como um bosque,
pois são as peças íntimas
de uma casa viva

as pontudas feiticeiras africanas
com seus sexos de arbustos bêbedos
bebem o meu leite

as mãos amarelas do crocodilo
seguram o enxoval de barro
e a testa lânguida de louça azulada
que arrodeiam os olhos bem-amados

a mulher nua deitada
nos seus próprios cabelos negros
que a envolvem em calor

o homem nu de pé
na beira do desfiladeiro estival
com seu gigantesco phallus oscilante

o coração dentro do açucareiro de porcelana

servir as feras de cacau
que devorarão as pálidas bocas das damas

uma reunião de montanhas

silenciosas

(ao longe, o levemente azulado contorno geral da conversação

da maravilha quieta)

A ONÇA CÔNCAVA

les Soirées, forme Mousquetaire.

n blanc, champagne, perlo et noir.
ns 16 boutons
6 90
boutons. 10 75

CASA DA ONÇA

ULTIMA MODA

Sapatos em buffalo branco, fivella do mesmo picotada.

ESPECIALISTA EM CALÇADOS FINOS
E SOB MEDIDA

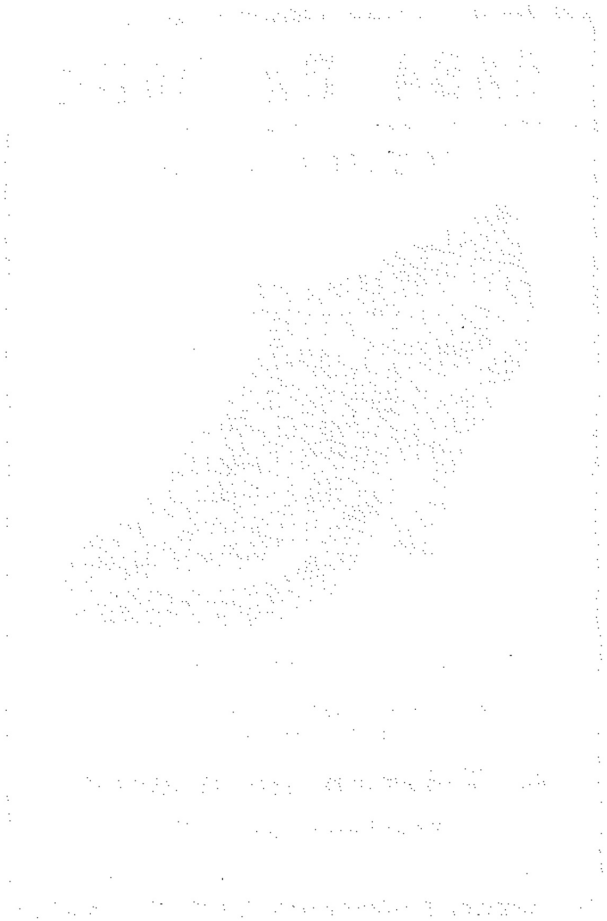
A. Teixeira de Andrade

Rua Uruguayana, 72

Telephone C. 610 RIO DE JANEIRO

"O violão é o único instrumento que o músico abraça."

declaração de Dilermando
Reis, o solista
de ABISMO DE ROSAS



é mordendo as frutas que se sabe as cores
é mordendo as árvores que se sabe o mel

a conquista espanhola
é a massa sincrônica do trânsito de
automóveis matinais
onde ponteia o friso niquelado
e a frisa de cabeças de gamos e nobres cortesãos
sob a inscrição

'nossas músicas
nossos jogos jogados
mas não nossos ossos usados
nossos corpos'

seguida abaixo da assinatura
minha marca num espaço dado

eu, que venho dos confins verdes
das matas e dos céus
e dos ocres de tuas formas, minha amada

a pluma verde no chapéu mole

as cabeleiras escuras nas mulheres

na sala de espera a luva de neve
o olhar abismado do encontro

abre

as passagens

Minha atenção (ou meu artesanato):

• "tornar-se alerta quanto às formas
do TAO (do Saber, do Caminho)
é uma vigilância criada pela adivinhação
do inconsciente, e, através disto,
uma vigilância quanto *às analogias*
e às sincronicidades das imagens."

Marie-Louise Von Franz, ob. cit.

Vide: as predileções.

A consciência seria o sentido da forma natural.

• Sabe-se que na China Imperial das antiguidades,
"as formas culturais eram obtidas, de acordo com os
mitos, dos meandros dos grandes rios chineses"

, ibidem

GEOGRAFIA SENTIMENTAL

• a sedução:

Glorinha do Leblon, a mulher reversível

• a mulher dragão
vem comer na mão

• os teus cabelos são a memória
do mar em meu rosto

• as cigarras, o canto do calor

• certas sombrinhas coloridas
nos levam aos campos ternos dos Brasis,

• verdes nunca vistos,
sempre sonhados

mormaços

• a importância depende da distância

vide
a criação dos bois
e a coleção de selos

• os bois de água
e o cheiro do mato

• as pedras do prazer
aguardam

estirado no chão e aberto
bambu deitado cortado em cocho

a aragem perpassa fresca

revelando o sumo e a essência,
a água que restou

a boca do mato

com seus lábios de amanheceres

chupa os passarinhos

O MAPA DOS CANTADORES

dar de presente uma fazenda de sangue

roubar todo o estoque de *bâton*
da cidade
e sair todo vermelho

o termômetro
é o fruto das estações do ano
construção no espaço que surge histérica do tempo ·
ah!
morder o seu clítoris de mercúrio dos espasmos!

u'a mulher mui bela mui bela
passeando
toda amarrada
apenas por cima um vestido de seda

Nota: poesias datadas de '63, transcritas do ÁLBUM DO MANEQUIM (1962/—) onde se expõe uma rearticulação da imagem do feminino a partir de impressões plásticas.

a acupuntura no manequim de lábios de *voudou*
provoca
o desmaio d'alma!

NOTA: idem

a linguagem da poesia é excesso

é aquela da fascinação do excessivo

que chama, reclama um dizer apaixonado

do fascinante que nos extravia

é a vocação do perder-se. Poesia.

o mais querer
na floresta do ser

o excesso que nos comove cria o espaço / a presença erótica

BUNDA DE SEREIA

a surpresa da diferença do dia
e da suavidade da paisagem

a surpresa da sensação sexual
das madeixas de tua pube
na minha mão aberta
sobre a mesa

olhando as lembranças

talvez na curva, uma chuva

(ontem, era o teu corpo amado passando)

o corpo amado — como movimento e ritmo

(assinalemos que o movimento
que desdobra as linhas do
corpo, a rigor *move* o desejo)

fascínio

perdição minha

e os teus queixumes
deixados como missangas
para eu usar,
ex-voto

os homens pintam as mulheres

antes das cerimônias festivas

as marcas de beijus no plenilúnio

a família toda sarapintada as relações

a área ácida do beijo

o teu corpo

minha onça côncava
toda pintada de amor

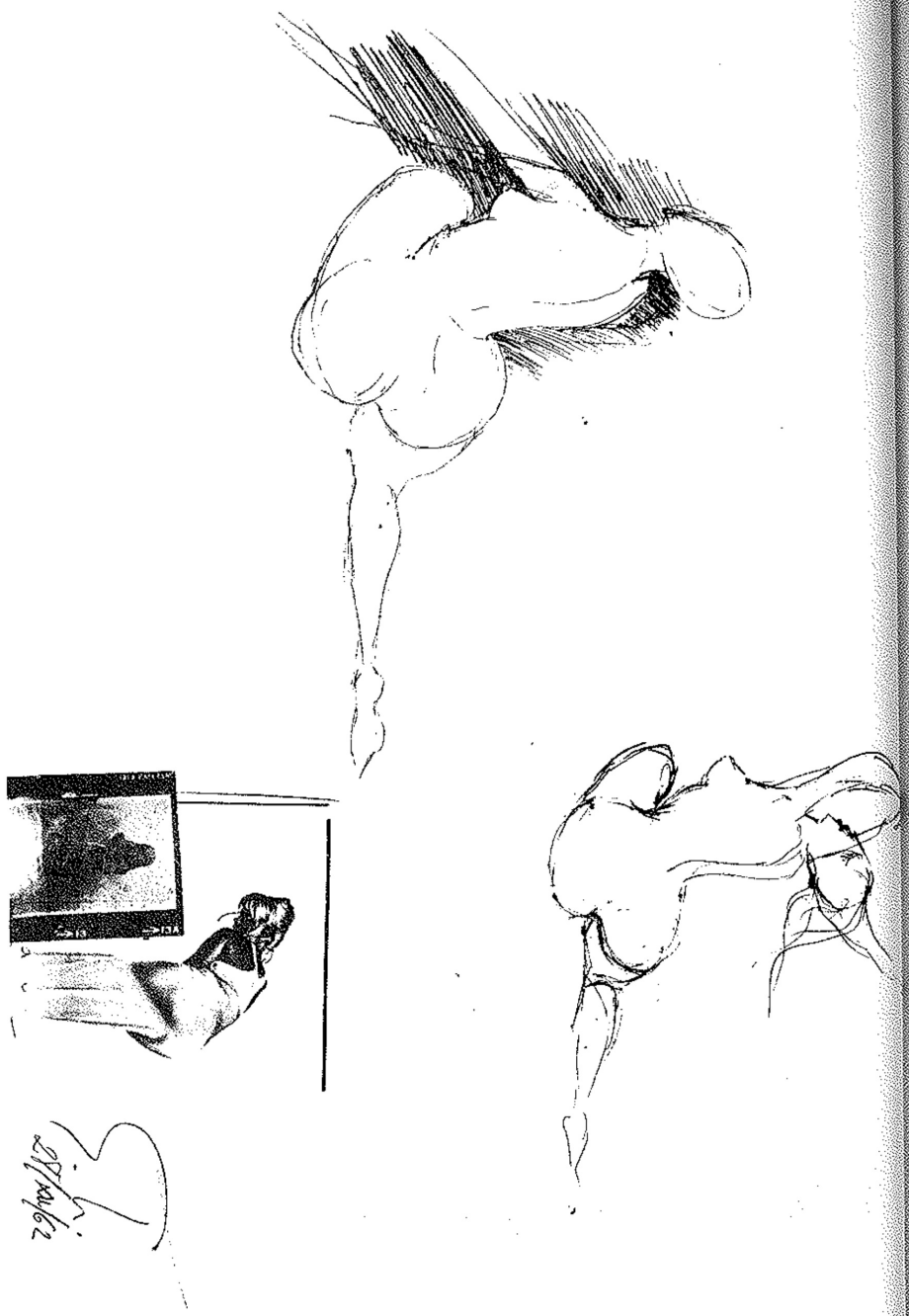
quem sabe o que é o Desejo?

"A beleza intimida ao homem:
ele não sabe como a consumir
(sem a dividir) e isto o induz
à contemplação, à adoração,
à amizade."

René Nelli

A FESTA (DEITADA) *

(*) trechos da publicação pela Editora Quíron — São Paulo, 1976.



Somente voltamos para aquilo que se quer ainda mais.
A volta é o mais querer.

A NOÇÃO MAIS ELEMENTAR DE PARALELAS SÃO
OS LÁBIOS

a esperança de uma folha que cresce
no vazio como um olhar, meu bem
apoiada na sua própria força,
querendo

o alpendre ensangüentado
dos namorados das tardes as manchas
esvoaçantes das trepadeiras de sombras da primavera alaranjada
e o corrupião entre os sombreados de ferro e madeira
da arapuca armada

a orelha de beijos

o tié-sangue na palma da mão à altura da vista

suave a sua figura
vermelha e imóvel
as asas abertas
num instante

num suave amanhecer claro
roseando a palma da mão aberta do *yogé*
sentado em lótus com as pernas cruzadas
e as mãos espalmadas em bandejas egípcias
está o tié-sangue numa postura de equilíbrio
contendo o seu canto inicial

está o *yogé* assim imóvel na mansidão
numa cabana de barro dentro dela
compartimentada igual ao da casa do joão-de-barro
moradia arredondada de sua intimidade
e assim nem a aragem move os seus cabelos
e o seu púbis permanece perfumado
enquanto os incensos anelam ao redor
do seu dorso brilhante liso e nu

e assim postado erecto permanece
enquanto nos seus olhos estão as cores das cachoeiras
e na garganta obscura estão o marulhar das margens
dos rios dos lagos dos riachos nas pedras veiadas
e dos córregos com suas folhas caídas, cortejo
pois seus olhos que vêem as paredes de barro
são de cerâmicas marejadas de chá

e assim ele sente que ela se aproxima sua dançarina
os pés semi-cerrados e as coxas justas
apoiando sucessivamente os dedos macios e as palmas vermelhas
[dos pés
no chão fresco entre os desenhos de sombras
e luminosidades na vermelhidão de sua visão
recortada do fundo vem bamboleante o seu corpo de piçarra
[alisada
trazendo frutas de barro molhado nos braços finos
entre os seios enlameados na opulência
enquanto no dorso dos pés tilintam os guizos dos tornozelos
e dos joelhos escorre o prazer

pia
o tié-sangue aberto em lótus na palma da mão
anunciando a amamentação

as gotas secretas do leite esparramam-se
numa iniciação oral, perdida

e
as gotas segregadas uma a uma
como chuvas nos seus seios e
nos seus colos descobertos
com seus colares sagrados

desmancham-se
em queridas

APRENDA A TRABALHAR SUA MATÉRIA

Para que nasça alguma coisa
é preciso que seja plantada.
De preferência num corpo.
E que esse corpo seja ocultado
durante a germinação, junto à terra.
Por um bom tempo.
"Hay que ser duro en la ternura".
Quando começar a crescer,
tomeo-o nas mãos e o sinta.
A vida geralmente o abre de novo.
Num tempo esperado e num ritmo inesperado.
Maravilhosamente como a volta igual
do Amor e da Vida.

O ANDAR DAS LAVADEIRAS

"Eu tenho ciúmes (das partes) do meu corpo"

Mari

"É em todos os planos que esperamos o milagre
(ou, dito mais prosaicamente) o realmente excepcional.

O mistério possui um poder fortemente attrativo.

O místico gira ao redor do sexo e da morte. O que
não impede de os mistérios da mística serem
altamente mistificadores.

O sagrado particulariza-se no sacrifício.

Um grande poder emana daquele que sacrifica. E um
maior ainda daquele que se sacrifica.

A primeira forma do saber já é sacerdotal.

Bem antes do dualismo, o jogo mágico/místico/cultural
utiliza a máscara, o duplo, o desdobramento e a
duplicidade.

A máscara é a face do jogo mágico, místico, onírico,
ritual e litúrgico: ela figura o simulacro, mobiliza
o prestígio, provoca os transes, fixa e desencadeia as vertigens;
ela faz *passar* a revelação — mascarada.

Tudo o que é profundo, avança mascarado."

Kostas Axelos in
LE JEU DU MONDE

"O Sexo (da mulher) é a viseira de uma máscara."

Alfred Jarry
in L'AMOUR ABSOLU (1899)

"Ela era extremamente bela.
Ela manteve sua promessa: a máscara caíra, mas as olheiras dos
seus olhos a substituíam, tão grandes!

in LE SURMALE (1902)

"O erotismo feminino implica, simultâneamente,
em não separar o prazer do amor e em conciliar
a paixão e a duração, a permanência. (...)
O passo decisivo na regeneração do amor será,
talvez, a substituição dos cochichos pela
noção dos mistérios, do 'mysterium'.

.....

Purificadora por excelência
eterna Diotima — *portanto pescadora em águas turvas*, impura segundo o homem, pois o homem
desconhece esta atividade propriamente feminina,
a de grande-lavadeira,
ou seja,
no dizer de G. Bachelard 'cette maligne colère',
esta paixão, este apaixonamento do purificar,
esta vocação de purificação material
que se dedica a triunfar da mácula. (...)
A mulher tanto é a purificadora
como a educadora.
Se ao homem cabe a iniciativa no ritual da
sexualidade,
poder-se-ía dizer que cabe à mulher
revelar o seu sentido ('meaning'),
um sentido, aliás, que só se torna claro
pelo e através do amor.
Dado que, mais que o homem,
a mulher banha-se na noite do sexo."

, Suzanne Lillar in LE COUPLE
Edit. B. Grasset - Paris, 1963

Há muitos anos atrás, numa manhã de sol,
numa rua movimentada, do centro da cidade, sem qualquer
premonição, ao vagar num trajeto quotidiano, calmamente,
ah! nunca esquecerei em toda minha vida aquele momento
aquele momento em que fui tomado pela revelação pânica
da consciência de todas aquelas mulheres desejáveis,
sobretudo as mais desejáveis, com suas nádegas particulares,
suas nádegas abandonadas, num grande cortejo rítmico,
andando, os quadris apertados, soltos, marcados, macios,
ondulando sob os tecidos, estampados e sedas e jérseis finos,
num canto antigo,
numa profunda fascinação, visão vertical e lenta e dupla que
me envolveu numa intensa assimilação e num desejo soberano,
absoluto. Dissolvendo-me em todos os amores possíveis e
numa paixão maior, num êxtase mais intenso e pleno que
toda a plenitude maravilhosa de qualquer mulher que minha
vista pudesse enxergar dali ou ao longe, eu me consumi
num pânico único, num tesão louco, num transporte
embriagante e sagrado, num continuum de uma alegria clara,
numa visão transparente do prazer mesmo, e a multiplicidade
erótica trouxe-me a mim, ao universo da minha vida a
fascinação.
O fascínio da duplicata, do desdobrado encanto, da bunda
ascendente e mais macia que os céus de suas nádegas,
do veio oculto, do caminho do caminhar andando em si mesma
com o desejo velado e revelado, molezas, abrindo-se num
todo maravilhoso como se eu fosse o amor de todas as
mulheres, mas não o amado de cada uma, porém, sim, o próprio
desejo íntimo delas que, personificado no meu prazer e nos
seus encantos, na loucura amorosa, este desejo íntimo delas
lhes revelasse, inesperado, ao seu amor, os seus corpos amados
de amor num assalto ritual, no desejo mesmo que ilumina
todos os seus olhos vários.

A partir de então, a cada novo andar que me fascina,
eu reconheço o mesmo chamado, a mesma melodia das nádegas
ocultas, e os movimentos antigos que descubro nessa arcaica
ladainha de quereres me abrem à repetição da mais longa
viagem onde me perdi. Encantado no requebrar das muitas
andadas que as desconhecidas conduzem, sem pensar, tendo
os seios sensuais em abismos e nas mãos de carinhos e
ocupações as linhas já traçadas de um tesouro pânico, elas
velam com seus gestos o escândalo permanente de suas róseas
palmas-das-mãos amorosas entreabertas.
Ah! minha vida!

o corpete de madreesporas
as ancas da espera, do aguardar
da sabedoria do nu que vem

o andar da lavadeira

os beijos dos teus beijos nos meus beijos os beijos

o mesmo andar
o mesmo andar que me conforma
que me nasce o olhar
que me cria como o amoroso
o amoroso do balanço
do requebrar para sempre
o mesmo andar esplêndido
que me abre
para sempre
serei caminhado
de modo a encontrar-me

no nunca mais andando em ti, meu bem

os beijos dos teus beijos nos meus beijos os beijos de costas

o mesmo andar

e as mulheres nas janelas
abandonadas em suas casas e em suas sombras
caindo em si lentamente nos seus corpos lisos

a recordação dos seios da amada
das nádegas da domadora dormente
apoiada e multiplicando-se
entre a vidraça e as cortinas

das mulheres que limpam os vidros
com o olhar perdido
como seus quadris quietos

das mulheres molhadas entre as louças
com suas mãos pintadas

o mesmo andar das mulheres,
da provocação que aguarda

as pernas sumarentas embriagadas de capim-gordura
sob as saias grossas enroladas
e úmidas das lavadeiras na beira do rio
enquanto suas frontes espelham os reflexos
e a lembrança dos lençóis de cambraia
quarando ao meio-dia
elas têm as bocas vermelhas e suadas
elas que estenderam no vento
os lençóis e os vestidos claros

o mormaço de seus corpos só se descobre
à noite e à luz de vela
entre gritinhos e suas costas espalmadas
como um camafeu dos caminhos do campo

a mulher com os braços erguidos
cortando as uvas da parreira
os cachos roçando o colo

a luz da dança e os vestidos

a sua voz nos fala do seu corpo

O movimento (é) angústia
e a imobilidade (é) êxtase

Vide: atrasar a visão contínua de sua deslocação,
do seu movimento de andar, da dinâmica de suas formas
justapostas e conjugadas dias e noites
fixadas na sensação do *andando*, do dar-se.

A única coisa que repousa é a fadiga.
O desejo é sem fim.
"A mulher é o repouso do guerreiro", e o homem,
o que repousa nele?!

a risada dela / a mulher *rindo*

olhos registros
vários desfiles
missado mar

mais olhar
e o perder-se

a fronteira

nas manhãs claras
sobre as linhas claras dos muros e parreiras
as mãos que surgem nos varais
como esperanças de frutas claras

invisíveis mulheres suadas
nas pontas dos pés pequenos
ao longo dos dorsos arqueados
o sabor do amor dos dias

os seios de prata
sob o peso das decorações
e das paixões turvas

seus seios são as luvas de minhas mãos

, mulher maravilha

os cabelos são sombras louras que crescem

portadora de toda sua luz
a mulher clara de pêlos negros

sob a dança da pube de carícias
sob as carícias dançantes das mãos
um campo de bandeja
com a estrela de três ancas

a bandeira de Salomé, a desmaiada

abraços e mais tantos beijos
quantos couberem nos teus seios deliciosos
e pelos lados arredondados do teu andar

AS PROFISSÕES FEMININAS
ou
O CARRO DAS RODAS AMOROSAS DOS DIAS

"Pelo caminho do fio
a máquina de costura evoca
os amanheceres que são estes corpetes,
os tabuleiros de flores ou as nevadas
que são estes aventais,
os bouquets de lírios e rosas
que são estas blusas,
ou tetos de bordos ou as hotelarias
que são estes mantôs,
e tudo se passa na testa ligeira
desta fada bonita que só tem o bastante
para que seus pés viajem no mesmo lugar
em seu quartinho onde canta
um pássaro de ouro."

Saint-Pol-Roux in VITESSE

"O útil torna-se belo,
depois de deixar de ser
útil."

Spencer

"A vida humana existe para
nos dar alegria, para nos
dar muita alegria"

dito oriental

as mulheres

a pube silenciosa da manicure sentada sob o vestido
atrás do balcão as pernas macias da vendedora abandonadas
nos saltos-altos das botinhas, o joelho apoiado numa saliência
aguardando um mirante, e a outra que passa
o olhar pousado no ar fresco e claro e róseo
do sol de raios amarelos no anil do céu

a mulher que prepara as tintas para o tingimento
a mulher em pé na janela de vidro
contra o vidro o seu busto que se apoia mole no tempo
os braços que esfregam a transparência, e o seu corpo
é uma letra que vai se formando conforme seu movimento ao longe
numa das janelas

dentro da casa o dorso curvo da costureira
entre os panos todos floreados e ao lado o filtro de barro
e à meia-luz as nádegas da que passa a roupa engomada
os dedos finos e suaves que abotoam as blusas na tarde
da mulher nua no carro
guardando as camisas as meias
guardando os sapatos de verniz e as sandálias brancas
e os lenços turquezas agachada como um tótem e
no armário de madeira, refletida nos dois espelhos
ela não se vê de repente, assim agachada
sozinha, ela e a sua perdição

a mulher andando a cavalo com meias de *nylon*
escondidas sob o culote creme e suadas só para ela,
ela é o rio dentro da floresta que passa pelos arbustos
e pelas árvores que a cobrem de sombras como uma fruta
como uma amazona a ser chupada por um menino
ou uma menina fugida, brincando nos verdes e nos musgos

adoidece minha filha, abre a palma da tua mão
e olha o monte-de-vênus e os riscos do destino
o pulso da cartomante, delicado e áureo
que indica todo o seu corpo que se imagina
oculto nos xales e nos vestidos no escuro esperando
a carta ou o rosto que a revelará oca
cismando para sempre o eco convexo

os ombros nus da ornitóloga
movendo-se suavemente quando abre as gavetas de cerejeira
com os pássaros dispostos um ao lado do outro
e as etiquetas de seus nomes antigos
a rósea gaivota da tarde e a dedicatória do namorado

as mulheres

as telefonistas que fazem as ligações sem esperança
com suas pernas cruzadas e sussurrando aventuras
as que aguardam com *soutiens* novos as linhas cruzadas
as que fazem os quadros-vivos nostálgicos das secretárias
as que se perdem nos corredores e desmaiam nas escadas
as que vêem os grafites se estenderem por seus passeios
com um leve sorriso nos lábios
e a promessa das cartas-enigmáticas e dos sorvetes
as que preparam as noivas e dizem segredos
as noivas com suas nucas esquecidas e os espelhos que aguardam
as que compram os licores e os fumos preparados além-mar
as que chegam de viagem com malas e lábios marcados
as que guardam as luvas com que abriram os noturnos de amor
com que abriram as bocas dos amantes
com que abriram seus estojos de pintura e os frascos de perfume
as mulheres femininas e os ciclones de suas vidas duplas
de suas pernas de *nylon* e resinas do inesquecível
com suas saias de magiciana que revoam enebriadas de instantes
a mulher que acaricia as páginas de música
enquanto seu corpo meigo se transforma numa canção
[encantamento
perdida em sua voz como um feitiço
e os olhos repletos de lágrimas para quem quiser os seus sonhos
as que se lavam e se perfumam
como se inventassem a cachoeira
as que preparam as correspondências com selos e saudade
a que deixa o meu lenço manchado de amor

as mulheres que fazem embrulhos com a polpa redonda dos dedos
e entregam presentes desconhecidos
os olhos fundos os cílios abaixados e as outras mãos
que passam por seus horizontes iluminados de neon
se perdem no dia-a-dia
aquelas que preparam os doces e enfeitam a toalha
com pequeninas dobradas e a pressão das mãos amorosas
e enquanto falam entre si de assuntos banais
seus lábios formam miosótis e amores-perfeitos
em seus rostos calmos pintados como um vulcão de prazeres
o rímel brilhante quase escorrendo e o delineador
as sombras azuis cercando seus olhos cheios de noites e de gozos

a mulher que penteia
que cuida dos cabelos com franjas loiras
adornando-os com cachos e ondas mais infinitas que as do oceano
que dispõe no penteado o bestiário majestoso dos pentes e fivelas
de madrepérolas esquecidas e de tartarugas sob os céus arqueados
da constelação do Capricórnio azul-escuro
a cabeleireira do Salão Jamais

as que pintam os bicos dos seios
as que lavam os olhos claros dos gemidos dos soluços dos quereres
as que ornam nosso amor com suspiros e quebrantes
as que nos olham e tecem as esperas
e as flores inesquecíveis de beijos sem fim

as mulheres que tecem mais e mais
as tranças os abraços os adeuses
e os tecidos untados de óleos e as redes cruas
sonolentas no umbral das varandas sob seus olhos cantarolando
o silêncio quieto do corpo ajoelhado
diante dos bilros e da renda que vai e vem surgindo numa prece
as mãos ágeis da rendeira, descompassadas na paixão
e o seu joelho que nos mira extático
redondo como um altar e parado
a renda branca
a liturgia *beige* e branca e oculta de seu corpo macio ocultado
por panos pintados e as almofadas esquecidas e seus passos avisos
e suas pernas misteriosas que falam de um outro país
e as mulheres que limpam os corrimãos torneados
pensativas com as flanelas umedecidas na mão
deixando o brilho e os niquelados atrás de si
e o arabesco gigante do broto da samambaia

na sala o espaço do ventilador de pás e a espera da visitação
no quarto as que se acariciam
as mulheres que se acariciam como odaliscas
com inveja de seus seios seus prazeres seus desmaios seus véus

as mulheres

aquelas que arrumam nas casas as camas
a mulher arqueada sobre o leito branco
contemplando as grandes páginas de linho
aberta em si mesma fendida
perdida e silenciosa
igual a uma mesa
apoiada nos quatro membros da manhã

uma mesa sozinha
donde pendem frutas e intimidades
preciosas

mesa que te quero comer

a posição da gata
é a 'santa ceia' sexual

as pernas
as pernas da mulher no ar do amanhecer
no meio dos cheiros do capim bem verde
a saia segura e presa ainda esvoaça
nas mãos com unhas de cuidados apoiadas no arame o instante
o colo e as nádegas brancas
o olhar meigo e as pálpebras azul-claro
pulando a cerca da manhã
as femininas coxas claras no relance
do semipulo do sexo negro do tiziu dos seu olhos
e do calor que chega do sol-de-raios-azuis de capa de caderno
nos cachos dos seus cabelos adourados

LA VENUS EN LAINE

a grande tecedora dos fios
das lãs do entardecer
das lãs dos corpos
das lãs das margens
das lãs trazidas pelos ventos e pelos céus
das lãs das ovelhas perdidas
das lãs das flores de algodão abertas
das lãs das pubes e das axilas
das lãs dos montes e dos céus
das lãs tecidas e macias
das lãs que são meias
em suas pernas arredondadas
e que se juntam
numa lã mais escura e bordada à mão

a grande tecedora de lãs
que fia o seu olhar de mel

e o vento que passa sem querer

numa manhã de luz fria e amarelada, dourada
duas empregadas com saias brancas e blusas justas brancas
estão varrendo a frente de residências nas calçadas
ocasionalmente e simetricamente dispostas
no mesmo lado ensolarado dessa rua arborizada

a visão repentina das duas mulheres simplesmente formosas
e dedicadas ao mister das folhas soltas
com suas saias semitransparentes na contraluz matutina
as fazem vestais
do contador de estórias

de títulos como OS TAMANCOS ONOMATOPAICOS
ADALBERTO, O PATINADOR DEVASSO
A DEGENERESCÊNCIA DA FAMÍLIA SAPOPEMBA
EPAMINONDAS MARTINS E SUA CORJA DE BOIADEIROS
DORA, A VENDEDORA DE HORAS
DER MANICURE TRAÜM

ou de frases de caminhoneiros como
NA CALADA DA NOITE A POPULAÇÃO CRESCE
SOU FERA FERIDA NO CORPO NA ALMA E NO CORAÇÃO
NO HORIZONTE DO TEU COLO EU VEJO SURGIREM
OS SEIOS DA SAUDADE

é o mesmo vento do provérbio plástico
— o pinto do pintor quando pinta muda de cor

é o mesmo vento que passa por entre essas mulheres perdidas
abandonadas nesse instante mágico de outras bocas
que as suas tintas de carmesins

é o mesmo vento que me fez pressentir
em '62 a magnífica luta livre
a ser organizada no centro do estádio do Pacaembu
que seria divulgada como a definição do ouro:
Ararigbóia versus Cleópatra

a esperança é um homem bordado de saudades

AS MARCAS DO CÉU

les grains-de-beauté

fragmentos/símbolos/notas
sobre a Índia e Tantra Yoga
poesias/Constelações

O OLHAR NO AMOR É DEFINITIVO

"l'oeil existe à l'état sauvage"

André Breton

"les blanc des yeux renversés (d'Edwarda)"

Georges Bataille

"chaque geste s'inscrit, hiéroglyphes,
sur un fond d'oeil extasié"

Jean-Noël Vuarnet

"c'est çá: l'objet sauvage est le corps"

carta de 10.IV.'77, S. Lima *

Nota: carta que abre uma comunicação para o Movimento Surrealista, intitulada LETTRE AUX RENCONTRES POSSIBLES.

"A consciência especifica o homem.
O grau de consciência especifica sua poética.

A poesia não está nas coisas — como a cor e o odor estão numa rosa e dela emanam. A poesia está no homem, unicamente, e é o homem que a imprime nas coisas, servindo-se dela para se exprimir.

A poesia é uma necessidade e uma faculdade do homem — aliás, uma das mais determinantes do seu destino. A poesia é uma propriedade do sentir e um modo de pensar.

A emoção especificamente poética é obtida pela revelação de um laço, de uma ligação secreta entre as coisas — estabelecida pela faculdade de discernir as aproximações entre as imagens do poeta. Não existe imagens na natureza. A imagem é própria do homem, do sentir deste homem, pois ela, a natureza das coisas, só é imagem a partir da consciência que êle tem dela.

O próprio do poeta é de pensar e de se pensar em imagens."

Pierre Reverdy

definição de 'res poetica':
"... quelques-unes de ces jolies filles de l'Absolu, les seins gonflés d'un lait nouveau"
Saint-Pol-Roux
em carta para Raymond Datheil, datada de 1930.

"*Ce monde-mystère de voluptés-doubles, mon monde dionysiaque.*

. . . . . .

Todo aforisma não é fragmento. O fragmento não é simplesmente a expressão descontínua de um sujeito que se vira para diversos, que se detém em diversos objetos. O fragmento não é a máxima, Sua deslocação é dis-locução: palavra espalhada, desmembrada, partida, palavra ex-cêntrica ou ex-centrada: palavra escrita, sempre escrita, escrita em mim por muitos, em mim que sou diversos. (Isto é, talvez, escrita como um descerrar extremo, escrita visando uma transgressão, da qual os últimos livros de Maurice Blanchot são, de alguma forma, a flecha indicativa).
O fragmento é uma afirmação que, por afirmação, só se fixa além da razão ou da unidade do saber de um todo. Leiamos no LE LIVRE DU PHILOSOPHIE:
'Todo saber nasce da separação, da delimitação, da restrição: nenhum saber/absoluto de um todo.' E citemos ainda Nietzsche: 'Parece-me importante que nos desembaracemos do Todo, da Unidade ... É preciso despedaçar o Universo, perder o respeito pelo Todo. (...) Todo o projeto do meu ato poético, é conduzir, arrastar poeticamente à uma unidade, a partir de fragmentos, enigmas, ou acasos do horror.'
Assim, na mímica de uma tal contradição ou aparência de contradição, ... temos o jogo, este jogo cujo ensejo seria 'o mundo dionisíaco da eterna-creação-de-si, da eterna-destruição-de-si': o jogo do mundo...
Uma nova imagem do pensamento busca sua expressão, palavra esta cujas chaves não seriam mais nem a identidade, nem a analogia, nem a contradição (distribuídas segundo a ótica de uma representação), porém, isto sim, seriam a diferença, a diversidade, a repetição e a intensidade desta nova imagem, desta escritura descontínua, deste fragmento? ... Ora,

será que esta nova imagem seria uma imagem ou não? Do duplo à unidade, o caminho não forma um círculo.
Ele não se fecha. Portanto sendo duplo, sendo dois, eu seria também diversos ou inumerável ('todos os nomes da História', disse Nietzsche em Turin). Nenhuma unidade pois, a menos que ela se realize pelo golpe de uma vontade de unificação — vontade de seguir *le fil conducteur du corps*, o fio de Ariadne. Sim, o corpo é a unidade (é isso que digo, quando falo Eu digo), o corpo é o o suporte das múltiplas não idênticas identidades, o corpo é o seu denominador ou *lieu comum* (...) À coerência representativa opõem-se o caos-errância, a pluralidade das formas e dos meios de expressão.

. . . . . .

Vertiginosa 'espelhação': o pensamento se dá a si mesmo como (ao seu) labirinto — mas, gostaria de desvelar, de espiar sob as saias de Ariadne."

Jean-Noël Vuarnet in LE DISCOURS IMPUR

AS MARCAS DO CÉU

"eu sou a tua boca"

Mari

no seu corpo eu vejo o céu
o céu dentro do céu azul redondo
o céu anil claro
e as nuvens formosas na sombra V. apoiada
e o clarão de quando V. passa em vestidos
sempre o céu no meu céu
mesmo no vento que emaranha
sua pube azulada com os veios de seus dedos macios
mesmo na brisa que balança seus seios
mesmo no redemoínho
que veste seus pulsos de verdes listras turquesas

ah! meu céu desmaiado
ah! minha amada azul-noite

o hino das cigarras descortina a vida
na boca da mata

as caçadas bordadas nos suspensórios
as fivelas do entardecer
as árvores nas calçadas

entre as espessuras do andar
rebola
anônima

a fada

Chairs de la nuit les palmiers du jardin nocturne et ton parfum
[ruisseaux des baisers
reflétant l'invitation à la recherche de l'or
de ta face
plus belle
que le gazouillement des oiseaux comme un tissu perlé
de l'égarement de ton corps qui s'épanoui couchée et accotée
[sur la table, l'attente
toi comme un service de porcelaine teneur en fruits d'argent enormes
[transbordeur lascive
que le chant propiciatoire du avinhado
et le sifflet encantatoire des sifilets de tes longues caresses
[comme l'arc-en-ciel
que signale la très haute dame gantée de noirs
bombée en cuirs serrée et entourée de la ceiture noire de vernis
ceinturée autour du milieu de ta taille blanche comme
une bipartition excitante
et aux étoffes abîmées rose-noires
le pied levé
mon escabeau feutré pervenche aux successions de meubles d'ébène
courtisane imbibée de miel et de bleu de Prusse ruisselante
avec une fourrure d'hermine au-dessus de tes larges hanches rituelles
et blasonnée de l'avaloire jarretières aux bas de soie noire
ta face
également ornée de seins superbes
au devant le pubis au duvet plus foncé que la Vesper humide
ta face qu'imagea ma beauté ma fascination conspiratrice
[avec moi-même du désiré
lassos d'ornithomancie qui attirent l'intimité de la nuit
[de tes formes
absolu de la gesticulation de la perdition de la démarche
majestueuse au plus amour

*l'*azulão *occulte dans la matrice de feuillages*
comme le signet aux grands chemins de ta blancheur

o pelicano heráldico

cerzidor invisível
das imagens

verbo encarnado

aprender a ser como uma praia
aux épaves du désir

apenas acumulando o amor é que podemos ver o amor

assim como pode a praia
espelhar todas as pernas que passeiam por ela
as estações escorrendo pelos aromas entre seus joelhos
e também espelhar todos os olhares
que nela olham além dela
se bem que apoiados em sua maciez
e é nas areias redondas que descansam o reflexo dos ombros
[intocáveis

apenas a praia
amplidão de um horizonte arfante, denso e claro
aberto como os ombros inefáveis do horizonte-azul
forte como uma curvatura branca
luminoso como a calmaria estampada na face
como os verdes enrolados da baía coral

ah! o primeiro encontro das espumas com suas unhas maravilha
este encontro e todos os demais
as pernas trêmulas
com suas risadas
com as areias pousadas
com os desenhos das marés
com as camas de musgos decompostas
a sua perna de repente se abre num lençol de doçura, o passo
com a dedicação dos pescadores
que espreitam com vagar à fenda das ondas
para partirem e aos peixes com suas mãos em nódoas de redes
o encontro com seus cabelos desfeitos
e os gritos nos seus olhos molhados dobrada dentro d'água
como a minha fascinação amada

ah! as crianças os castelos as aves e as mãos da manhã
o mar dos olhares idosos
e dos gestos ainda indecisos dos amantes
e das sombras da árvore debruçada na beira salgada
o mar do bemquerer e dos desamados

ah! mar meu
me ensina a sua cor e as suas dores
me ensina como um grande amor
como a praia aberta
nos ensina aguardar infinitamente tudo o que é macio

em sonhação
ela se entre-abre como um mapa macio
dos céus

(constelações)

as marcas do céu

grains-de-beauté

uma ponte feita de fases da lua
estende-se curva num périplo entre seus joelhos separados
no espasmo branco

na sua figura estrelada no campo do êxtase
o tufo crespo
assinala
a queimada

o silêncio é a seiva que alimenta

o seu corpo e as duas pedras redondas
as duas nádegas macias e as coxas unidas
o grande busto suave e o duplo dorso copado

a seiva de leite do seu seio

o seu corpo desnudo tatuado de pequeninos coloridos
ziguezague de maravilhosas nuvens estampadas
na luz mole como um leito deitado nas ondulações
de toda sua nudez clara

à flor dos meus olhos
a provocação do prazer das suas formas dobradas
pousadas no doce imenso

o olhar é a seiva do gesto, meu amor

a alegria da liberdade interior
harmonia íntima

canto pleno
eixo vertical
se fazendo
urutau

pinta no fim do dia as azulações

e

dentro do sobrado de tijolos avermelhados pelo longo entardecer
dentro das salas e dos *halls* de paredes pintadas em
[vermelhão-brasileiro
a quietude das sombras carmim que vão se alastrando
pousadas como os cheiros fortes da casa de frutas

o perfume colorido para sempre

e no quarto mobiliado de couros e beijos
a mulher sentada
no seu trono verde
madura

os olhos derramados e a colheita

vélocimane de nacre
ton dos étui couchant image cambrée
perlée de l'embrun de tes larmes
ma lame de fond déferlant de tes épaules ton dos courbe
[cuièllere de vair
tons revers scintillant à la grande folie sombre de l'amour
qui t'envahit toi mon coeur plus beau que la renard bleue
ondées de tes blancheurs l'enseigne de la jouissance

la rencontre aux pétales parsemée de lévres
cette tension vers s'abîmer l'un dans l'autre partie mauve
de moi-même
mon train bleu aux brumes ma rose noire ma cigale
aux genous bâillants
mon arbre à photos cinéma inconnu noires et blanches
comme l'escalier obscène
toi qui en brûle pas moins d'une passion aussi sauvage que le regard
de l'aimante pliée à la chair de l'amour
que tes cris trahissants ce désir de chavirer
aura rougeâtre à reflets mordorée à la fièvre
de plus profondes voluptuosités
passionnéments au creux de la houle mon bouquet des pensées
[libertines
vendange de tes mains délicieuses aux délices aux éclats
transverbérée
moule à mes dessins en flamme ardoise rouge rouge chambre
mon lit au raptus
au plumage de l'oubli en cortège des seins de sirènes
toi qui m'a fait renaître avec l'iridescence bleue
de la fleur terminale tremblée
fenêtre de la fascination tu m'aimes
avec la surabondance de tes seins tendres plus suaves
que tes hanchements inouïs
toi ton corps ronde désordre ta croupe image magie
qui attire pendant la nuit comme la rêverie de l'or
ta croupe aux paupières closes délictueuse
elle qui dérange le plus ma perturbation
mon amie sorcière suintante des lumières au seuil du désir
ta langue incitante à la cire perdue
tes hanches débordantes aux feux de Bengale dans l'attente violat
tes sourires mon mistère pareils au melindre *de tenèbres qui*
[montent
*comme un coeur d'*avenca
aussi humides que les cuisses embaumées de celles-là
livrées à la fuite des jours comme la promesse et comme la claire
comme la mémoire de la chasse royale au tigre rêve blond
conçue comme le dédoublement sacré de ton oeil qui me colorat
du feu fougère de tes boucles paôn aux râles comme les méandres
de tes plaisirs
ton dos courbé comme le sacrifice à midi de ta robe spéculaire
mélusine aux jambes gantées battantes émeraude
et le gant blanc ébloui de ton orgasme miroir diamant ma vie

o encontro dos olhares descobrem tesouros

as flores-de-cera que brotam dos nossos corpos
enlaçados num mesmo amor
que nos ultrapassa e cria o porvir
são as luzes molhadas
são os fios de óleo que escorrem
são os odores trançados das ervas aromáticas
que nos cingem com tiras de couro cru
como bocais das grandes âmphoras úmidas
guardadas lado a lado dentro da caverna
das duas pedras que se mexem

os amendoados olhos escravos e a colheita (nos campos do sol)
— os seios que aguardam

e os tesouros carnais descobrem olhares além

ela é a rosa eu sou o musgo
eu como a pedra

suas mãos enluvadas de cetim verde-claro
pausadamente me ensinam em gestos
no alfabeto dos mudos
a linguagem do amor

o som do campanário distante escorre em nossa solidão

rósea amada

simples dia claro

o céu azul e a beleza de seu rosto

arco-íris

na palma dos meus olhos

a jaboticabeira florida
e a saia quente de seu corpo que passa

aos poucos o seu nome vai sendo inventado em mim como desejo

no macio de suas coxas
o bosque dobrado
entre suas pernas

amorosa

seus olhos mais lindos que as cores do jogo de pólo

sentada

sob o *abat-jour* louro de seus cabelos
ela segura o bouquet *beige*
do seu corpo

nua e mesa ruiva de amores

as ligas verdes são dedicácias para mim

encanta em mim
amada minha
o rio turquesa do seu andar
, dama da luz

todas as senhoras
  são invioláveis
porém a qualquer instante
podem se entregar
a uma só paixão

àquela que as abre num mar-de-rosas
em seus passeios

(transportadas na ocultação do próprio andar)

em interrogações gráficas
surgem pequenas dúvidas por trás de seus ombros
mui claros, mui claros,
a noite toda

e seus ombros claros desabrocham de manhã
em beijos redondos
que escorrem por Você,
meu bem

a planta dos seus pés pintadas de *bâton*
desenham para mim

retornar ao vinho da amada,
minha festa deitada

lentamente
como se retorna
ao coração em nossas mãos cobertas de mel
para seu corpo, derramada
em brancuras

[illegible]
a borda do leito mas nua
sentada nas sombras de si-mesma mas nua
ela se desdobra em desejos e na posição
de um pé arqueado que indica
a mata amorosa

a planta dos seus pés pintadas de *bâton*
desenham para mim em mim
a dança

num prato de tristezas as frutas
caem verdes,
uma a uma,
acariciadas pela aragem da paixão das tardes
na paisagem íntima
dos corpos enlaçados num abraço de brancuras
num abraço carnal que se desvela em beijos e queixumes carmens

a ternura que já estava desenhada na figura dos lábios,
que já estava articulada na xilografia lenta dos olhos,
abisma-se no olhar extasiado
em seus céus profundos

o perfume cresce do fundo das constelações suavemente

o desejo se forma como uma flor no ser

ao longo do caminho
as grandes árvores
e lembrança
da dourada resina escorrida das madeiras cortadas

translúcida memória que adorna de ligas o seu corpo
girando no sexo da ocultação das folhas

presença que se sente como a folha macia
de uma outra folhagem

maravilhosa

mangueira de uma só manga
escondida pelas grossas folhagens do perfume
junto à larga forquilha úmida
manchada de mágoas e sombras
tesouro das aves
copada

minha mulher

SEGUNDA FACE

(anotações da viagem)

"a planta dos pés
é o pires
e das nádegas
é a chicara"

B.K.S. Iyengar

o touro
precisa do poste
para ser amarrado

a meditação é sempre amarrada

OBS. a meditação não é abstrata;
a meditação necessita de um processo (mental)
relacionado a um elemento dado;
a meditação é feita apoiada no fluxo estabelecido pela
interação entre o fazedor e o que começa a ser feito,
a coisa.
A meditação é feita apoiada
na consciência e/ou experiência de um material,
de um objeto ou de um corpo.

Phone : 23-0181 (30 Lines)
Telegram : OBHOTEL
Telex : 7248 & 7854

OBEROI GRAND HOTEL

15, JAWAHARLAL NEHRU ROAD, CALCUTTA - 7000 13, INDIA

a capital da Bengala
é
Calcuttá
(quel cul t'as)

THE COLAPSE BRIDGE

- - - - - - - - - - - -

9.I.78

Registered Office: THE EAST INDIA HOTELS LTD, 4, MANGOE LANE, CALCUTTA-1

a ferradura de montanhas e no pouso central
o vale das cavernas esculpidas com a pintura da dançarina revirada

os crocodilos de ferro nas folhas vazadas pendentes
ao redor da grande lâmpada ritual

o par tibetano que anuncia a conjugação mágica

a dançarina dentro do prato
no jantar do Mysore Room

a mente é como a água

a acqua
é a maior parte do nosso ser
ela faz parte de todo nosso ser
e ela sempre flui humildemente

o trabalho, a dedicação,
o debruçar-se sobre enfim
é que a faz jorrar numa fonte!

a nossa vida começa na água

a única coisa equivalente ao plasma
é o mar

o mar é vivo, ele modela formas

a nossa respiração possui formas
equivalente às da nossa mente

a nossa mente molda o nosso ser

o ritmo da nossa respiração
estabelece o ritmo do nosso corpo

o nosso corpo é a paisagem
modelada pelas águas macias

a ligação entre o mar-occeanus
e o mar-interior
é feita por meio de vibrações rítmicas
cadenciadas
(em cadências analógicas)
transmitidas em ondas energéticas

pela acqua

tudo o que é vida vem da água

a água nos ensina

quando eu me encanto
é a água que está em mim
que se apaixona pela água
que está nela

aonde eu tenho mais água e leite
chama por ela,
mas antes de chamar por ela
chama por onde
ela tem mais água e leite

depois eu a encontro
como a água

a água nos ensina
inclusive quando se espelha
numa aula de vidros

a água nos ensina

assim
a mulher bebe e o homem come

guirlanda de fluxos vibratórios
assim é minha amada em cores
ao redor do meu ser
em corações

o tato é azul

quando se está junto, não se vê
por isso a mulher é redonda

o olhar é vermelho
(porque)
a visão incendeia nossos olhos

tudo o que cresce é suave
seja gentil como um barco no mar

todo sexo é um peixe

todo sexo
também é macio
também é simbólico
também é misterioso

condutor da luz profunda

eu estou desenvolvendo um girassol cor-de-rosa
na minha fronte

no meio da estrada
uma folha amarela

a alegria plena é silenciosa

abaixo para pegar
(bem junto dos meus pés)
meu segundo coração

quando se começa a pintar,
logo depois do céu todo azul
vem a vontade clara de pintar
o céu do amanhecer

isso revela o descobrir
a própria matéria da pintura

— todo amanhecer é um começo íntimo.

os lábios servem para segurar os véus

todo monumento natural
é sempre uma homenagem a

é o lugar ou marca natural
de passagem e da presença maior,
é um lugar de voto

a arte é o ex-voto do sagrado

o elefante é como o céu

todo coberto de leite
macio e grande e de pedra
com seus relâmpagos de marfim
e a estrela d'alva
no amanhecer de seus olhos
entre as volutas das abas
que o emblemam de cauda
da montanha dupla

o elefante é a montanha de gozo silencioso
fascinada pelo *lingam* escorrido

rodeado pela dança meiga das cadeiras
das dançarinas de pedras entrelaçadas
escuta os seus seios esculpidos extáticos recitarem
pequenos balanços

sentado como um templo na gruta
à sua frente o tanque de manteiga

sentado
no trono que escorre

no tablado musical
as quatro bailarinas
no pátio de *bougainvillées*
as quatrocentas concubinas

rosadas
a igual de seus panejamentos íntimos
de sedas de fitas e de rendas úmidas
de rosas de violetas e de azuis tingidos
pela volúpia e pelas tardes corantes das
filigranas de mármore e das carnes das mansidões

na cabeça o sol
de raios turquesas
criando a vontade de construir a homenagem enorme:
um Taj Mahal branco
e outro Taj Mahal negro
com o rio passando no meio

o Sultão

Body and Soul no Hotel Oberoi Grand em Calcutta

o tigre-branco e o tigre-de-bengala
ao redor do quarteirão dos livreiros
as pegadas de prata e o bazaar

a árvore de pedra

os treze céus que iluminam
a face dourada pela manhã

o olhar de Buddha é azulado

o par amoroso
nas nuvens cor-de-rosa
Boddisattva

a montanha dupla que aparece e desaparece

A DUPLICATA

a poeira de café dando cor a tudo e os campos de mostarda

(no vale de Khatmandu
é permitido à mulher
apenas trabalhar a superfície)

as mulheres revolvem a terra dançando com os braços
enquanto as marcas de café sobem por suas meias de sombras
Você carrega como elas
os oleosos grãos sépia fendidos da vulva ocultada
e as nódoas amorosas dos mamilos cambaleantes

a deusa viva surge na sacada
(revelando maquiada
com a máscara violácea)
a importância dada às janelas
nos tântricos palácios tibetanos

as poucas coisas da perdição
nos ensinam
a olhar

no banco do rio
a flor de lótus bebe a luz

o caderno das águas

os cachos de bananas
descascadas e esculpidas
uma a uma, nuas e curvas

emblemadas de figuras
erigidas
na fonte iniciática do amor
no encantamento do dia a dia enamorado
na monotonia rítmica da paixão
na dedicácia mágica do templo
em Khajuraho

nascimento do corpo erótico como arabesco

no meio da planície
bordada de olhos d'água
os templos votivos cor de banana molhada

enluarados pelos lactantes seios opulentos

alto florilégio tantra
Khajuraho
coração de bananeira

no sonho ela é coberta
pelo elefante de leite

espirrando por todo seu corpo a luz

o *yogé*
balança-se

entre a concentração e o dar-se
o gratuito e a disponibilidade
apoiando-se num contínuo plástico
isto é, *o corpo*

o corpo é a imagem
a figura e a letra

o corpo amoroso é aquele que anuncia
aquele que fala

a curvatura amorosa
a duplicata curvada
— o desejo é curvo

é na curva
que se instala o fantasma na garupa

iluminando os campos

na curvatura dos rins, os quadris esquecidos

no quarto
o cavalo e a cavaleira
veículos desdobrados
do anjo vermelho

odalisca bordada

o luxo corporal
é a ornamentação dálias do
coração

esta fonte noturna

"a lucidez espiritual
é que orienta a escolha do nosso alimento"

dito iogé

"a mulher é o alimento/corporal o mais elevado"

Novalis

"Sexo *sendo* Amor
o princípio do Amor *comanda tudo*
e/ou o todo."

Malcolm de Chazal

mosaicos de esperma no seu rosto,
querida

recontando as carícias das cenas românticas
onde damos a volta toda no seu corpo
por entre as paisagens e as amphoras

le tapis de l'amour
toute une série de pubis échevellées
ornamentées d'ibis blanc

. . . . . .

o tapete do amor
toda uma série bordada à mão de púbis échevellées
ornamentadas de íbis brancos

aguardando o redemoínho que suave se recosta

o leito

suas coxas, os travesseiros, os lençóis, as dobras
a colcha
— meu pézinho *art-noveau*

a cama/*le lit*

A MESA

flexion de je-nous (la réflexion de genoux)
. . . l'autre/la table

("Os braços e as coxas do homem estão ligadas aos
braços e às coxas da mulher, o vento mistura-se com
a fumaça, as mãos adquirem a impressão digital dos
desejos.
Distingue-se os problemas como problemas do primeiro,
do segundo e do terceiro grau. (. . .)
No do terceiro grau, a mulher tomará, uma após outra,
todas as posições naturais.
A janela estará aberta, entre aberta, fechada, ela dará
sobre a estrela, a estrela subirá para ela, a estrela a
deverá atingir ou passar do outro lado da casa.
. . . . . .
24. (Posição): Quando a mulher fica apoiada de quatro
sobre suas mãos e seus joelhos e que o homem está de
joelhos, é 'la Saint-Table'/ A SANTA CEIA."),

, L'IMMACULÉE CONCEPTION por A. Breton e P. Eluard

a mesa que se senta em mim

a trindade macia do seu quadril
sob os cetins do movimento

— "o único movimento que existe é o do pensamento"
, Saint-Pol-Roux

o movente abre-se no vivente
com os lábios do Amor

o turbilhão querido de todos os seus lábios

pintados

OBS. " 'cuisson du hasard' *qui invente...*
des chances de vie", c'est le travail
de la femme-au-chaudron,
c'est à dire la braise,
disons les baisers *et* la Vérité
par où, parmi, (par mille lieus)
on passe comme un chemin
particulier, sans indications — à se perdre!

l'Amie au grand écart

LES OISEAUX

dans la lumière blanche s'allument
les hanches

les écrans
blancs-noirs

la danse des yeux

la machine
de tapir
la machine-à-taper

les coulisses ondulées

les oisives secrétaires assises
entre'ouvertes

un réservoir entier
de l'amour

la rue

LA ROUE

la ruée
(la rue, roulée)
les jours

Assim como o Amor nos reenvia ao Ser,
nos desvelando no Outro a luminosidade da Amada

— as cicatrizes de um *double* (corpo de desejos)
refletem-se na pessoa por *repercussão* causando
cicatrizes semelhantes/ Vide: "os desejos de uma
pessoa prosseguem tendo *vida* mesmo depois da morte
da mesma, por causa do *momentum da violência* do desejo",
como disse Algernon Blackwood —

, assim, ela passeia toda iluminada
movendo-se com A GRAÇA,
toda molhada

entre as estrelas
passa a charrete de orvalho
deixando o sulco amoroso

Poesia
na arte como linguagem amorosa

a arte é um meio, um processo
atividade de (para) conhecimento;
a arte é uma atividade que conduz
que passa, que dá passagem à Vida

(o corpo é o vão modelado)

Poesia o que permeia a-que-passa

— a arte é a linguagem elétrica da Vida

o exercício de uma seita
a seita do seio
do saber obscuro

apoiada nas suas nádegas extremas

o sublime dela toda aberta

sensação imediata
da realidade negra

Comentários sobre a anca e as nádegas, o cetim e as sedas, o sono e os seios:

I. Os olhos, quando cintilantes e afastados, refletem
(a boca entreaberta) a vertigem eminente
. . . . . .
Repare a sua anca. Toda a energia do cavalo provém da
parte posterior, onde se entre-abre o fulcro, o
apoio/tensão que fornece a impulsão.
As ancas e a garupa precisam ser largas e a região
lombar musculosa. É importante que, igualmente, as
coxas sejam longas e as nádegas bem caídas em curvas,
assim como é importante 'la chute des reins' a qual
dá a curvatura ideal para o nascente do arredondado
feminino do quadril.
As articulações devem ser maleáveis... formando
uma alavanca que assegura a expansão e a propulsão
de todo o corpo.
O corpo que não deve ser muito longo, é a parte
que transmite a força nascida na metade posterior
para a metade anterior.
. . . . . .
São as mãos que desempenham os esforços maiores.
Durante a corrida, o busto é importantíssimo!
As mãos e os seios absorvem o peso do cavalo
e amortecem o impulso das pernas.
A forma das carícias indica a preferência por um
determinado caminho.

A força do galão
vem das ancas.
São esses movimentos 'para dentro das ancas',
num impulso violento dos quadris, que fornecem
toda a energia propulsiva,
e quanto mais longos e curvos forem os seus ossos
e quanto mais longas e belas forem as suas coxas
maior será o raio de ação dos músculos de cada perna
e, assim, seus movimentos se desenvolverão mais rápidos.
. . . . . .

II. "As ancas em movimento...
a anca total só existe no andar...
A anca é a mola central do relógio-corpo.

A curvatura dos rins 'anuncia' o modelado dos seios...
e cada gesto do corpo.

As ancas em movimento...
o enfeitiçamento das ancas e a magia dos seios.

A mitra do cardeal tem tudo da crista do *cacatois*...
(...) não existe um único chapéu de mulher
que não pareça feito para 'uma outra cabeça'.

A sêda é o mais nu dos tecidos, graças aos reflexos de
sombras"

, SENS PLASTIQUE por Malcolm de Chazal

III. — O Sono é sagrado. (nos seios repousa a Noite).

depois vem a chuva que cai na cama aberta

coral *bois-de-rose champagne* pêssego rosa-seda
as nuvens rosas de nossos corpos enlaçados

que se desfazem em gritos
nas duas vertentes
da montanha dupla
que dança

ELA DANÇANDO

"Parler de Voir, hier comme aujourd'hui,
à ce qu'il me semble, c'est toujours
'travailler' du verbe, (...) quel que soi
le motif que nous 'incite à...'"
, ÇA REGARDE por Louis Schneiter

nossa percepção é semelhante
ao 'registro fotográfico' no âmbito
dos *sentidos* — a partir de escolhas e seleções
e/ou 'preferências pessoais'

espelho — reflexo sensível dos sentidos,
o corpo é todo o nosso olhar!

ela dançando

Como diz Jean-Noël Vuarnet, em LE DISCOURS IMPUR,
"a textualidade mística (das dionisíacas/
— "*les trés hautes putains et les saintes impures*"),
situa-se menos longe da de Nietzsche
que daquela que chamamos escolarmente (ou, estamos
habituados a chamar de) filosófica."

a textualidade mística sendo o falar extremo,
o falar da visão em-si-mesma

"*les corps sont les parcelles de l'indivis*
sépulcre du sublime Verbe", lembra Saint-Pol-Roux

portanto,
o corpo é o Verbo configurado
. . . . . .
o silêncio é uma idéia de solstício,
de nascimento e surgimento e festa,

passagem

in-esperada
(ELA)

o silêncio do corpo que-passa compassado
que se nina no berço dos seus quadris ocultos
revela o sentido da mulher

encarnada

ELA FALA
fada que se dá

"a palavra e a idéia servindo de materiais
ao seu organismo que se movimenta igualmente
como o sistema astral", Saint-Pol-Roux

(ELA)
sentada
no meio do seu próprio corpo dançando

le lent mouvemment (de celle qui passe)
'renversée' des hanches,
o movimento requebrante —

ela anda (dançando) no se dando
— no se abrindo toda, da passada ocultada
do entre-salto, na clara vertigem
da sua conjugação de quadris abertos

as festas duplicatas num só corpo

ela dançando

— as suas nádegas
uma bandeja de borboletas azuís

borboletas azuis, por ex.:

— MORPHO ACHILLAENA

"(. . .) Asas superiores e inferiores negras, cortadas por uma zona muito larga, comum, discoidal, de um azul-metálico um pouco menos brilhante junto ao nascimento; as superiores tendo para o meio do bordo costal uma grande mancha branca mais ou menos triangular e oblíqua, dividida em quatro por nervuras muito escuras; bordo externo com uma ordem de oito pontos brancos mais ou menos orbiculares; chanfraduras bordadas de branco-amarelado; asas inferiores com as chanfraduras bordadas de branco-amarelado, tendo ao longo do bordo posterior uma série de pontos vermelhos mais ou menos visíveis; bordo abdominal pardo-amarelado; antenas negras; olhos negro-arruivados; thorax e abdomen negros. Face inferior das asas superiores, de um castanho-escuro-arruivado, tendo três ocelos negros, com a pupila branca, cercada de átomos ferruginosos e violeta e o íris amarelo, fechado por um círculo esverdeado que borda interiormente uma lúnula desta cor; para o nascimento destas asas tendo ainda uma linha transversa, flexuosa e interrompida; bordo terminal com três linhas flexuosas, sendo a primeira amarelada e as seguintes de um branco-acinzentado; face inferior das asas inferiores da cor das superiores, tendo quatro ocelos nas mesmas condições; na raiz, duas linhas flexuosas de um branco-azulado, e, no bordo terminal, três linhas de um branco mais ou menos acinzentado, sendo a intermediária entrecortada de vermelho; (. . .) O vôo é compassado, regular e muito pouco elevado."

— MORPHO MENELAUS

"(. . .) 130 a 150 mill. de envergadura. Asas superiores e inferiores de um azul brilhante, marcado na porção anterior por uma mancha branco alongada; ápice e bordo externo negros, aquele marcado por um ponto branco quase orbicular; chanfraduras branco-amareladas; asas inferiores ligeiramente denteadas, com o bordo externo negro; abdominal pardo-amarelado; chanfraduras de um branco-amarelado; antenas negras; olhos negro-arruivados; thorax e abdomen escuros. Face inferior das asas superiores, de um castanho um pouco arruivado com a extremidade polvilhada de acinzentado, tendo uma ordem de três ocelos negros com o íris

de um vermelho-telha e a pupila formada de átomos azulados, eles cercam um círculo cinzento e são precedidos quase imediatamente de uma série de lúnulas de um verde-argenteo; bordo posterior afastado por dupla linha avermelhada, em festão; das asas inferiores da cor das superiores, tendo adiante das lúnulas uma linha interrompida de verde-argenteo; (. . .) Fêmea medindo de 150 a 160 milímetros de envergadura, de um azul menos brilhante e metálico que o do macho; asas superiores com o limbo posterior largamente negro, com duas ordens de manchas brancas; asas inferiores com o limbo posterior igualmente negro, e uma ordem de manchas brancas; célula sub-marginal, tendo para a extremidade uma mancha branca, bastante grande, disposta transversalmente sobre o bordo costal; antenas negras; olhos negro-arruivados, thorax e abdomen escuros. Face inferior das quatro asas semelhante à do macho. (. . .) O vôo é compassado, regular e muito pouco elevado."

, seg. Benedito Raymundo da Silva Contrib: para a HISTÓRIA NATURAL DOS LEPIDÓPTEROS DO BRASIL.

E, sublinhando mais, M. Chazal assinala que

"As asas das borboletas conjugam-se à distância numa anca carnal. (. . .) Todas as danças de mulheres em grupo poderiam ser qualificadas, em seu ponto culminante, de *ballets aux hanches renversées.*"

no clarão do corpo
suas nádegas desenham
a evidência maior

Universo Curvo

(perspectiva/fascinação)

ELA DANÇANDO

vide: "(...) le champ de la perspectiva se présente
comme le lieu de l'harmonie",

Malcolm de Chazal in
L'HOMME & LA CONNAISSANCE

"A 'ceinture de feuilles de figuier" é o
'cache-sexe', a vinda do pudor, inseparável do impudor
no mesmo sentido de escondido/'cachée', (o impudor ligando-se
ao escondido, ocultado, o qual está associado ao sugestivo).
O *'cache-sexe' (se é) usado na vista, na visão, esconderá*
o Mundo Maravilhado e o Paraíso do ver. Caso se use o
'cache-sexe' na connsciência, o homem sairá do estado de
inocência (que nos primeiros anos da infância, os seus
sentidos ainda cultivam)...
(...) — assim, o papel e/ou função do poeta será o de
tirar o 'cache-sexe' de sobre a imagem, a fim de re-tornar
ao *nu* da visão, e, por conseguinte, restabelecer o estado
da inocência e o da visão do Paraíso.
O papel do poeta é também de recolocar o homem na vida,
trazendo-o de volta para a face/a imagem da realidade.
(...) o *homem* não é apenas um designativo nomeando o ser
humano, mas o homem é o *princípio mágico em si*, sendo que
das suas declinações nos virão as formas da vida ao infinito,
colocando ou dando para tudo uma mesma *medida de vida.*"

Malcolm de Chazal

"Apenas o corpo é (in)signo"

Françoise Collin

Andando (o corpo da mulher), simulacro de si mesma,

Ela me emblema (como signo em si)

O que é o caminho da Vida, como curva
como vertigens sucessivas?

é a transformação sucessiva do horizonte, do andar

é a superposição amorosa
das sensações que se extasiam

é a transformação da Amada no Amado

onde o côncavo e o convexo se possuem
num mesmo corpo, numa mesma curvatura
num mesmo Corpo

é o Amor (caminho, trilha, senda) no nosso amores-espasmos
que nos dá a Visão

A VISÃO É O DUPLO-ANEL DA VIDA

o corpo é a montanha que nos comove

a montanha-dupla desloca-se suavemente
vem até nós e se afasta, durante a tarde

o entardecer a hora das mulheres que passam
(que) estabelecem a analogia da comoção em nós

é o corpo, o movente volume e/ou relevo
que nos ensina a louca emoção do ver

— o sentir a sensação

e o sentir todas as emoções
todas as maçãs e os seios do corpo
e o volume e o 'mexer-se' de suas nádegas

é ser sentido no excesso
no carro-céu
no corpo em folia,
iluminado

é a montanha que nos olha
com suas meias verdes

com suas coxas cruzadas

o sexo é a espera do amor

como forma, como destino, como meditação

(na noite do cinema
as mulheres sentadas nas poltronas
são eclipses em repouso

apenas seus olhos refletem as cores, os corações

no caleidoscópio das imagens
a câmera-lenta
entre-abre suas emoções
como as pernas da corista
numa flor de sombras)

retendo dela sentada sua forma
a memória do sofá a guarda

a máscara da tarde na sala

Senhora das imagens
oh mulher curvada, seio meu, emblema meu
seus passos de carregadora de plantas nas folhagens
semeiam de saltos-altos o meu olhar

o dorso requebrando me inscreve

toda recostada no leito da noite

a mulher andando
com suas grandes nádegas
se-paradas

me nomeia

o charme da carne
arca negra

nua
abrindo-se nos desejos
dos seus desejos de *scelleràta*
por entre as tiras negras que cingem suas meias
acariciando suas nádegas que desmaiam
ela grita
enquanto suas coxas sensuais riem

ela grita

fascinado

face do rito

alchimia da expressão
a sua face maquilada

oh mulher bela!

moldada em vestes que se abrem
revelando

as caligrafias em nanquim
das suas roupas íntimas
por entre as formas do seu corpo
que a revestem de exuberâncias
na ocultação de *nylons* e *jerseys*

nos volumes dos êxtases

desmanchando-se em passeios, ela passa provocante
os olhos apoiados de rímel nas beiradas do amor

(em suas mãos, a bolsa dos aromas)

curvada

ela mesma

a mulher aspira com o rosto oculto da noite
intensamente enquanto fêmea se espasma
no leque claro de suas costas angélicas

as suas nádegas
sentem o perfume
com seu dorso empinado

enquanto segura nas mãos
os grandes seios do alvorar
a fenda de seu corpo partida
sonha com borboletas de sombras

A mulher é o desiderio que passeia em nossas ruas azuladas

"(. . .) já que o homem não poderia existir sem a mulher e a
mulher não saberia existir sem o homem, surge disto o anjo
que nem é o homem e nem é a mulher, mas, isto sim,
o *homem total* que é o casal ou par-duplo-em-amor. E o Mundo
em Deus é, assim, um *mundo casado* com o casal em comunhão,
e o verbo é a vida desta comunhão, destes mundos duplos
em comum ligados. Pelo *sexo sacral*, a *voluptuosidade terrestre*
transcende-se no casal e se torna 'la joie du ciel' (. . .).
O absoluto, o próprio mundo em si da expressão é
um *mundo de sentimentos*."

Malcolm de Chazal, ob. cit.

Os símbolos da natureza
provocam
o homem a se abrir
de preferência no meio que lhe é mais vertiginoso

aquele que o convoca

a mulher já aberta

sustentada em si mesma pela paixão

nas letras do seu corpo que fala

apoiada nos seus membros em extremo

a mulher é a noite * que anda

(*) "Por processo de identificação, todas as noites, pequenas e grandes noites que são as sombras, encontram-se (misturam-se) na *noite cósmica* que não se mexe.
Portanto, *todo movimento acontece ou se dá sobre-e-no imóvel.*
(...) Em vista deste fato, a noite cósmica é *o meio mágico único.*"

Malcolm de Chazal, ob. cit.

O ato de colocar a nu o corpo da mulher

é

dispor a sacralidade de sua imagem

(toda nua ela revela sua beatitude oculta)

nua
semi-aberta em si mesma obscura
as pernas separadas no grande prazer

face absoluta

do

sagrado sacrilégio

da

NOITE

imediata

Os arqueamentos na mulher 'nuda desenha no seu corpo
o lugar do amor

o arco-íris no céu
é o reflexo, o corpo

o corpo de ligação, de ligas
é a fascinação
do corpo feminino

que anda, em compassos

a mulher-nuvem
é a guardiã-das-cores

a chuva inter/liga o céu e a terra que se abre
a mulher úmida

a amada

a pedra possui o mesmo ritmo do sexo

os suaves signos naturais inscritos na pedra
assinalam a mulher como fonte oculta do amor

as pedras são arredondadas
como os corpos das mulheres

o desejo perde o nosso olhar
por entre as pedras do seu corpo

acariciar o por-vir é amá-la
como sexo sacral

a montanha é o altar natural, como diz a tradição oral
por isso o abismo é o reflexo que nos abisma

suas encostas femininas, interligadas entre si, são sagradas
e sua vegetação é a renda de bilros que a cobre de tremores
manipulada pelos dedos oleados
no ofício fascínio da mulher sentada

daquela que a tece, planta por planta
cada folhagem mais bela que a outra
como uma apaixonada

no colo da sua figura
a *floresta triangular* guarda em calor
o seu Segredo

e o sentir todas as emoções
todas as maçãs e os seios do corpo
e o volume e o 'mexer-se' de suas nádegas

é ser sentido no excesso
no carro-céu
no corpo em folia,
iluminado

é a montanha que nos olha
com suas meias verdes

com suas coxas cruzadas

o sexo é a espera do amor

como forma, como destino, como meditação

(na noite do cinema
as mulheres sentadas nas poltronas
são eclipses em repouso

apenas seus olhos refletem as cores, os corações

no caleidoscópio das imagens
a câmera-lenta
entre-abre suas emoções
como as pernas da corista
numa flor de sombras)

retendo dela sentada sua forma
a memória do sofá a guarda

a máscara da tarde na sala

Senhora das imagens
oh mulher curvada, seio meu, emblema meu
seus passos de carregadora de plantas nas folhagens
semeiam de saltos-altos o meu olhar

o dorso requebrando me inscreve

toda recostada no leito da noite

a mulher andando
com suas grandes nádegas
se-paradas

me nomeia

o charme da carne
arca negra

nua
abrindo-se nos desejos
dos seus desejos de *scelleràta*
por entre as tiras negras que cingem suas meias
acariciando suas nádegas que desmaiam
ela grita
enquanto suas coxas sensuais riem

ela grita

fascinado

face do rito

alchimia da expressão
a sua face maquilada

oh mulher bela!

moldada em vestes que se abrem
revelando

as caligrafias em nanquim
das suas roupas íntimas
por entre as formas do seu corpo
que a revestem de exuberâncias
na ocultação de *nylons* e *jerseys*

nos volumes dos êxtases

desmanchando-se em passeios, ela passa provocante
os olhos apoiados de rímel nas beiradas do amor

(em suas mãos, a bolsa dos aromas)

curvada

ela mesma

a mulher aspira com o rosto oculto da noite
intensamente enquanto fêmea se espasma
no leque claro de suas costas angélicas

as suas nádegas
sentem o perfume
com seu dorso empinado

enquanto segura nas mãos
os grandes seios do alvorar
a fenda de seu corpo partida
sonha com borboletas de sombras

A mulher é o desiderio que passeia em nossas ruas azuladas

"(...) já que o homem não poderia existir sem a mulher e a
mulher não saberia existir sem o homem, surge disto o anjo
que nem é o homem e nem é a mulher, mas, isto sim,
o *homem total* que é o casal ou par-duplo-em-amor. E o Mundo
em Deus é, assim, um *mundo casado* com o casal em comunhão,
e o verbo é a vida desta comunhão, destes mundos duplos
em comum ligados. Pelo *sexo sacral*, a *voluptuosidade terrestre*
transcende-se no casal e se torna 'la joie du ciel' (...).
O absoluto, o próprio mundo em si da expressão é
um *mundo de sentimentos*."

Malcolm de Chazal, ob. cit.

Os símbolos da natureza
provocam
o homem a se abrir
de preferência no meio que lhe é mais vertiginoso

aquele que o convoca

a mulher já aberta

sustentada em si mesma pela paixão

nas letras do seu corpo que fala

apoiada nos seus membros em extremo

a mulher é a noite * que anda

(*) "Por processo de identificação, todas as noites, pequenas e grandes noites que são as sombras, encontram-se (misturam-se) na *noite cósmica* que não se mexe.
Portanto, *todo movimento acontece ou se dá sobre-e-no imóvel.*
(...) Em vista deste fato, a noite cósmica é *o meio mágico único.*"

Malcolm de Chazal, ob. cit.

O ato de colocar a nu o corpo da mulher

é

dispor a sacralidade de sua imagem

(toda nua ela revela sua beatitude oculta)

nua
semi-aberta em si mesma obscura
as pernas separadas no grande prazer

face absoluta

do

sagrado sacrilégio

da

NOITE

imediata

Os arqueamentos na mulher 'nuda desenha no seu corpo
o lugar do amor

o arco-íris no céu
é o reflexo, o corpo

o corpo de ligação, de ligas
é a fascinação
do corpo feminino

que anda, em compassos

a mulher-nuvem
é a guardiã-das-cores

a chuva inter/liga o céu e a terra que se abre
a mulher úmida

a amada

a pedra possui o mesmo ritmo do sexo

os suaves signos naturais inscritos na pedra
assinalam a mulher como fonte oculta do amor

as pedras são arredondadas
como os corpos das mulheres

o desejo perde o nosso olhar
por entre as pedras do seu corpo

acariciar o por-vir é amá-la
como sexo sacral

a montanha é o altar natural, como diz a tradição oral
por isso o abismo é o reflexo que nos abisma

suas encostas femininas, interligadas entre si, são sagradas
e sua vegetação é a renda de bilros que a cobre de tremores
manipulada pelos dedos oleados
no ofício fascínio da mulher sentada

daquela que a tece, planta por planta
cada folhagem mais bela que a outra
como uma apaixonada

no colo da sua figura
a *floresta triangular* guarda em calor
o seu Segredo

A voluptuosidade carnal
corresponde as alegrias celestes
do sexo ascendente
numa totalidade abraçada
numa cópula sublime
que é o mundo dos estados
ou o mundo dos
[sentimentos,
aquele da expressão

o verbo do sexo ascendente
é a vida do par-amoroso
em todos os seus excessos
na sua expressão maior
a da linguagem que inter-cede e liga
a da transfiguração na festa
na outra metade
na duplicata aberta
a da alegria revirada, amada despida

abraçada em seus braços que a parte em beijos

ela ecoa pelo seu corpo
como uma fada nova
em sarabanda, em mim

abrindo-se (e) entre-abrindo-se
mais e mais separando-se
até o estado que a passa

que a ultrapassa em meio do quase amor

ela passa a ser canto e voz
ela passa a ser caminho e andada
ela passa a ser um jeito de 'vê-la' andando
ela passa a ser outra vez

a descoberta

desdobrada em si
no deslumbramento que a traga
na confusão de suas formas sensuais
de desamparadas belezas

no dar-se em vão
fazendo-se a si mesma
uma paixão

ela deu o ar de sua graça
apareceu em formosuras desvairada
trouxe a figura a imagem do seu corpo
chegou em si mesma para nós
presença (e) ausência

identidade repentina
desfazendo-se no seu próprio céu

como toda mulher (dedicada ao amor) ela encanta

a Fada

(as suas vestimentas me dão sede)

O seu corpo é o desenho das águas

Cf. "É preciso batizar
com a água das correntezas
Onde a água abre as coxas
E circuncisa."

Malcolm de Chazal

o Sexo e a Luz
encontram-se no
nu

(o mundo dos sentidos)

a mulher nua é o encontro

"A vontade do homem é aquilo que o constitui",
como disse Chazal,
portanto se abrem três quesitos:

a vontade:
é o poder de se alcançar, de se dirigir para
aquilo que se quer (Nietzsche)

o querer:
'Io voglio'/ 'Eu quero', como dizia, para grande escândalo do Clero, a mulher Santa Caterina de Siena

o homem: o abismo da mulher

Provérbio: — A Noite é o Meio de Tudo.

Cf. "o espasmo fenomenal é um movimento perpétuo, e é dele que nos vem o movimento e a vida", Malcolm de Chazal

A poesia é o surgimento da graça,
do corpo

o universo plástico é o olhar do sexo

"Ela
tinha
o Sexo
nos seus olhos", assinala Malcolm de Chazal

O Sexo fundindo-se no Amor
cria a alegria dos céus
que é a vidência extrema

o sexo só existe como revelação no seu princípio conjugado

noite desdobrada

é na noite maior
que se conhece o amor

(o sentido vertical)

a forma e o movimento
nos são dados em véus
pelo sexo revelado
na sagração da luz

corpo amada

a linguagem inicia-se ao entardecer
quando o sol se recosta no poente

e entreabre como um acaso suas coxas brancas

as árvores são os reflexos dos campos

os animais negros são as mãos da noite
'cavala' sua figura é a rosa apocalyptica
flor e chama os círculos emanam da palma de sua mão
a violência da mulher está coagulada em seus olhos
no mar de açúcar de sua língua e nos seus joelhos finos
a imobilidade e a possibilidade da violência é a angústia sensual
das partes ovaladas do seu corpo esférico de curvas moles
cada redondeza erótica do seu corpo é a memória de quando aí rolou
um dos seus seios
seus seios brancos e rosas macios
que passeiam pela anatomia amorosa da imagem
de sua pele alucinada maciezas cobertas das meias rendadas das
[ligas das fitas de seda
da sua pele que fica iridescente
ante a presença suave de meus olhos que a tocam como uma
[abordagem
as suas nádegas são o céu da estrela negra
a sua anca maior que a noite
minha bola de cristal de coração de quaresmeiras colhidas e juntas
num miolo dilatado de paixão redonda
o seu espelho mágico é uma pedra oval com um veio claro
em forma de A
à noite o Sol olha a Lua

nesses dias em que fico emocionado pela figura do corpo humano
como as formas de sua presença meu quadro de sensitivas de
[brancuras
eu queria que os passarinhos se dependurassem nos bicos
de seus seios soltos
e as flores se inventassem do seu salto-alto negro

eu quero num único beijo
deformá-la para sempre

Não existem duas coisas idênticas no universo

os seus seios
no seu corpo amado
no Apocalypse, minha Querida
são dois encantos

ah minha querida, esse querer meu que dança!

A mulher andando (o seu corpo que passa)
ela me emblema

Nota: "o movimento perpétuo que anima (a ordem analógica)....
o qual está ligado ao fluido no homem e ao sol interior (...)
através do *sexto sentido* que liga o consciente e o inconsciente,
é esse movimento que nos dá o 'sens du voyant' ",
Malcolm de Chazal

a solicitação natural ao movimento

(surge espontaneamente em nosso corpo livre
estabelecendo o debruçar-se-em-si, o trabalhar
do mundo/natureza e do homem)

sendo as maravilhas

esta movimentação começa a se manifestar no mundo fenomênico
aquele dos nossos sentidos

permeado pela revelação do sexo
como identidade que se abre fascinante
num mais querer conjugado

turbilhão das cores
ou mundo natural

no espasmo das estações
o corpo da mulher é o continuum que se dá
na beleza das sombras

pela exuberância das suas formas
a mulher oficia o número aberto

o Número é o corpo do amor

(pela exuberância
as formas do corpo feminino estão intimamente ligadas
ao que nos ultrapassa
elas são uma rosa indicadora do tingir-se das vertigens

o corpo é o portal
do sexto sentido

é no amor que se conjugam
as identidades

e das duas entidades que se consomem na fonte das sombras
surge o Número

e, por analogia,
o Número está ligado ao amor
ao sexto sentido

o Número é o gratuito
e o amor sendo a gratuidade-em-si, o perder-se
o refletir-se em identidades
o seu corpo é o Número

é no corpo
que reina o gratuito
o excesso e o defendido
propriedades da beleza

e é nas paragens de suas propriedades macias
que a imagem inscreve com sua presença,
à nossa volta, as intimidades desconsertantes

a perturbação da imagem

é o amor que nos abre os outros olhos

É o erotismo que folheia
o livro aberto da natureza

é o erotismo que folheia
semi-abre para nós e entre-abre em nós
a passagem das folhas que crescem entre suas mãos
espalmadas e claras e perfumadas
com o mapa dos céus desenhado

é o erotismo que folheia
na página aberta, nas imagens e entre-signos,
na clareira enfim, que desfolha a carregadora de plantas
até sua boca aberta
com um vaso de musgo

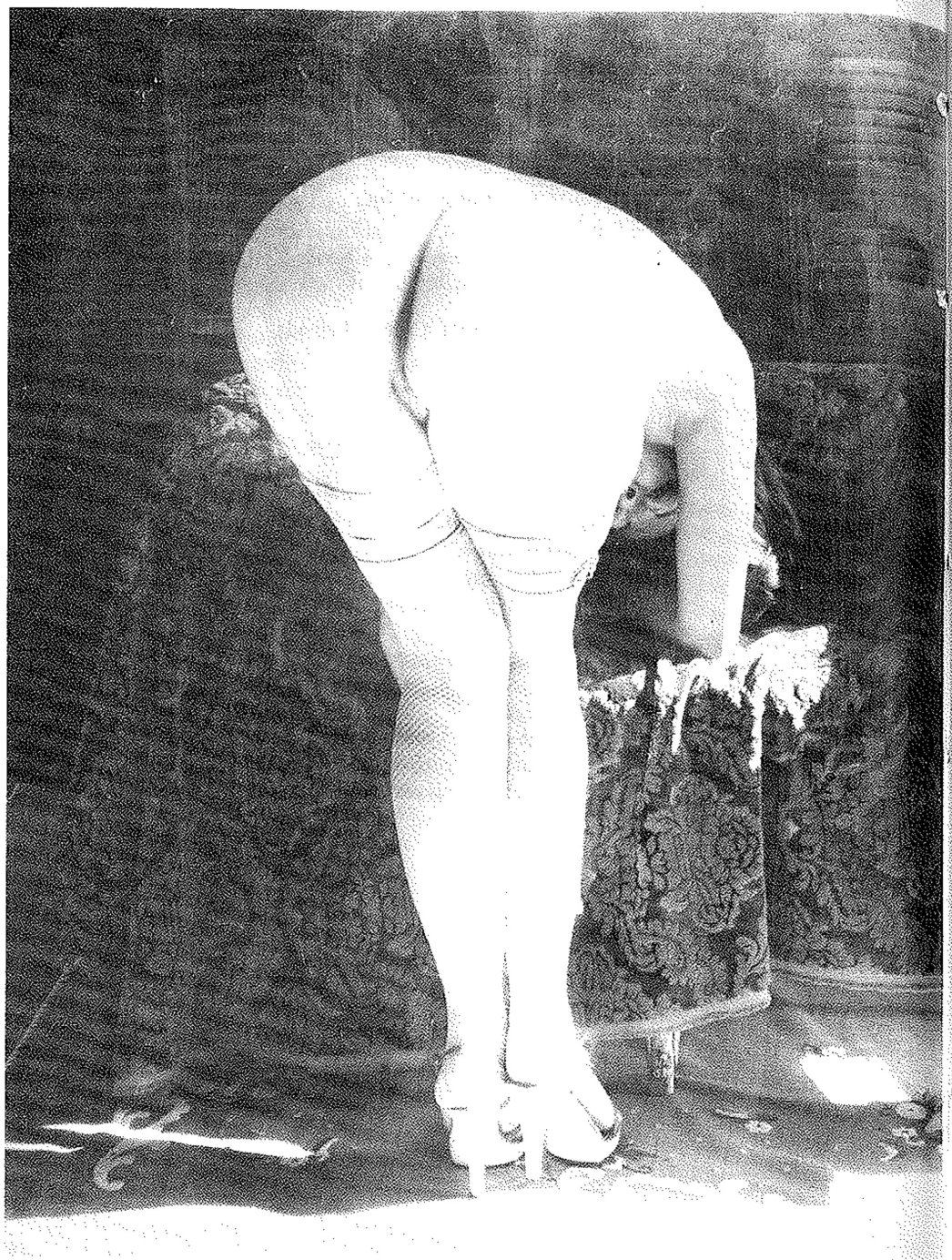
é o erotismo que folheia
o seu gesto que é o nome descrevendo o seu corpo
a começar pelas tonalidades de suas meias em transe
que a ilustram de marcas de café
à margem de outras sendas

é o erotismo que murmura nas correntezas a provocação

banhadas em folia as águas
sonham as banhistas roladas
que para sempre as amem deitadas

A Noite
conduz em seu seio de sombras
a luz e o leite

as estrelas são a matéria a ser trabalhada



NIGREDO *

(*) Texto e versos anteriormente publicados no livro "COLLAGE: Textos sobre a re-utilização dos resíduos (impressos) do registro fotográfico em nova superfície", edit. Raul di Pace/Editora Parma — São Paulo, 1984

(fragmentos)

..... Da fenda.
É a figura simbólica do fulminado, da iluminação.
Da iluminação que é a do excessivo (do amoroso).

A imagem do excesso é clara, é a casa do raio.

O corpo é a metáfora da luz.
(a presença dos sentidos é a carne — o lugar da transgressão).
.....
Assim,
porque a imagem contém a força de uma verdade íntima
(Bachelard), as imagens do corpo possuem uma fascinação
que as ultrapassam, que as excedem.
E as que mais o excedem, ao corpo (da mulher),
são as imagens do quadril, das nádegas, da bunda.

(A palavra *bunda* vem de uma raiz africana (quimb.): mbunda,
e quer dizer (significa) *ação*. Vide cf.Dic. "s.f. As Nádegas (q.v.)
e o ânus; a parte carnosa do corpo formada pelas nádegas. (...)
e vide do lat. 'bundu' = Suf. 'que pratica a ação' " (...)
s.d. A palavra bunda, no âmbito sensual, designa a forma de
'amphora' ou 'corola carnuda' que compreende o quadril,
as nádegas, o ânus e, interiormente, o sexo, sendo limitada
acima pela 'chute des reins' e abaixo pelo nascente das coxas.
Vide 'aquilo que dança'!)

Se mantivermos que o corpo é a metáfora da luz, como dissemos,
vale acrescentar que o ritmo (da imagem/do corpo)
é a metáfora amorosa da memória
da 'assinatura' (da 'tintura').
.....
o que significa, o que dá vida e verdade íntima
a uma imagem,
é a sua 'signatura' astral.
A imagem é o 'eco' da sua *assinatura*.

(Porque) A bunda possui a mesma 'assignatura' da Tempestade
é a mais clara imagem do excesso.

O corpo é a metáfora da luz
e a bunda é a da Pedra fendida.

E por isso (também) é uma imagem de cólera (é a casa do raio).

A bunda é a colher da cor do céu
— céu como firmamento do desejo.

E possui a mesma curvatura mágica do arco-íris.

Ela é a lembrança da tempestade.
O raio é o sentido rítmico que a ondula.
Ela é o colo da espinha dorsal/coluna sagrada.
É a grande nuvem redonda de névoa que acaricia
a montanha em sua brancura.

— a coroa das rainhas (*la courone 'aux reins'*)

. . . . . .

A figuração da bunda e o seu imaginário,
quando assim expostos, ou mesmo como vazam da horizontalidade
das 'imagens' impressas da atualidade e passam a ser
'image-work',
enfim, a sua *imagem ativa* (e/ou sua imaginação)
é a da transgressão na mulher,
e do proibido no objeto do desejo.
No caso, a amada *des-feita* em si,
em seus quadris que a raptam
em sonhação de 'cavala'. Ela.

A imagem da bunda
a da 'montanha', a da 'duplicata'
(montanha dupla dos ocultistas),
a 'image-work' de suas nádegas, portanto,
indicam sempre uma conjunção vertical (de opostos),
e a sua conjugação — por suas formas e pela brancura
que a simboliza — é sempre a de uma transgressão
que se completa no gozo, no excesso.

A mulher é o oposto do homem.
E é a exaltação amorosa, o mais-querer do paroxismo amoroso
cuja fonte lhes é comum,
que permite frequentar este ponto
onde o homem e a mulher deixam de ser entendidos como
contrários e dar passagem à 'perdição'
pela verticalidade do orgasmo.
A mulher passa a ser o idêntico na semelhança,
nesta transcendência, cujo excesso é 'a montanha' iluminada
(*a gruta que fala*)

Na mulher (o corpo do feminino), a bunda
é a imagem da montanha.

. . . . . .

A montanha é a presença
verticalizante de uma profundidade.
(A gruta é o seu mistério). É o reflexo/ o 'contrário' da gruta,
e espelha a sua imensidão, a sua superabundância numa
fascinação (. . .)
É na 'caverna' que vemos com os olhos da Noite.
A 'floresta triangular' é a ocultação
dos seus segredos.

A imaginação simbólica, portanto,
fruto da fascinação,
é o que dá a-cesso às vias eróticas,
à relação entre o sujeito desejante e o objeto desejado,
essa 'simpatia' sem-fim que é o Amor.

A imagem de sua presença,
a da redondeza do feminino na mulher,
entre-aberta, escandalosa e fascinante,
é dada sob a 'signatura' da violência.
Vide as inter-relações e os 'vasos comunicantes'
entre as operações alquímicas e as operações de relação amorosa
da mais alta licenciosidade, como a do Grande Desejo.
Por exemplo, vide também, a superposição, no texto em pauta,
de uma descrição poética
similar a do 'caput mortuum' na área do objeto feminino
e de um discurso sobre os privilégios
da sedução anal e/ou da dominação do olhar,
a partir da mortificação extrema do corpo.

Vide as bundas, as nádegas, a dupla cauda das sereias,

a montanha sagrada que é dupla.

. . . . . .

A bunda é uma máscara do 'Todo'.

O gozo anal sempre foi amaldiçoado
por 'deixar entre-ver' os limites do Ser,
por aludir ao caminho-do-meio,
entre-meio à 'montanha dupla',
por se dar nas fronteiras onde o Ser se perde no 'outro',
no animal e no material.
E sobretudo por ser
uma violação simbólica da *face* (do corpo),
do emblema analógico que a simboliza como fascinação.

No espaço mágico da ruptura ritual (da cauda ancestral),
a bunda oculta o lugar da 'falha' e o revela,
ela é a imagem velada e redonda do desejo,
é a imagem e a exuberância mesma
do excessivo
que se dá nessa desmaiação branca e sem fim
no 'Todo'
no corpo/amada/objeto
da consumação erótica.

A violação anal sempre está ligada à destruição
da 'face sagrada/fendida' do 'Todo'
e à identificação do corpo do Desejo
com a brancura da 'morte'.
E se dá como excesso erótico no lugar da duplicata,
da ocultação mágica da 'falha'.

O gozo permite um desdobramento sexual que passa
por entre os limites (do corpo) do Ser,
que se extravia numa matéria alterada,
num outro saber que o inicia no 'vazio'.

Essa violamentação é um trabalho de 'mortificação amorosa',
análoga ao da revivificação da matéria alterada,
da 'puctrefatio' na alquimia.
É da 'mortificatio' que nasce o 'lápis' de luz.
É ele, o lápis-de-luz,
que desenha o corpo para nós
como o arabesco do sagrado
que se consome numa aura arredondada e branca
como o jamais da boca de rouges!

As nádegas possuem o movimento da colheita.

A bunda é a cólera macia
que concebe todas as dádivas
da mulher que anda.

"O mundo íntimo opõe-se ao real,
como a desmesura à medida, a loucura à razão, a embriaguez
à lucidez.
Não existe medida outra que a do objeto (...).
O mundo do sujeito é a noite."

Georges Bataille, LA PART MAUDITE

A NUVEM LOURA

para ela, a minha raposa,
'a mais bela' dos rebanhos,
a guardadora

poesias
O DESEJO
telegrama
CADERNO-PRESENTE
O MUITO AMOR
POST SCRIPTUM PARA TI

1982/1984 e 1985

Num comunicado sobre a construção da torre,
este ideal da casa no deserto, Martin Heidegger
comenta a máxima de Sto. Agostinho 'AMO VOLO UT SIS'
(Eu amo, eu quero que o amado seja o que é)
e explicita:
"O amor é deixar ser o que suscita o seu ser"

"L'Habilité du métier
poétique est quelquer chose
d'assez ressemblant au
libertinage du roué en amour"

Pierre Reverdy
LE LIVRE DE MON BORD '30/'36

"A habilidade do ofício
poético é algo bastante
parecido com a libertinagem
do versado em amores"

"Son plus beau désordre
Était ses cuisses"

Malcolm de Chazal

o amor-perfeito
é uma caixa vegetal

que se abre em corações de cores

bordada de beijos nos cantos das costuras
uma mulher no mundo das almofadas mágicas

avenca trêmula

pube verde

e olhos negros

a perna clara apoiada como um clarão
desde a coxa em meus ombros

na palma das mãos o manacá

a tensão entre a flor e o lago
é o reflexo no espelho
do perfume

re-pare no seu corpo caído no chão

belo como uma flor
que se desconhece a planta

a planta talvez fosse a face da nossa casa?

a calma à volta do cisne negro

mais bela que o turbilhão das gravuras antigas
que as anáguas das dançarinas espanholas

carmins

pirataria dos lábios

uma estranha e diabólica
biblioteca —

as páginas do corpo de uma mulher,
folheadas uma a uma

amante

traí-me em seus braços

amada

apenas a dignidade do amor
em toda sua intimidade
torna bebível a mulher
como o tempo nos seus olhos

nos seus olhos
mais inesquecíveis que a máscara da espera

CAIO FERNANDO ABREU

O DESEJO

"Código do amor cortes, Séc. XII:

1. *A alegação de casamento não é uma desculpa legítima contra o amor.*
3. *Ninguém pode se dar a dois amores.*
4. *O amor pode crescer ou diminuir.*
15. *Toda pessoa que ama empalidece à vista daquele que ama.*
26. *O amor nada pode recusar ao amor.*
27. *O amante não pode se saciar do gozo do que ele ama.*
30. *Uma pessoa que ama está ocupada assiduamente e sem interrupção, pela imagem do que ama."*

redigido pelos trovadores no âmbito do
Graal e da Condessa de Champagne,
cit. por Stendhal in DE L'AMOUR (1822).

"Aminta: ¡Plega a los cielos que sirvan
mis suspiros de requiebros,
mis lágrimas de caricias!"

, Tirso de Molina in DON JUAN (1603)

As visões do Amor podem abrir
"as negras portas de diamante"
da alma

nos diz Giordano Bruno in DE GLI EROICI FURORI (1585)

A palavra desejo
vem de desiderio

desiderio, latim, tem
como raiz etimológica
SID, do sânscrito,
que deu sidéreo, sideral,
e quer dizer estrela, luz

luz é energia,
luz só existe como energia

Se é energia, é força.

Luz, arcaicamente, era também
o sentido, aquilo que guia, que orienta:
a orientação
que, na civilização ocidental, judaico-cristã,
passou a ser *a desorientação*, o pecaminoso
(vide Lúcifer, o Archanjo da Luz, o Rebelde).

Existem muitos textos
sobre o desejo mas
entendido como libido,
isto é, como reflexo da luz,
como incidência da luz em nós.
Contudo, não existe quase nada
sobre o desejo como luz,
como esta força original que nos orienta,
que orienta e dá sentido ao nosso ser,
como esta energia que vem de fora da pessoa
com a qualidade e como luz.

Suponho que o desejo
como luz, exterior à pessoa,
é algo que não se inventa, não se cria
e nem se faz. É.
O desejo é algo que se impõe
e dispõe o nosso ser.
O desejo entre-abre o nosso quérer.

O desejo revela algo em nós,
algo que nos custa partilhar,
porque se dá
como o se perder no outro.

O desejo é uma coisa,
e o amor *sendo* outra coisa.

O nosso corpo é a casa do desejo.
É essa luz que ilumina o nosso ser como projeto,
como apetite humano, como desempenho.
O desejo é a luz do Mistério.

O corpo é o desempenho possível do seu ser.

E o andar, a andada se dando como tal,
é o símbolo ou a figura de tal (emoção) desempenho.

O andar cria uma dinâmica para o seu corpo,
ele desloca o seu coração, o seu sentimento.

O andar é o reflexo da trajetória para o fascínio
como seu próprio desempenho possível, extremo.

A igual do homem,
a mulher em desejo, desejante
anda dentro de si

— e essa andada é irreversível.

É uma andada que lhe abre um outro horizonte inesquecível
o da provocação
aquele onde ela também se perde para sempre
no acaso dos sincronismos de mais amor,
de mais vida em sua vida.

A mulher andando é a representação virtual
da errância, do desejo
que irrompe e a tudo ilumina

esplêndida
'quimera que passa'

A MULHER É O CORPO DA FASCINAÇÃO

como frisamos em O CORPO SIGNIFICA.
E, citando Vicente Ferreira da Silva,
temos que: "(. . .) a totalidade do Ser
que nos rodeia, como espera infinita
da apetecibilidade seria a contrafigura
do nosso corpo, e nosso corpo seria
o inverso desse campo atrativo. (. . .)
Totalmente expostos ao sugerido pelo
ente, cativos num plexo de desempenhos
possíveis, temos um corpo como 'empenho'
desses desempenhos. Só existe e pode existir
um corpo como estrutura referencial,
como empenho,
como *o estar-fora-de-si-estando-em-si-da-paixão*."

E mais,
"A vigência de um mundo de desempenho mitológico
se patenteia na emergência de um sistema passional,
mediante a desocultação.
(. . . pois)
— o corpo é a vontade original
na forma da Representação."

Observe-se também a ênfase dada por Breton ao sistema passional
na sua ODE À CHARLES FOURIER:
"Porque mesmo se a serpente de guizos
era um de teus pesadelos particulares não duvidaste
de que as paixões todas sem excetuar aquelas que a moral
faz passar pelos mais indignos desencaminhamentos do espírito
e dos sentidos constituem um criptograma indivisível
que o homem tem por missão decifrar."

A imagem mais clara do desejo
é o andar que se dá e se institui
como o próprio transcender da sensação
que o amplia, como querer,
como mais-querer (vide o *balanço*).

"(. . .) O desejo particular é possível
porque já está posto todo um campo
de forças atrativas e criado um teatro próprio
de atuação do desejo" V. F. da Silva

O homem reconhece, re-conhece na mulher
a parte simbólica da parte que ele já tem;
essa parte *encontrada* é a que alimenta o desejo,
o desejo que trabalha (dinamiza no vazio/no imaginário)
e que, a seguir, passa a *deslocar* e *conectar*
a outra parte,
para que surja um todo *simbólico*.

Ou: — para o homem sentir o desejo numa mulher
ele tem que reconhecer
uma parte que ele já tem nele e encontrar isso nela,
uma provocação que se soma a outra parte de provocação sua,
um jogo-de-reflexos ou espelhamentos.
A outra provocação
seria conhecer e descobrir, desvelar
a parte desconhecida dela (a que ele não tem).
Essa parte, que ele não conhece,
é a provocação dela.

Essa segunda provocação
é a parte do imaginário (espaço do não conhecido
mas sentido/dinamizado pelo desejo) por definição.

O IMAGINÁRIO É O ESPAÇO DO DESEJO.

"Eu acho que a geração atual
conhece muito pouco o desejo.
(. . .) E quando o homem é atingido
pela falta de desejo, isso é quase
uma doença. (. . .) O mal estar, a crise da civilização
de que falam hoje em dia, talvez seja
uma crise do desejo. (. . .)
Acho que o único marginalismo consequente
é o individualismo. (. . .) haveria possibilidades
de renascimento para um individualismo
que não fosse pequeno-burguês,
mas mais radical e enigmático.
Nem que fosse para pensar o meu corpo
até o ponto de ter de reconhecer que
só posso pensar o meu próprio corpo: esta é
uma atitude que se choca com a ciência, a moda,
a moral — todas as coletividades. (. . .)
Precisamos do outro para libertar o corpo (. . .)
Só posso levar meu corpo às suas últimas consequências
com um outro; mas esse outro também
tem um corpo, um imaginário.
Esse outro pode ser um objeto."

, Roland Barthes
em entrevista a Philip Brooks e Patrick Sarfati

"O mundo é um objeto simbólico" Salustio

"Onde encontrar algum vestígio do espírito divino
entre nossas paixões? . . . existe uma paixão
que conserva sua nobreza primitiva e que mantém o
fogo sagrado entre os mortais — os caracteres
da divindade.
Esta chama é o amor.
. . . Eu a nomeei paixão de conjunção;
hiper-neutra, porque ela é a paixão eminentemente
neutra, conciliando no mesmo nível os gozos
materiais e espirituais."

, Charles Fourier (1772-1837),
o autor das séries passionais ("a série
distribui a harmonia e as atrações
são proporcionais aos destinos")
manuscr. 10 AS n.º 8-3 Arch. Nat. Paris,
originalmente publicado in A PHALA, São
Paulo — 1967.

"La lumière c'est le désir amoureux
Le feu amoureux c'est le désir"
Jacob Böheme

"O amor não pode ser um fim em si porque
em sua intenção mais profunda é o amor daquilo
que ele ama (. . .) a mulher, que permite Breton
exclamar:
'A grande maldição está suspensa, é no amor humano
que reside todo o poder de regeneração do
mundo' (ARCANE 17).
(. . .) O *surreal* não aparece no Surrealismo como
signo do Ser: ele resulta, sempre, no interior
das fronteiras do homem, da colocação em relações
do desejo e da representação. E, com certeza,
o conplito do desejo e da representação constitui
bem o drama essencial do homem chegado ao
conhecimento objetivo.
(. . .) O Surrealismo empreendeu de reconciliar o
desejo e a representação . . . Mas, aceitando
definir o homem como o ser que imagina, vendo
na imaginação o signo mais evidente de nossa
liberdade, o Surrealismo espera submeter de novo
aos poderes do desejo um conjunto de imagens que
são constituídas, sobretudo, pela ruptura com
o próprio desejo.
(. . .) a vontade de não superar o humano,
condição que interditou ao Surrealismo de preferir
ao amor o que ele ama, e ao desejo o objeto de desejo,
é que o obriga agora a se contentar com o gozo
da beleza, a qual era apenas uma promessa;
a beleza passa a ser tida como 'o grande refúgio'."

, Ferdinand Alquié in LA PHILOSOPHIE DU
SURRÉALISME, edit. Flammarion — 1977

O desejo é 'o majestoso portador das chaves'
como frisa André Breton.

"É o *Grande Desejo* que une o Corpo e o Espírito,
longo tempo além da união dos corpos
no *pequeno desejo*", afirma Benjamin Péret citando
R. A. Schwaller de Lubicz (in ADAM, L'HOMME ROUGE/
Edit. Librairie Le Soudier — Paris, s.d.) E continua
"O *Grande Desejo* enraizado na condição humana,
exprime esta tensão do homem
para a felicidade total que espera da supressão
de seu dilaceramento, a qual só se torna possível
se as causas forem descobertas.
Unicamente o amor sublime e apenas ele satisfaz
este *Grande Desejo*,
alimentado e enaltecido pela satisfação
do *pequeno desejo* carnal.
O reconhecimento da universalidade do desejo,
de sua significação cósmica
e de suas manifestações no âmbito do homem,
reclama igualmente por sua sublimação
e pela do objeto deste desejo.
O ser humano — sobretudo o homem —
só se abandona ao desejo, fora de tal amor,
na medida em que o reenvia ao seu estado mais primitivo,
enquanto que, no amor sublime,
os seres, tomados por sua vertigem,
aspiram tão somente a se deixarem levar
o mais longe possível desse estado.
O desejo,
mesmo permanecendo ligado todo à sexualidade,
vê-se assim transfigurado."

, Benjamin Péret in LE NOYAU DE LA
COMÈTE, ensaio que abre O AMOR SUBLIME

O querer
estabelece, deslancha
um processo

um processo
que se realiza

ao se realizar
informa sobre a querência
não sobre o querido

o caminho é a gente que faz

esta realização, este caminho do fascinado
coincide ou não com o querido

OBS. Esta errância entre a querência
e o querido é o que define o ser amoroso,
aquele que se perde em si
nos orgasmos do vir-a-ser um mais-querer.

mas é a querência
que vai surgindo aos poucos
como destino traçado

só se quer aquilo
que vai ser
o nosso mais-querer

aquilo que a gente é
— nós somos o mais-querer querendo se dar
numa continuidade sem fim, num jamais!

"Sobre a paixão não se fala. A paixão se vive.
(...)
Consciente do falseamento que o dizer cola às qualidades,
optei por uma fala mais ou menos errante,
não baseada em nenhuma teoria,
mas aquela que me pareceu ('phaneron')
a partir de ecos do que vi, ouvi e vivi
e reminiscências do que li.
Antes de tudo, o sentido em que tomo paixão.
Na franja diferenciada dos sentimentos que chamamos amor,
a paixão retém seu espaço no limite, no limiar
do sentir, em extremo de ser e em ser até o extremo.
Tristão e Isolda: o paradigma.
Contudo, nesse estado de sentir que leva além de nós,
distingo três modos de derramamento do ser:
Primeiro: paixão por uma causa. Esta te faz forte. (...)
Segundo: paixão por um fazer. Mergulhar na atividade
prazeirosa de objetivação da subjetividade. (...)
Terceiro: paixão como encontro e fricção
de duas subjetividades. O eu e o outro: espelhamentos.
Esta nos faz frágeis, vulneráveis, incertos.
Nesta me detenho. Antes, um alerta. Refiro-me à paixão
que une indelevelmente o sentimento ao corpo.
Portanto, paixão erótica.
Dialética entre o sentir internalizado
e retroalimentado pela extrojeção, interação de corpos.
Não me refiro, pois, à paixão que habita torres de marfim
da fantasia, mas à que fala no corpo
e que fende o corpo no gozo. (...)
Rara porque exige, mais que qualquer outro sentimento,
a sincronia no tempo e no espaço, a sintonia na intensidade,
a complementariedade nas trocas,
a disponibilidade para estar no outro,
a candidez na entrega: fluir, fruir, roçar, deslizamento
espontâneo de um no/para o outro. Descoberta de si no outro,
abertura do outro para si. Magia homeopática, magia
contagiosa, intercâmbio de imagens, miragens,
enigmas do que chamamos reciprocidade.
(...)

Entrar na matéria vertente da vida.
Sorver o presente na sua evanescência.
Sofrer sutis ou indeléveis descompassos
na sincronização eu-outro. (. . .)
Dialética da posse e da perda. Mas, de repente,
outra vez, como se fosse a primeira vez,
dá-se a captura da sintonia.
Reciprocidade numa mesma intensidade.
Descontínuas reconquistas da luz.
'A luz de um grande prazer é irremediável'.
(. . .)
'O que o ser humano mais deseja
é ser desejado por outro ser humano' (J. Lacan)
Viver, no entanto, significa repetir.
Habituar-se.
Toda paixão tem a propriedade de acabar.
E, no seu acabamento, a paixão toma, via de regra,
um dentre dois rumos.
Ou se dá a separação no esvaziamento da alma,
que deixa na alma estrias de melancolia. E, neste caso,
a paixão paradoxalmente recupera seu teor informativo,
visto que a memória faz balancê no vivido.
Ou a força centrípeta da paixão vai gradativamente
se desdobrando numa franja de sentimentos amainados;
abrandados, erodidos pelo uso (. . .)
Sem o fogo, o fervor e os tormentos da dúvida. Não por acaso,
cada vez mais rara vai se tornando a emergência da paixão
em tempo de madureza. Paixão exige energia, pique,
investimento do ser na inteireza de ser.
Evidentemente, portanto, a paixão,
porque inelutavelmente não-durável, em trânsito,
exigindo o frescor da originalidade, tem esse caráter
sui generis de ser antimonogâmica.
Nada nela se assemelha ao amor contratual, ao amor feito
sob encomenda até que a morte separe. (. . .) É por isso que,
em sociedades sobre as quais pesa a obsessão do produtivo,
tudo se opõe à paixão: desde o desgaste do corpo maltratado
pelo trabalho excedente. E, sem o ócio de corpos amoráveis,
não há o fazer da paixão, nem a exuberância sem finalidade
do prazer.

Daí que, nessas sociedades, tudo esteja
ferreamente organizado para expulsar, extirpar, desde a raiz,
qualquer semeadura da paixão. Por isso mesmo,
o amor permitido, sem força perturbadora,
é posto no rol dos objetos de compra e venda. Porque,
a outra, a paixão, a que pinta, surge,
irrompe sem que se saiba bem por que,
a que ninguém comanda nem controla,
a que nos colhe de surpresa,
esta é anárquica e subversiva.
Descentralizar-se. Põe-nos à margem dos papéis (. . .)
Faz-nos excêntricos, fora do centro:
'no exílio do exílio, à margem da margem'.
(. . .)
No mundo moderno,
o grande rapto, roubo e carência é a do sentimento.
Errância do sentimento. Puro sentir. Esse, o proscrito,
banido para o turvo mundo confuso do ridículo, anormal,
fora de moda. No nosso presente, não é o sexual que é
indecente, mas o sentimento de amor (vide Roland Barthes).
(. . .) no erótico da paixão fala a voz, cada vez mais rara,
da pessoalidade. Sujeito desprovido de qualquer generalidade.
Voz sem arrogância de um ser sem *locus*, em permanente
estado de perda e incerteza: fogo que não se vê, dor que
não se sente, contentamento descontente, desatino. . .
Vão da diferença daquela subjetividade única, indizível,
cerne da solidão que faz de cada um, um.
(. . .)
Dois em um. Um que são dois. Como posso ser um se sou dois?
Mas só sendo dois me vejo um.
BELEZA DE NÓS DOIS EM UM
QUE EM NOSSOS CORPOS HABITA."

Maria Lúcia Santaella Braga in
SENTIMENTO E CORPO, publ.
no Jornal da Tarde/21.8.82 por
o Estado de São Paulo — S. Paulo

"(...) a vinculação do sexo ao amor na mulher,
de natureza cultural a meu ver, tem suas razões de ser.
A experiência sexual desvinculada do amor
deixa para a mulher um gosto desagradável de frustração
em decorrência da inexistência de saciedade física (...)
De uma forma genérica penso ser válida a afirmação
de que a sexualidade feminina tenha que estar vinculada
a alguma coisa,
a algo que lhe dê sentido:
uma vez que não existe a saciedade física,
a prática sexual por puro deleite
levará a mulher sempre a terminar o relacionamento
mais excitada do que começou;
e creio que a maioria das mulheres sente isto
como desagradável, como sem sentido — mesmo
que tenha inúmeros orgasmos.
A prostituição vincula a prática sexual ao benefício econômico.
(...) Não deixa de ser curioso que a maioria das mulheres
tem fantasias sexuais e se masturbam se imaginando
no lugar de prostitutas, sendo pagas para servir
aos homens. Não se imaginam sendo agradadas, mas
sim despertando o desejo irresistível
e levando os homens ao prazer através dos agrados
que fazem para eles. (...) além de despertar a máxima
excitação feminina, (tais fantasias) permitem a prática
sexual desvinculada do amor mas vinculada
ao recebimento de pagamento.
A vinculação da sexualidade ao amor
determina uma perspectiva bastante diferente para a mulher
(...) A atitude feminina se aproxima, na prática,
daquela que surge nas fantasias acerca de se imaginar
prostituta. A mulher desenvolve um enorme prazer
em agradar o amado, em se dar a ele. Se sente
terrivelmente excitada ao se perceber desejada.
(...)
Em outras palavras,
a sexualidade vinculada ao amor ganha, na mulher,
sentido e significação.
A busca maior é a de agradar o amado
e a enorme sensação de prazer que isto pode determinar.
O prazer orgiástico existe mesmo sem ser buscado
de modo ansioso e não determinará nada mais
do que um momentâneo alívio da excitação.

A evolução em relação ao padrão tradicional
não é no sentido da mulher atingir a saciedade,
privilégio masculino. Penso que o grande passo,
ainda por ser atingido,
é que a mulher se dará ao homem não por obrigação conjugal
e sim porque o ama e se gratificará ao máximo
— tanto física como emocionalmente — através deste
procedimento.
(...)
Ao menos do ponto de vista masculino,
é extremamente difícil entender a recusa sexual
da maioria das mulheres. (...)
A meu ver são dois os aspectos inibidores da sexualidade
feminina. O primeiro está relacionado com uma grande
frustração pessoal neste campo,
derivada do fato de se tomar como o normal para a mulher
aquilo que é a sexualidade do homem. (...) as mulheres
em geral se excitam ao se perceberem desejadas, mas
muitas se revoltam contra o fato de o serem assim
e experimentam profunda frustração, o que pode as afastar
deste tipo de interesse. (...)
O segundo aspecto, e o mais importante,
é a constatação de que sua recusa sexual
fere brutalmente o outro. (...)
A sexualidade feminina só ganha sentido no amor."

Flávio Gikovate in A MULHER E...
publ. em A FOLHA DE SÃO PAULO
2 e 9 de Junho de 1981.

"A experiência que fundamenta a consciência humana
é a experiência do outro, da outridade e de sua
singularidade. O espelhamento do outro é a base
do que se entende por erótica.
Ou, como disse Ernest Cassirer, "A primeira faculdade
com a qual o homem opõe-se às coisas, em tanto que ser
independente, é a faculdade de 'desejar'. Ao desejar,
o homem não aceita simplesmente a realidade das coisas,
porém, isto sim, as constrói para si mesmo.
No desejo move-se a primeira consciência primitiva:
a da capacidade para configurar o ser."

in PHILOSOPHIE DER SYMBOLISCHEN FORMEN/1964

Em tais espelhamentos é que surgem as sombras.

Ora, já que os ocultistas chamavam a
imagem de sombra/'umbra', é bom situar neste contexto de
errância iluminada pelo desejo, o verso de Camões:

"Por entre as sombras vejo a Nympha amada"

Usualmente, o desejo é entendido como libido.
E, portanto, como um instinto, ou seja,
como derivado do sexo, da atividade sexual.
Acontece que a libido é a parte e/ou reflexo
do desejo no ser da pessoa. E desta força ou luz,
que é o desejo, não se fala.
Também se omite que ela vem de fora,
é um movimento (de fora para dentro) que nos ilumina
quer o queiramos ou não.
O desejo acontece e não pergunta se é oportuno.
O desejo é soberano.
O desejo apela/suscita o ser.
O desejo dá um sentido ao ser,
um sentido que os sentidos ('senso') não compreendem.
O desejo não é instinto e não faz parte do sexo.
O desejo revela o sexo em seu sentido maior e mais profundo,
porque o ultrapassa e o expõe num mais-querer,
num além-(fora-de-si)-aqui do ser.

Talvez o acaso-objetivo seja uma dinâmica
paralela à do desejo.
pois, tanto uma como outra, suscitam convergências sincrônicas
e ambas também fazem parte da linguagem amorosa
entendida como transgressão das normas, da convenção humana,
isto é, da condição humana em sua banalidade cotidiana.

Ou seja, o desejo é uma vertente da Poética.

Nota: "A experiência erótica ligada ao real é uma
espera do aleatório, é a espera de um ser
dado e de circunstâncias favoráveis. (. . .)
A poesia leva ao mesmo ponto que o erotismo. (. . .)
O sentido último do erotismo é a fusão,
a supressão do limite."

Georges Bataille in L'EROTISME

A arte sendo um meio de ampliar o conhecimento do Ser,
a igual do desejo,
ela não seria igualmente um fim em si.
E também como o desejo,
a arte é a imagem de uma fascinação.
A arte é um gesto do mais-querer.

A arte se situa como uma segunda natureza.

Desta segunda natureza: é nela que brota,
que se dá o desejo e todas as linguagens

assim, o desejo nos desloca da natureza natural
para uma segunda natureza analógica, maravilhosa,
que é a natureza do mundo sensível (vide Mágico).
Isto é, da nossa relação sensível com o mundo
ou seja da nossa sensualidade.

Para o campo da nossa sensualidade
e das suas configurações de poesia e fixação,
digamos este campo onde as imagens possuem
uma ressonância, uma textura,
uma simbólica, uma memória e uma fascinação;
nesse campo, pois, onde a imagem de um lago
é igual à presença de um lago, já que em ambos
podemos nos afogar de volúpia e prazer.

O desejo, nos ensinando sobre o amor, lida com duplicatas.
Aquele que ama é aquele que olha e se perde.
A vertigem do ver, do olhar: neste rasgo,
é neste entre-abrir, nesta *béance*,
que se dá o corpo como fascinação-e-presença.

"Não há realidade erótica
propriamente dita porque o erotismo
é, por sua própria natureza,
representação imaginária."

Georges Bataille

"O lugar do escrito
é o lugar do desejo.
Não existe escritura
fora daquela do desejo.
Tudo que se passe fora do desejo
é inútil."

Marquerite Duras

Nós não nos ocupamos do mundo contável, calculável,
do mundo de ideologias mercantis ou do de cinismos econômicos,
do mundo do projeto científico e da intolerância da técnica.
Nós, artistas e poetas
nos ocupamos do mundo dos significados
onde a mente projeta o seu caminho,
E este caminho, ou querer, é iluminado pelo nosso desejo.
Como já dissera Spinoza, *o desejo é a essência do ser humano.*

Cabe ao artista pois, projetar o seu destino, radical,
de estranho nesse mundo:
"La vraie vie est ailleurs", Rimbaud.

Insistimos:
o projeto compreendendo as duas entidades que especificam o humano,
o homem e a mulher,
não é e nem pode ser um projeto técnico ou científico,
ou um projeto onde predominam a lógica e a razão
em detrimento da imaginação e da imagem,
e menos ainda um projeto que exclua a vocação amorosa
em sua errância mesma.
E na arte a sua presença, a da vocação amorosa
e a das suas imagens, é altamente desejada.

O amor, a identidade 'simpática' como diriam os alquimistas,
re-vitaliza e re-investe de uma função simbólica
qualquer imagem dinâmica que seja eleita.
Assim, nas artes, "em matéria de linguagem,
o comportamento tenderá a se regular, mais e mais,
pelo comportamento amoroso.
Eu digo que, em ambos os casos,
é o problema passional que se coloca em todo seu rigor.
O poeta e o amante,
na presença da forma que os fascina,
devem mais a uma consciência perturbadora do que
perturbante, (...)", afirmava André Breton por ocasião do
cinquentenário do Simbolismo em 1936
(vide in Rev. LE MINOTAURE/Edit. Skira — Paris, 1936).

Além do que, como já dissemos (in AAMADA),
"a forma do sexo masculino é a herança das formas,
é a memória do corpo das formas; a mulher."
Ou, a figura do corpo da mulher
a sua imagem
é a memória
do desejo do homem.

As artes plásticas e a poesia,
aquelas que se ocupam em essência do imaginário, por definição,
são o resultado de um pensamento mágico,
de um gesto cuja energia
é a memória de uma imagem.

A imagem como conhecimento.

"Nós reduziremos a arte à sua mais simples expressão
que é o amor"
, André Breton in MANIFESTOS DO SURREALISMO.

Sobre o obsceno:

obsceno — etimologia: quer dizer o anúncio do Mal
obscenus = mau augúrio

Segundo Georges Bataille,
"um index (dedo) que mostra o abismo:
— A Mulher mostra ao seu amante suas 'obscenae' "
e
"A obscenidade significa a perturbação que 'dérange'
(desloca, desregula, desordena, etc.)
um estado (do corpo) da posse de si mesmo,
da posse de sua individualidade durável e mantida."

in L'EROTISME

"Se a obscenidade é definida, correntemente,
como o que choca a decência,
como o que desregula as conveniências,
deve-se notar que tais 'decência' e 'conveniências'
supõem uma linguagem homogênea", como diz Guy Scarpitta,
isto é um *contexto.*

in LE SEXE N'EST PAS NATUREL,
publ. ART PRESS n.º 59

E nós, os amantes e os artistas
nos ocupamos em transgredir tais contextos. E com a sedução.
Contudo,
Segundo J. Baudrillard, abordando por outro ângulo, temos que
'o obsceno elimina a sedução'.
Ora, é a sedução que nos protege da obscenidade, entendida
como sentido expresso, grosseiro.
E mais:
"a obscenidade é por definição *a ausência de scena,*
isto é, a exclusão do espaço para a emoção do olhar."
Portanto tanto a arte como a poética
ocupando-se do amor, da erótica em fim,
não lidam com o vazio do obsceno mas passam pela sua
perturbação.

O mundo sensível e o mundo do pensamento
não se opõem —
o corpo significa e a alma pode gritar de gozo!

as formas provocantes criam o fascínio

na mulher, as formas fascinantes
constituem o universo amoroso
onde o saber se abisma
e o desejo expõe a multiplicidade

as formas fascinantes criam o fascínio

e é aí, neste Mistério, neste outro/perder-se
que se dá, como mais-querer desregulador,
o Desejo
o que nos ilumina

formas fascinantes

estabelecem estruturas significantes

TELEGRAMA

FELIZ ANIVERSARIO
E QUE V TENHA UM GRANDE AMOR
E QUE V TENHA CORAGEM DE SE DAR
A UMA DEDICAÇÃO AMOROSA PT
E O DESEJO QUE REVELA A BELEZA NA MULHER VG
NO CORPO QUE NASCE DO AMAR-SE TODA PT
A CARICIA DOS CABELOS NAO SAO APENAS
LEMBRANÇAS
NA VISAO DE QUEM NUNCA FOI SEU QUERER

CADERNO — PRESENTE

(é uma surpresa e um jogo
que V. deve ir lendo e respondendo
e fazendo os itens aí expostos,
um a um, a medida que se sucedam
e a encantem)

— Qual é sua idade?
Acha isso importante?

— V. gosta de amar? Por que?
E o prazer?

— Qual é o perfume que mais gosta?

— Qual foi o sonho que mais a marcou recentemente?
Experimente descrevê-lo para mim.

— Como V. usa dormir?

Peque uma fita-métrica
e, medindo (não vale de cor)
escreva as suas medidas
abaixo:

pescoço.....

ombros.....

busto.....

cintura.....

quadris.....

coxa.....

joelho.....

mollet.....

tornozelo.....

pés/sapato.....

— V. já desmaiou de prazer
alguma vez?
Como foi?

— V. já experimentou acariciar-se?
Por que não?

Nesse caso, experimente
com os olhos semi-cerrados
e verá que seus lábios vão se abrir,
vão se partir num beijo invisível.

— Qual é o nome do esmalte
que V. usa?

V. sabia que cada vez
que a vejo passar
é como se um rio corresse
secretamente pelo meu peito!?

A posição da gata
é uma posição de carícias
que provoca muito o corpo da mulher.

Primeiro fique só de salto-alto e meias.
Deixe os cabelos bem soltos.
Ajoelhe-se num lugar macio, na cama
ou no tapete.
A seguir, incline-se para frente,
apoiando-se nas palmas das suas mãos
e nos seus braços,
deixando sua cabeça pender livremente.
V. notará que seu dorso estará curvado
como um arco voltado para os céus,
enquanto seus braços e mãos, suas pernas
e o dorso dos seus pés também estarão
apoiados.
Deixe
seus joelhos meio separados
para que suas coxas fiquem distanciadas
uma da outra e V. possa sentir
os seus volumes macios e independentes.
O seu sexo desocultar-se-á espontâneamente

Então feche os olhos,
levante a cabeça o mais que puder,
arqueando para baixo as suas costas e cintura
e se apoiando só nos joelhos
e na ponta dos dedos de suas mãos.
Este movimento de arquear para fora/para cima
e para dentro/para baixo a sua cintura,
corresponderá ao retesamento e a frouxidão
de sua nuca encacheada,
enquanto sua cabeça se ergue e se abaixa,
lentamente. Ritmadamente.
Enquanto seu quadril entreabre e fecha
suas nádegas lindas, expondo-a voluptuosamente
às sensações que a cobrem.

Estes movimentos repetidos vão lhe dar um prazer
suave e vão lhe excitar.

— Experimente perder-se em si mesma.

O seu corpo é todo uma espera.

A mulher é uma espera infinita
dedicada ao desempenho possível
de suas formas maravilhosas.

Um dia chegará a fascinação
com os gritos inesquecíveis da volúpia
escancarando-a para sempre frente a frente
à loucura do seu amor,

do seu amor que é mais
que o que seus beijos possam beijar

"A espera é o páreo do coração.
(...)
Um sexo aberto ou distendido
simbolizaria muito bem a Espera.
(...)
A velocidade é um apelo (fascinação)
do Desconhecido.
(...)
Amor: duas velocidades que se penetram
e se fixam (stop) num beijo total."
in VITESSE de Saint-Pol-Roux

"O rio viaja sem deixar sua fonte.
O curso do rio aumenta pela terra
em pés e raízes.
O rio é uma árvore de cristal."

Saint-Pol-Roux

O MUITO AMOR

"Ditoso seja o dia e hora, quando
tão delicados olhos me feriam!
. . . . . .
E se alguma esperança me ficou
Será de maior mal, se for possível."

Luis de Camões

as nuvens que formam um rosto, um cachorro, um vaso
e um navio adernando
e os seus seios
o céu todo coberto de *soutiens bois-de-rose* superpostos suaves
de inestimáveis e grandes seios que esperam molemente

o jogo de tênis entremeado de bolhas de sabão em arco-íris
as conchas são as unhas das praias que lhe chamam às tardes

Você se arrumando no espelho da penteadeira de cervos arruivados
em contraluz os seus cabelos louros
a colher das cores
e a tanga branca violenta

as árvores apoiadas no silêncio
no espaço verde da beirada da mata a silhueta
o tigre de mormaço no alto capinzal que se abre

os dedos da luz
desenhados pelas longas venezianas carameladas de verniz
e as sombras e a brisa lenta do ventilador no teto
[com as pás de madeira

um biombo alourado claro desdobrado
feito com a tela colorida
da figura de King Kong toda bordada em ponto-de-cruz

e nas minhas mãos a loura deitada

'Laura'

no muito amor
minha querida loura de lágrimas
com seus olhos de raposinha macia
soluças o mais-querer

a única ocupação redentora
é trabalhar na sua face,
minha querida

o seu rosto não é meu,
é o tempo do meu amor

que nos descobre e revela

máscara de laca oculta
os vermelhos do porvir

minha amada cor de maravilha
a voz da carne ilumina a sua boca de lábios

minha amada macia
e encantada

os dois anjos
rouge e rosa
do meu amor

com seus bicos de lacres
e as mãos tremulantes
e os anéis de prata

e seus lábios que cantam

Eu vou a amar tanto
que você não vai mais saber
quem é você e quem sou eu

'NOS OTROS'

POST SCRIPTUM PARA TI
ESCRITO COM ESMALTE CARMIN

24 Abril/6 Maio de 1985

"Perduto è tutto il tempo
Che in amar non si spende"

Tasso

entre duas águas rola meu coração cacheado
com seu estandarte de volutas da paixão em tintas de siba

minha aventura os espelhos do além-mar oxidados
pelos beijos de tua presença que passava loura por eles
mais fugidia que a gota de azougue no meu peito
deixada pelas tuas virilhas de fruta amassada sob as árvores
escuras de chuvas de pingos grossos e de aromas e visgos
o indelével pulso de nectar me abraçando com teus braços
de amapola
minha rainha perdida em organzãs e lilases
de cintura mais fina que o pião na mão de roubar doces
orquídeas de açúcar emoldurando a tua espera apaixonada
dobrada como um missal e abre-te Sésamo

na flor da idade os seios incomensuráveis já expostos
no esgar lento como o cortejo oriental e extremo do fascínio
da liteira cambaleante e respingando pétalas
insensatas como teu corpo amada
como ele tu se dando toda branca indefesa e louca
nas transparências da paixão-visão
como ele tu toda molhada de perfumes teus e do meu cheiro
para sempre
estou em ti

as tuas risadas são os duendes da luxúria
minha planta de licor derramado
pelas digitais de tuas carícias libertinas
como a almofada cunhada pelo longo beijo
como o vício dos teus quadris
como a mensagem turquesa para rasgar o véu porejado de lágrimas
de calor das cigarras
a tua imagem loura é como uma folha larga de bananeira deitada
na língua da catarata amanhecendo ainda com o
espasmo da tua volúpia na beirada da cama
desrrumada de espumas e plumas
a tua imagem rosa-choc embebida de beijos meus e de fogos-fátuos
antiga de olhares
minha sombra minha favorita
minha odalisca vermelheada de acentos e pálpebras escurecidas
aguardando a noite das noites
enquanto tuas camisolas murmuram como uma canção
as ladainhas do romance

a iniciação dos horizontes de geada gaga e a pitanga da espera
a transparência morena da colegial na primeira sonhação
dos banhos de tachos de cobre e leites
e o destino traçado como uma espora gaúcha
nunca mais
com seus talheres de prata as guardas niqueladas e a griffe
célebre do amor absolu'
— as suas olheiras como máscara
os bramidos que ecoam pelas mesas postas e lisas de linho
para a visitação da cortesã que prevê o futuro
com cartas de amor guardadas
e a pera dourada aberta ao meio
como a veste do rio que aguarda o reflexo brahmane
dos teus seios
expostos-ocultados sob a larga blusa de *tricôt* beijado
que se ergue apenas para a exposição dos teus seios
no espelhamento impossível
impossível como o seu primeiro sim

o sinete do bem-te-vi que te dei
encerra mais cores que a cinta de lã torcida
toda tingida de Simbad
as tuas cartas
criptografadas pelos traços luzentes do escaravelho real
do teu coração de amada *arrodillada* oferenda macia
são as cartas enigmáticas que por entre as letras coloridas
e as figuras entalhadas
criam as dúvidas
do beijo em pé
e do beijo deitado
e do beijo partido em quatro
como as profundas que a lembram
gata de ágata loura de queixumes e de lágrimas sem igual

a tua imagem fascinação insinuante
olhar de perdição urbana pavana
de mamilos grenás
abandonados no luto dos céus
minha obscena companheira rosa do jamais

e no teu maquiar
de *rouges* e *blushes* e carmens sempre
ressurgem as lembranças de nossos beijos
adormecidas como as goiabas em calda da lascívia ou como
o teatro japonês de encapuçados e marionetes chorando de amor
a lua-cheia do teu colete
de recordações minhas e de cartões-postais de orgasmos teus
o teu colete de memória de veludo cotelê rosa-claro entreaberto
sobre a blusa desabotoada de seda auba
de domadora de leões como vasos de plantas cor-de-terra
e flores secas nos cavaletes ornados de estrelas
negras sobre prateado
que passarão pelo anel de fogo seguro pela tua mão
esquerda como uma promessa em pé
e de panteras em cio como as violetas desabrochadas
sentindo a latência de tuas peças íntimas
como as esposas à tarde abandonadas na casa
e entregues a si mesmas na perdição diária
como mensagens que aguardam a decifração
mapa da anatomia feminina onde falta a indicação da bacia amorosa
e do desejo que a incendeia como o desenho numa
[caverna
num nicho úmido de piçarras arroxeadas e rosas
incrustada a imagem na neve da lembrança
da rena feita de bagas de pedras turquesas e azuis
e a galharia igual a madeira esmaltada e torneada
em arabescos
diadamada de luar
como uma espanhola mui branca dançando desnudada o flamenco
com castanholas e com o sapatear dos saltos
e com a tez de seu corpo andaluz se sucedendo
em curvas e em sombras e em vãos insinuantes
tão fascinante quanto a tua cintura moura de alvaiade e guizos
imagem da fascinação fendida
delta
mantilha de seda da ausência

sentada em ti mesma redonda hieróglifa
arreada de cintas e fitas e ligas e meias e rendas e sedas molhadas
com as pernas cruzadas como duas linhas de trem na floresta
do teu quarto
o meu cachimbo de espuma-de-mar esculpida
em busto de cortesã de grandes seios *directoire* Pompadour
[a lavadeira
que dança e trêmula em seu vôo batendo
o lençol invisível de fios de ovos de baba-de-moça
de nossa noite nupcial

e num salto mais amplo que quando o céu se abre
eis que se dá a virada em *chiaro'oscuro* de tuas costas largas
os espartilhos de minhas mãos
sustentando em bordados mais rosas que camafeus
a tua cauda
ondulante
perdida
por entre as baleias que te invejam jogando jatos d'água
e tentando com lamparinas acesas levantar toda a praia
de tua saia como um balão anagramático
despindo-te toda no teu céu de seios
onde a lua se ergue com um suspiro rouco
do fundo da rua das meninas de sandálias de menta
e unhas novas

o canto anunciatório dos macacos ensurdecendo as matas
uma locomotiva de fumaças e toda coberta de leques chineses
e longos de Macao com suas franjas esvoaçantes
em contraluz como o âmbar dos ritos sexuais
atravessando o meu campo de capim-azul
a loura na capa transparente de plástico deslizando pelos ladrilhos
Ela sempre chega assim nua e vestida como as rosas pálidas a *noire*
como uma nota musical e o teu ser pergunta 'não sei o que faço'
como a esfinge com a palma das mãos abertas o olhar ofegante
de deusa selvagem e os teus seios em oferenda de caçadas
e banhos secretos mais fascinantes que as folhagens de cádmios

as eiras de sal com as pegadas do teu salto-alto vermelho

corpo desfeito no mais-querer
barquinho de papel pautado chapéu lábios de realejo orelha minha
com brincos de pavão ultramarine e pavão branco real
corpo com ritual de talcos
te quero como essa água correndo que vem das tuas noites
do teu corpo desnudado dormindo
que vem do copo d'água da cigana fascinada pelas primaveras
florida em caramanchão
que vem dos teus gemidos debruçada no próprio colo
de tuas coxas que aguardam
o entardecer mais intenso
que minha mão entrando
nas profundas além de ti
minha tormenta de azul-claro

a última gota dos meus gritos e do teu choro
e a tempestade de mel misturam-se
com o furacão oceano turvo de leite na taça de cristal
arranhada de juras
os botões de ametista e galalite caídos no chão dos nossos abraços
de tábuas enceradas onde se entranham nossos beijos violentos
e os arrepios de tuas costas papel de parede *beige* com vagalumes
e cortinados do amanhecer
entre tuas pernas de compasso quinhentista
mais macias que o andar da pompeana
visão imagem em eclipse do sol
minha estrela meu cinema meu bangalô abandonado
minha videira minha tina de tinturas sulferinas
e rosadas minha lagoa tendo no fundo esses seios
mais nacarados que a carpa da
caixinha italiana
perfumes de fada felada
os seios mais mansos que a piracema
de lápis de lábios e de *blush* pessego rosa e vinho

a *faena* da corrida dos beija-flores
e a muleta violeta e carmin em *veronicas*
ocultando no passo *doble* os teus seios molhados
que se desmancham em magnólias colhidas à noite

branca, meu bem meia deitada de bruços
ao lado dos dois grandes seios partidos e dos dois olhares teus
que tecem a tapeçaria ruiva do jamais com a lágrima
do prazer

as presas de elefante da tua alma
boquiabertas na margem dos beijos que te soluçam
te encrespam e te desmaiam
como um parapeito de petúnias que caem
e a carta aberta aguardando que teus olhos
o mais claro da escuridão virem-se
viras como um abraço meu cheio de carícias e brincadeiras
e com a garra infinita da pétala
guardada da cor dos teus lábios e da esperança da tarde
do nosso céu
como um encarte em camurça grená-vivo com o
decalque do sentimento da polpa da ponta dos teus dedos frescos
quando me amas
o rapto da imagem
balanças às ocultas ensolarada
no balanço suspenso na árvore do jardim de róseos e verdes claros
as boquinhas do peixe-que-chora te agradando no barro
e o óleo pálido tingindo as lanternas-de-papel de tuas têmporas
de sombras animadas de Bali
enquanto
as unhas pintadas de '*flou violet Corolle 89 vérnis lumière*'
recomeçam o canto-chão
da excitação
dos godês de tecidos e tons e gamas de cores de aguadas
onde surgem novamente as imagens
da imagem tua fendida de gozo
das aves canoras que te imitam como o ipê
cobrindo as encostas do nunca mais de chamamentos lindíssimos
o serpentário solene
e o carrilhão Fantomas sublime no vale do porvir
no meio da roda das ninfas em câmera-lenta
dançando nuas por entre as flores que se assopram
e se espalham desfeitas pelo vento da tua nuca descoberta

a seiva da fascinação como o neon dos contos árabes
e se surgisse o tigre?
o tabaco das névoas de Jack the Ripper e suas volutas de moldureiro
e amante púrpura
mais insinuantes que
o chocolate das palavras na matriz-gaveta da tua boca de foliação
revista de lábios
molhada de amor
ao mesmo tempo branca como uma formação em v de aves
[migradoras
com seus peitos brancos de coisa prometida
e auriflamas com engaste de lápis-lazúli a tua divisa
oculta nas carnes róseas e manteiga e neve da tua nudez
desmoronada como um iceberg violetado de tardes
deitada no sofá da sala em penumbra
ao mesmo tempo paixão que passeia à deriva dos teus cílios
mais escuros que as tiaras das escolhidas
de grãos espaçados como seus seios
[untados
no labirinto cretense
e nua na banheira de louça a ilha do teu corpo desmanchando-se
[em espumas
rodeada pelas pegadas dos meus olhos
castanhos de câmara oscura
enquanto o teu olhar de barreira de coral ao meio-dia
por sobre o teu arfar nas ondulações ondas
do longo véu dos haréns mouros
atiça a matilha de teus seios mitológicos
lagoa de espelhos refletidos de mal me quer e bem me quer
retira as tuas mãos líquidas da ponte afogada de cordas
que se balança com teu hálito
de súcuba gemendo
porque do outro lado
está o perfil que arde em chamas
e os teus grandes seios avermelhados chamam
mais que queimam

os vulcões extintos das dúvidas
conjurados pelas entretelas de cipós das florestas de bromélias
o teu sorriso me acompanhará sempre
meu amor
uma jangada de batons escorrendo pela minha boca
meu amor teus olhos me perseguem como os cães de caça
[desenhados
nas tuas pupilas de loba macia
meu amor que uiva ajoelhada nas nossas memórias
vivida na loucura dos sentidos
e das sedas do prazer
ajoelhada enquanto minha mão quente do Egito desvela tua nuca
enquanto os minaretes róseos e madreperolados do mais-amor
[começam

a se erguer
no M de tuas mãos claras
mais claras que teu corpo revirado no arco extático
dos jasmins violentando o
[anoitecer

o colo flamingo de saudades
ah! as nossas saudades —
sem fala e os olhos úmidos

o chapéu de palha da premonição
de que teus seios vão desmaiar de mais-amor
desabrochada como uma vitória-régia na tua cama
a tua nudez desfeita e toda desmontada como uma flor aberta
na cômoda de aparições de penteados de inquietudes
e as tuas mãos virando onze-horas
nas minhas pernas de sol matutino que te traz
o eco das caminhadas
pelas sendas úmidas das sandálias de salto-alto
e das coxas maduras sob as vestes
dispostas no cepo madeira lisa da armadilha da
[coluna
da mesa onde te celebro aberta
minha taça meu poço meu mel meu abismo
de borboletas amarelas e azuis
de borboletas amarelas e azuis minha
melodia de montanhas esquecidas por trás de ti
abraçada e beijada na fronte em cantos
a cabeça caída para trás como a tampa de um cofre antigo
onde correm as nuvens azuis
e a pirografia dos vagalumes meus
e o aceno denso como o ar da sacerdotisa soberba
dos teus seios que pendem como seios enormes dos teus seios
[empinados
como uma onda perdida numa calçada de bairro
sob o teu mantô de beija-flores fremindo como peles furta-cor
que ocultam a alucinada matilha de queixumes
e beijos inesquecíveis entre os linhos
o longotempo da estação da Luz despovoada do tráfico dos olhares
das que passam com o andar da paixão
pesado como um peso de vidro arredondado
com jacintos de cristal e amores-perfeitos
[boquiabertos
dos mesmos negros dos corações
da passante com as saias justas
e o quadril malemolente
guardando as tuas passadas de medievo
de laranja aberta ao meio e disposta
como a feiticeira de sacrifícios antigos nua nas suas achas
com sua boca tinta de vinho
revelando todas as suas bondades e perfumes
as tuas longas coxas enlouquecidas
apertadas contra as páginas de um livro de receitas
mais lindas que a imensa alegria

dos animais noturnos e das plantas aquáticas
e da moça perdida que se esvai de prazer num cinema
os olhos mais lânguidos que barcas abandonadas
no entardecer dos encontros
de cantora açoitada como uma pantera que se entrega
e as mãos da perdição nas ligas que eclodem se abrindo os dedos
numa cama-de-gato arroxeadas
virada os teus seios aureolados pela chuva do prazer
com mil gotas que pendem qual luz sublime no meu porvir
víras a cabeça com tuas orelhas de revival
minha loucura doce de te procurar
no crisol de teus olhos nas arcadas do vislumbre
dos passeios sob os arcos cobertos de hera de
[verdes
com suas minúsculas cabeças rosas de dragões da
[primavera
anunciando a longa presença macia que passa
e vem as lembranças *villa* italiana
como a nostalgia de olhar de novo
o amor do seu amor
squish squish the sound of nylon
tuas mãos de farinha de amassar o pão na tábua dos dias
a última Iracema do viaduto-do-chá
que passa
e o barulho das tuas pisadas de sapato novo como uma chegada
enfeitando os maracás de ciúme
como um museu com todos os carrinhos de
[algodão-doce
e os seus doceiros com seus caprichos e perversões
e mais aqueles tufos de cristal
que empolgam as curvaturas de teus lábios de Salomé dançando
na tua noite de entregas
sob a luz do quarto escuro que se acostuma
os teus gritos de violentação que a erguem em crista de espuma
e os teus seios pesados e soberbos como frutas de passiflora
quadrangularis na trepadeira viciada tecida
de tranças apaixonadas e de maracujá-azul
as curvas francesas em madeira amaciada meu manequim feitiço
com mãos de gesso e suéter azul cobalto de rosa dos ventos
como a ampulheta submersa numa piscina de desfile de maiôs
minha hortência pálida de lilases
e a tanga marajoara salpicada de sangue que adoro
meu brasão propiciatório das

andanças despreparadas como o primeiro debruçar-se no jamais
que tem a errância feminina
simulacra perversa
o *strip-tease water'lili niagara* branco e preto do desejo
é o verso das estampas em cromo do album Eucalol
que suam encantos
descobrindo o maravilhoso
como um marcador de manuscrito que traz a tua silhueta amorada
mulher noturna pintada em nanquim negro amassada de amores
como as azeitonas espremidas nos teus joelhos
[de maria
e aceno e o *contrassegno* dos teus seios que pendem com mamilos
[de morango
irremediavelmente como o gozo mesmo
o desvario de conhecer
a volúpia e a tua dedicatória "— Alô!?"
e a chegada do mais-querer neste abandono
querendo o teu fender-se magnificat só de tua pube escurecida
prazer na fascinação
do *voyeurismo* do eu-observador que a entre-sente
[lenda
e dança obscena
e como os óleos do desejo
que iluminam as tuas verdades e as tuas intimidades
as visões das centelhas
no arrebatamento das carnações vermelhas e *rouges* das tuas bocas
meu boto cor-de-rosa que se reinventa em mim

minha sonhação intoxicada de Eu te quero, te quero mais
por que não dizes tudo paredão de mariposas
por que não falas da inquietude de tua boca de corais
e jades e marfins abandonados na selva
por que não te encontras mais
e a tua blusa perdida
entreaberta
na arena dos leões azul-marinho
como as pegadas dos tesu soluços arquejantes no friso de bacantes
por que as tuas mãos não seguram firmemente
e para sempre o *bouquet* de rosas
do meu sexo-orvalho
de pétalas de rosa-chá tatuadas de rosas
na carne-viva dos teus beijos de amante partida
no arco-íris obscuro de tuas nádegas
de imensa madrepérola

porque platinum blonde
os corredores das esteiras das cartas nos correios
gemem de amores
enquanto não surja num selo cor de maravilha
o canto maior d'Immalie

esta luz
a incidência luminosa da tarde deitando lusco-fusco de visão
[veneziana e mais
a divisa do querer
entretecida de verbenas azuláceas trançadas com brincos-de-princesa
[púrpura arroxeados
mascara de adouramentos o teu perfil
enquanto ressurge sob os véus o rapto ondulante
da dança do ventre dentro da rede suspensa de ti toda adornada
[bárbara e loura
como uma conquista arcaica
donde se perdeu o contacto fulminante de presença inesperada
[que impalidece
de amor
e cujo olhar não detém mais a intimidade
da provocação
do se perder e da insensatez da quietude
e nem mesmo dos enamorados cantos cifrados
dos teus lábios cadenciados de beijos
de uma conquista na qual a ameaça agora
são as escadarias de folhas de uma pirâmide ocultada pela selva
como a sedimentação de outros beijos
e do nunca mais do cristal
facetado de aventuras reais
como um pé feminino de salto-alto abandonado
numa sala atapetada de veludo bordô
espera a perna do amor e sua memória
enfeitiçada de abraços mais loucos
que os encontros de outras cores
coração meu que passou
pois as sombras geram afetos
vide os arbustos bêbedos de sol
com suas sombras de manacás de luz
vide a mulher que se mexe
enluada entre e em si nas brancuras das suas coxas
com as sombras que se desenham
e as sombras que afagam
enquanto o teu rosto nascendo dos teus olhos que são tão sombra
como a aparição da duplicata no seio da noite
na imensa solidão que se abre
do não poder te tocar mais
como uma belíssima conquista antiga querida

luzindo no fogo do desejo e na orquídea ustulata do amor louco
os teus olhos câmara-clara do porvir do fascínio
quando tu requebras
como uma migração lenta de enormes borboletas azuis
a pele viva e a carne redonda do teu espírito
e o coração apaixonado
cintilante corpo amoroso do amor
coberta por esta poeira de madrepérola do desejo
que nos fala das estradas que aguardam
no horizonte azulado
o teu andar maravilhoso de fragâncias profundas
de fascinação violenta e obscura
como um vestido longo de noite
vestindo uma seringueira fendida
cujos cipós são os liames dos olhares que se espelham
no grande olho mimético aveludado
que é teu corpo entreaberto bipartida
encolhida e toda branca
só com meias de *nylon fumé* no leito dos gritos
de plumas e cristas laranjas de galo-da-serra
do teu longo orgasmo
mais entrecortado que o vento novo
que a traz
para sempre recobrindo
esta carne inesquecível
nesta imagem nua de outrora arcaica e bárbara
como os beijos molhados que se come como a fruta oculta aberta
como a magnólia do teu sexo que mói o entardecer
o teu dorso arqueado de alvuras curvas e abundante macia
como um largo relógio-de-sol de cortiça
fascinante e lisa como as grandes lousas apagadas
aguardando as tuas saias despregadas
como uma flor de giz amor meu
camafeu grená e molhado de ejaculações
em miríades de estrelas mais perfumadas
que os lábios descobrindo o beijo das flores violetas
sob a constelação negra dos nossos céus de amantes
e úmida
como a delicada sensibilidade e a voluptuosa doçura ondulada
álvea sensual de um rio suave de transparências roladas
de promessas e de suspiros em meandros
pelos meus abraços em paixão tamanduá azul-noite

e mel
luz filtro de amor
eu vejo a silhueta da face da raposa
formada de enleadas madeixas louras e traços de
[zarcão
numa caixinha-coração forrada de cetim-pérola
e seu olhos de gata que se insinuam na fivela de
[prata
e o murmúrio das águas dos riachos que afluem e escorrem em
[cantos
por entre as pedras arredondadas pelas noites
e as tuas mãos esmaltadas de noiva encantada
mulher-feiticeira encharcada pelas chuvas do adeus
mais embebida de prazeres que o girassol de marfim
de brancas pernas femininas que se abrem
e os dedos anelados de carícias que se inscrevem indeléveis
como brisas de montanhas na pube encaracolada manuscrita
[assinatura
brasão e desorientação dos sentidos
neste novelo de encantos
que é a mulher na minha mulher
alucinada de amor e de brilhos
mais meigos que tuas coxas se abrindo
ao longo da aventura
essa luva dos dias
que te anunciam
nesta luz
sem igual

abraçada nos meus braços amando
as suas brancuras aumentam me beijando em circunvoluções
[maravilhosas
em encavalamentos que a recobrem de tentações
que brotam por entre meus dedos
que a espremem como uma argila apaixonada em derramamentos
que se excedem e se desdobram suavemente
como grandes madrepérolas macias nacaradas e brandas
mais meigas e violentas que as redondezas dos seus quadris imensos
bordados de ligas pretas que a cingem como um florão albo
orla magnífica minha senhora fazedora de sombras umbral mole
minha cantilena de sabiás possuídos pelos raios do alvorecer
borrando o dia
minha estátua recortada num pé de manacá todo florido
cheio de brancos e roxos
como o perfil de dois amantes enlaçados se beijando
num maço de luzes meu enxoval de ciclamens lívidos
e descabelados pelo ventilador minha orquídea rósea e nigra
minha flor branco e preta como um tecido xadrez desalinhado
de uma dama desmaiada derramada de chás do Oriente por entre
as coxas separadas na desordem
minha cachoeira de mel escorrendo como uma gruta de assaltos
minha rosácea de seda azul na água de minhas mãos amanhecendo
por entre os seus cabelos arruivados
minha galatéa de esmaltes gálbea
com sua nuca descoberta sob o tufão de gritos apaixonados
e mais profundos que o êxtase perdido no óculo do coro de ninfas
[labiadas de couros e de corpetes
[e de calcinhas de rendas calcinadas
negra de muitas cores
minha procissão de pubes em chamas
meu armário de mógno escancarado onde se escondem as pernas
[perfumadas
de minha amada com a cortezã dobrada em coxas multiplicadas
de esplendores brancos
inigualáveis como suas mãos abertas
segurando os seus seios enormes que se imaginam o parapeito dos
[suspiros
minha gôndola de rafas de carvão e de *rayonnes*
minha flor anagramática minha colher de lábios e de caudas
minha banheira de meio-banho de flamingos
evidente vidência clara que amamenta
minha luz de encantamento

entreaberta e rasgada o olhar das curvaturas
amada máscara de louça esmaltada
os lábios em hibiscus com a face pintada branca
e os cabelos erguidos ruiva anunciação
da tempestade ela mesma esfogueada e tenebrosa
como a mensagem proposta de beijos partida em duas
béante e bela

e eis as palavras dela:
"... o que nos aproxima mais um do outro
não é nosso projeto em comum, e sim abandonarmos
este projeto para caminharmos juntos
num caminho errante...
é o maravilhoso caminhar errante de cada um
que fortalece dia a dia nosso amor...
Quero ter toda exuberância do meu ser em meu corpo
para um caminhar cheio de ecos ao encontro de você...
Do seu ser."

M.H.C.

(*) cena da noite de 13.Jul.'85

a cada instante
a obscura energia
reinventa a luz para nós
assim como
a flecha reinventa o rio
a poesia reinventa o amor
passado que se fez carne
no imaginário ao ser retomado
na leitura que se entre-tece
e desvela.
"Hei-de reinventar-te
para mim do mesmo modo
que desejo ver recriadas
perpetuamente
a poesia e a vida".

"... Minha maneira de pensar
é o fruto de minhas reflexões;
está, pois, em relação com minha
existência, com minha organização.
Não tenho o poder de mudá-la; e,
mesmo que o tivesse, não o faria.
Esta maneira, este modo de pensar
que censurais, é o único consolo
de minha vida; alivia-me de todas
as penas do cárcere, constitui todos
os meus prazeres no mundo, e me importa
mais que a vida. A causa de minha
desgraça não é minha maneira de pensar,
mas, isto sim, a maneira de pensar
dos outros."

, trecho de carta para sua esposa
de Alphonse-Donatien-François, Le Marquis
de Sade (1740/1814)

CAD 33 - ALTA LICENC

COMENTÁRIO CRÍTICO POR CLAUDIO WILLER

É simplesmente impossível o exame de uma obra como esta de Sergio Lima sem que este exame passe por uma discussão do Surrealismo, da sua contribuição não só ao Brasil mas no mundo todo, e de alguns equívocos na avaliação desta contribuição. O mais freqüente deles é a tentativa de datar o Surrealismo, de considerá-lo como movimento característico de um período e que, portanto, teria tido sua época dentro de uma cronologia determinada. Por trás dessa concepção, um equívoco mais grave ainda: a visão de movimentos, tendências e manifestações no campo da arte como uma *série* temporal autônoma, onde se sucederiam e seriam mais ou menos modernos, atuais, datados ou ultrapassados. Algo como o marketing dos produtos de consumo, os comodismos da indústria (cultural principalmente) sucedendo-se para excitar o próprio consumo. Seu correspondente no plano das artes é uma curiosa diacronia onde então comparecem como série o Simbolismo, o Impressionismo, o Cubismo, o Expressionismo, o Futurismo, o Dadaísmo e o Surrealismo, sucedidos, a partir dos anos 50, pelas tendências "pós" tudo isso. A duração e influência de tais movimentos e tendências seria função do seu vigor, do seu poder de inovar e estimular a criatividade. Pelo menos, a aceitação dessa série implica considerar o Surrealismo a mais vigorosa dessas correntes, por ter sido a mais duradoura, a que mais fundo imprimiu sua marca em toda a produção contemporânea.

Historicizar a arte e a cultura dessa forma deixa, porém, muita coisa inexplicada — ou talvez confunda tudo e nada esclareça. Por exemplo, o fato de nos Estados Unidos só a partir de 1966 existir um movimento especificamente surrealista (Franklin Rosemont, Edward Allen Hitchcok, etc.) atuante ao longo dos anos 70 e hoje reconhecido como uma das tendências importantes (principalmente em poesia) do panorama artístico americano. Seria esta uma manifestação tardia e extemporânea? Talvez não, se considerarmos o atraso americano em matéria de vanguardas em geral (a vanguarda literária americana orgniza-se e manifesta-se primeiro fora dos Estados Unidos), a inexistência de qualquer coisa mais próxima ao Surrealismo, exceto precursores como Philip Lamantia,

e a dívida reconhecida (em maior ou menor grau, conforme o autor) da Beat com relação ao Surrealismo. E, principalmente, se aceitarmos que a cronologia não é essa, a começar pelo fato de o Surrealismo não caber nos mesmos compartimentos reservados ao armazenamento, cadastramento e futuro arquivamento do Futurismo, Dadaísmo, etc.

O mesmo vale para a existência de um movimento nitidamente surrealista no Brasil, de 1963 a 1968, sendo correto o verbete para *Brésil* do *Dictionaire Géneral du Surréalisme et de ses Environs*, de Biro e Passeron (Office du Livre, 1982, Friburgo), do qual transcrevo um trecho: *"É em 1963 que jovens artistas e escritores, entre Paris e São Paulo, ligados aos amigos de Péret, procuram formar um grupo surrealista (Lima, Piva, Willer) ligado ao grupo venezuelano "Techo de la Ballena", porém logo dissolvido. Com Lima, Paulo A. Paranguá, etc., criação do grupo, em junho de 1965, que organizava, em ligação com Bounure e o grupo parisiense, a XIII Exposição Internacional de São Paulo, ao redor da revista a Phalla. O grupo separa-se em Paris em maio de 1968"*.

Eu poderia arrolar aqui, se fosse o caso, outras tantas manifestações e grupos surrealistas, dos anos 60 para cá, da Holanda à Argentina (ou seja, de *Brumes Blondes* a *Signo Ascendiente*). Que tipo de indagação é suscitada por uma cronologia dessas? Que a cronologia é outra? Ou que a questão não é essa, que a série temporal na qual o Surrealismo está situado é de outra natureza, na mesma medida que o Surrealismo não é apenas um movimento de vanguarda artística? (Nunca podendo, portanto, ser ultrapassado por um movimento de pós-vanguarda). Esta, pelo menos, é a opinião dos próprios surrealistas; *sua* cronologia os antecedia, incluindo o Romantismo, e continuará até a instauração da Utopia e a concretização do "ponto do espírito" de que fala Breton e onde se unem os termos contraditórios.

Somente nessa ótica obras tão especificamente surrealistas como a de Sergio Lima podem deixar de ser consideradas manifestações tardias de um determinado movimento; a existência de tais obras, por outro lado, é um dado a mais atestando o acerto dessa visão da história, da arte e da cultura. Pela quantidade de noções vigentes que são questionadas, inclusive quanto à serialização de movimentos artísticos, é compreensível, por outro lado, o perfil baixo (para não dizer o considerável silêncio) com que são recebidas por uma mídia empenhada, ao que parece, em primeiro lugar em gerar cronologias, ao apontar tais ou tais obras como ligadas a tendências

mais ou menos atuais ou ultrapassadas, e ainda a destacar manifestações que escapem a esses critérios como sendo a retomada ou a expressão da "nostalgia" de uma determinada época (como recentemente ocorreu a propósito da edição de autores ligados à geração Beat no Brasil, reduzida a uma "nostalgia" dos anos 50 e como certamente acontecerá com a programada edição de obras surrealistas, que, conforme a obra, receberá o título de expressão de um retorno à década de 20, 30, 40, 50 ou qualquer outra).

A riqueza, as dimensões e a estrutura de uma obra como *A Alta Licenciosidade* nos dão a medida do que ainda pode ser feito e de qual é o campo aberto de possibilidades dentro do que se poderia chamar de uma postura especificamente surrealista, ou uma manifestação diretamente vinculável ao Surrealismo enquanto movimento. Suas quinhentas páginas são, mais que um dado quantitativo, uma metáfora espacial, apontando para o enorme espaço de possibilidades ainda em aberto. A meu ver, um espaço em expansão, por vários motivos. Um deles, o avanço em outras áreas do saber — científico, principalmente — que pode realimentar certas teses surrealistas (para quem tem dúvidas, basta conferir os estudos mais recentes sobre a indeterminação e a teoria do Caos e as afirmações feitas por Breton no Terceiro Manifesto). E também avanços no estudo da própria linguagem: infelizmente, por esse provincianismo que ainda marca tão fortemente grupos, movimentos e tendências culturais, que se afirmam negativamente, demarcando o que não são, boa parte da teorização recente na área da linguística e da semiótica foi apresentada por seus autores como antagônica ao Surrealismo, mesmo quando, ao exame mais atento — e um conhecimento melhor do que exatamente propunha o Surrealismo — fica claro que está havendo, antes de mais nada, uma corroboração de teses e propostas surrealistas.

É o caso do destaque maior a obras literárias que falam da própria literatura e da linguagem, ou seja, que são metalinguagem, bem como da leitura de textos em geral concentrando a atenção neste seu aspecto metalingüístico. Como exemplo mais bem sucedido desse tipo de interesse, pode-se citar o estudo de Roland Barthes sobre Sade, cuja enorme riqueza advém justamente de Sade ser lido como um estudo sobre o signo, sobre o infinito do signo e do imaginário. É claro que isto não difere das análises do próprio surrealismo, que, no caso de Sade, bem como de Lautréamont, Nerval, dos autores góticos, etc., são tudo menos leituras ingênuas,

dessas que tomam o autor ao pé da letra, ou seja, como contexto referencial.

E é exatamente esse tipo de leitura, marcada pela atenção maior à função metalingüística, que pode se mostrar particularmente iluminador de alguns dos aspectos desta *Alta Licenciosidade*. Pinçar analogias com Sade é inútil — desde que, evidentemente, se conheça Sade — bastando apontar para o longo desfile de fetiches que nos é proporcionado pela poesia de Sergio Lima, principalmente a fetichização de partes do corpo humano, que corre paralelo a um movimento de erotização de objetos e aspectos da natureza, tudo isso mostrado como obsessão, derramamento e estética da exuberância e do excesso em textos como, por exemplo, *O Cachimbo de Marshmallow* e *A Quarta Face*, bem como em *O Muito Amor*, principalmente no pós-scriptum "escrito em carmim". O jogo de metáforas e alegorias, a complexa rede de correspondência entre níveis de realidade que, na visão realista tradicional, seriam distintos e incompatíveis, são algo de familiar para quem conhece uma determinada tradição romântica que se origina em Fourier e Baudelaire, passa pelo Surrealismo e, a julgar por esta *Alta Licenciosidade*, mantém seu pleno vigor. No entanto, o que precisaria ser mais destacado é o quanto temos aqui também uma metáfora do processo de produção do sentido, já que o próprio signo é um fetiche, algo destacado, sobreposto e ligado de modo arbitrário a alguma outra coisa. Esta outra coisa, por sua vez, também é um signo: qualquer busca de uma "realidade", tal como entendida pelo materialismo ingênuo tão bem criticado por Breton, nada encontrará a não ser o vazio. Esta complexa rede de peças de vestuário, maquiagens, objetos dos mais diversos tipos, partes do corpo humano, vegetais, minerais e animais constitui-se em realidade à medida que vai sendo produzida. O real só existe enquanto significado e conjunto de relações. Aliás, tudo isso já foi claramente abordado e exposto em uma das obras anteriores do próprio Sergio Lima, *O Corpo Significa*, (da qual são reproduzidos trechos neste volume) cujo título, como podem ver, nada tem de gratuito, equivalendo a diver que o corpo só existe enquanto significado, enquanto relação, e que, na mesma medida, o corpo é a origem e ponto de chegada de todo significado.

A visão mais especificamente semiológica e a ênfase na função metalingüística de modo algum podem ser entendidos como excluindo uma função referencial. Em Sergio Lima, assim como em Sade, as descrições de cenas e cenários do erotismo,

do amor, do corpo como espaço continental e cósmico, de todo esse percurso de perversões e fetiches, também são o que são: ou seja, descrições do amor, de momentos de celebração erótica, do corpo, etc. O que caracteriza o Surrealismo é justamente a visão de certos planos de realidade como não excludentes ou não antagônicos. O mesmo texto é metanlinguagem, reflexão sobre si mesmo e sobre o processo de criação, e também é referencial, descrição de um real empírico, e também — e principalmente — operação mágica, invocação e reinstauração do mito. O elemento unificador é a busca e manifestação de uma linguagem do inconsciente, ou seja, da própria corporeidade, pouco importando se isto é feito pelo recurso ao automatismo psíquico ou qualquer outro modo de fazerem chegar ao texto as imagens poéticas, estes "curto circuitos" gerando uma luminosidade particular provocados pela aproximação e confronto de realidades distintas, na concepção da imagem formulada por Pierre Reverdy e ampliada por Breton.

Temos, portanto, um exemplo de uma arte de, ao celebrar a liberdade como absoluto e ao reivindicar o predomínio do imaginário e a realização do desejo sobre todas as coisas, quer a abolição dos antagonismos e a reunião dos contrários: automatismo psíquico e pesquisa cerebral, razão e emoção, paixão e reflexão, real e imaginário, consciente e inconsciente. A própria estrutura do livro opera essa abolição de antagonismos e busca da unidade, de várias formas. Uma delas é um movimento claramente perceptível de expansão e contração, de textos barrocos, do mais absoluto derramamento, caudalosas enumerações de uma imagética tipicamente bretoniana (do *Union Libre* a *Fata Morgana*), ampliando porém o que já havia de exuberante e caudaloso nesses e outros autores (a começar por Lautréamont), ao lado do seu aparente oposto, o epigrama, o texto de síntese e contração, onde Sérgio nos mostra sua declarada dívida para com um dos mais originais escritores contemporâneos (totalmente desconhecido no Brasil), Malcolm de Chazal, que consegue levar ao limite a imagem surrealista como síntese e depuração.

Da mesma maneira, também coexistem a epígrafe e a citação minuciosa de outros autores, o texto mais propriamente ensaístico, e a torrente de imagens. Nunca, porém, acomodando um ao outro, submetendo o não-discursivo aos ditames do discurso: o que temos é muito mais o aproveitamento do discursivo e do linear em uma estrutura não-linear, análoga à da collage nas artes plásticas. Para quem conhece a obra de Sergio Lima, particularmente suas séries de collages e seu

alentado trabalho a respeito, torna-se desnecessário falar em coerência e, muito menos, em rigor, sendo este um dos modos de superação dos antagonismos: o rigor como parte de uma prática liberadora, norteando um discurso anárquico, ao mesmo tempo organizado. Esta organização obedece aos parâmetros de outra razão, de outro tipo de lógica: a lógica do desejo, esta sim antagônica com relação à razão voltada para o mundo do utilitário e da instrumentalização de tudo, da linguagem inclusive.

Voltando ao tema das contribuições mais recentes que permitem reavaliar e revalorizar a contribuição especificamente surrealista, sabemos, hoje em dia, que uma tal lógica existe, e que ela produz, organizando a realidade, porém não mais sob o primado da função e da finalidade. Isto fica claro a partir de abordagens como as de Deleuze e Guattari, em seu *O Anti-Édipo*, particularmente na sua idéia de "máquinas desejantes". Cabe, porém lembrar que o Surrealismo, desde sua origem, sempre se empenhou na construção e representação de tais máquinas desejantes, levadas ao paroxismo na montagem de algumas das exposições internacionais do Surrealismo; e que, além disso, o próprio Sergio Lima já as vinha construindo (e sob este aspecto é esclarecedor o caráter de retrospectiva do presente livro) bem antes de vir a público a importante contribuição de Deleuze e Guattari.

No momento em que se volta a falar em Surrealismo no Brasil, em que finalmente vêm a público obras de Breton e Péret e em que se promove um amplo debate a respeito, é da maior importância que, ao lado dessas obras, referências históricas que em nada perdem sua atualidade, também tenhamos oportunidade de ver mais de perto alguns exemplos do estágio atual dessa trajetória em busca da realização do desejo, e da celebração da liberdade como um absoluto. Principalmente por se tratar de uma obra que, pelo que tem de instigante e estimulante, impulsiona a todos a prosseguirem, avançando mais longe e mais profundamente nessa viagem rumo a um outro mundo que, uma vez alcançado, mostra-se como o mundo verdadeiramente humano.

Claudio Willer

Referências das ilustrações:

9. 34 — "Der Cor Capen Ein Gut", (1514)
gravura com realces em prata por Hans Baldung Grien.

p. 60 — 'A Viúva à entrada da câmara', (1968)
collage do A.

p. 90 — A Flor, fotografia anônima, col. do A.
(apres. como COLLAGE READY-MADE/1958)

p. 120 — cena de "Daibosatsu Togue-Dainibu", (1958)
(A Espada Diabólica) de Tomu Uchida

p. 180 — 'As coxas do rio', fotografia anônima
col. do A.

p. 222 — 'A onça-cigarra', marca de fumo aplicada c/anúncio
de luva *Soirées*

p. 223 — 'A Casa da Onça', anúncio em revista local
da déc. dos '30

p. 242 — 'A Enluada', (1962/78)
desenho e collage do A.

p. 266 — 'Mulher passeando', (1975)
fotografia de agência de notícias

p. 288 — cena de "The Shanghaï Gesture", rosto de 'Shanghaï
Lili' (1941), de Joseph Von Sternberg

p. 318 — manuscrito do A. em papel do Oberoi Grand Hotel
(1977)

p. 398 — fotografia do A. (1980)

p. 450 — cena de 'Girl Hunt' no musical "The Band Wagon"
(1953), de Vincent Minelli

p. 496 — fotografia do A. (1985)

quarta capa — 'Il Campo Santo' (portrait de S. Lima), collage
VIII-1971, do A.

do autor:

- álbum a TINTA DOS SEUS DENTES (desenhos à nanquim), 1956/1957
- álbum OS BICHOS (desenhos à nanquim), 1957/1963
- álbum AS AVENTURAS DO MÁSCARA NEGRA (série de 80 collages com legendas), 1956/1957
- Sete Cadernos de Escrita-Automática, 1957/1958
- seleção de filmes, textos e direção do primeiro festival de CINEMA JAPONÊS na América Latina (F.C.B./F.A.U. da USP), 1959/SP
- textos sobre Méliès, Feuillade e Émile Cohl na Retrospectiva do Cinema Francês (F.C.B./Bienal de São Paulo), 1959/ S. Paulo;
- A PLANÍCIE VERDE, conto-poema (Edit. Rev. Delírio), 1960/S. Paulo;
- apresentação de desenhos e aquarelas junto ao Movimento Surrealista, por intermédio de André Breton, no Café À LA PROMENADE DE VENUS, em Novembro de 1961/Paris;
- ilustrações para o panfleto SAUVE QUI DOIT, edit. pelo Movimento Surrealista, junto à Eric Losfeld-Le Terrain Vague, 1961/Paris;
- colaborações na revista LA BRÈCHE (action surréaliste), n.º 2, 3 e 8, 1961/1965/Paris;
- AMORE, editado por Massao Ohno e S. Lima, em 1963 com narrativas amorosas (romança) e poesia, compreendendo tomo I (1959) e tomo II (1960)/S. Paulo;
- participação na edição do DE LA PART DE PÉRET, publ. pela Association des Amis de Benjamin Péret em 1963/Paris;
- organização e seleção de filmes para o Festival Internacional de Filmes Sobre Arte, na Bienal de São Paulo em 1965/S. Paulo;
- participação com pinturas e desenhos na XIII Exposição Internacional do Surrealismo, 1967/S. Paulo;
- editoria e planejamento da Revista do Movimento Surrealista A PHALA, com textos sobre arte e poesia, 1967/S. Paulo;
- O SURREALISMO ATUALMENTE, publicado no Jornal Letras e Artes, n.º 158, 1967/Lisboa;
- JE NE MANGE-PAS DE CE PAIN LÀ, monografia sobre Benjamin Péret e seu relacionamento com o meio cultural brasileiro no período de 1928/1931, publ. em A PHALA, 1967/S. Paulo;
- pesquisa sobre a obra de Teresa D'Amico, com levantamento de depoimentos e textos de propriedade da família, 1970/S. Paulo;
- exposição individual de collages na Galeria Ars Mobile, 1971/S. Paulo, com a edição do folheto O MOLDE E O SEU MODELO sobre a beleza da mulher, a linguagem do corpo e o feminino, e a noção de matéria usada (vide 'o lixo'), edit. do A.;
- O CORPO SIGNIFICA, reunindo textos de 1971/1974, com desenvolvimentos ligados à questão da arte e da estética, do corpo como gesto/expressão e do feminino, numa edição da EDART, 1976/S. Paulo:
- exposição individual de collages no Museu de Arte de São Paulo e

Galeria Luiza Strina, 1976/S. Paulo, com a edição de poesias pela Edit. Quíron, A FESTA (DEITADA), fazendo parte da mostra;

- poesia na Revista BRUMES BLONDES, março de 1977/Amsterdam;
- LETTRE AUX RENCONTRES POSSIBLES carta-ensaio, em correspondência com Vincent Bounoure e o Movimento de Paris, 1977/S. Paulo;
- TEXTOS DE AFIRMAÇÃO E DE COMBATE DO MOVIMENTO SURREALISTA MUNDIAL (1924-1976) de Mário Cesariny/Edit. Perspectiva & Realidades — Lisboa, 1977;
- exposição individual de collages na Galeria Paulo Prado, 1978/S. Paulo;
- col. in WOZU? A QUOI BON? WHY? (coletânea internacional sobre a Poesia atualmente)/ Edit. LE SOLEIL NOIR, 1978/Paris;
- COLLAGE/"textos sobre a re-utilização dos resíduos (impressos) do registro fotográfico em nova superfície", reunião de anotações de 1977/1979 e ensaio realizado em 1979/1980;
- referência na ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA/Vol. II de A. Medina Rodrigues e..., edit. Marco Editorial, 1979/S. Paulo
- realização do Seminário A IMAGEM COMO CONHECIMENTO na Galeria São Paulo, 1981, S. Paulo;
- COLLAGE, edit. por Raul di Pace e Gráfica Editora Parma e lançado em agosto de 1984;
- exposição Internacional 'Surrealismo e Pintura Fantástica' realizada no Teatro Ibérico, em dezembro 1984/Lisboa;
- O ESPAÇO PLÁSTICO texto na Rev. Arte em São Paulo, n.º 28 Janeiro 1985/S. Paulo;
- exposição coletiva 'Contemporâneos Brasileiros' realizada em Março 1985/S. Paulo, com pinturas sobre tela;
- realização do Seminário A IMAGEM COMO CONHECIMENTO no núcleo de artes Art & Risco em Abril-Junho de 1985/S. Paulo;
- exposição individual como 'Mostra do Mês', na Arte e Leilões de Francisco de Castro Ramos Neto em Junho de 1985/S. Paulo;
- planejamento gráfico para o livro ARQUITETURA de Raul di Pace;
- co-tradução com Pierre Clemens de O AMOR SUBLIME de Benjamin Péret, edit. Brasiliense, Abril/Agosto de 1985.
- A ALTA LICENCIOSIDADE, edição do autor, Poética e Erótica '56/'85, seguida de comentário crítico por Claudio Willer, Outubro de 1985/S. Paulo;
- 'As Imagens em Liberdade', depoimento no III CICLO DO IMAGINÁRIO, realizado em Recife, Outubro de 1985, promovido pelo Centro de Pesquisas Sobre o Imaginário da Fundação Joaquim Nabuco;
- exposição coletiva 'A Arte do Imaginário' realizada pela Galeria Encontro das Artes em Novembro de 1985/S. Paulo;
- participante das mesas-redondas sobre 'O Surrealismo e a Poesia', 'O Surrealismo e o Brasil', 'O Surrealismo Portugal e América Latina', bem como integrante da exposição sobre 'O Surrealismo' realizada pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, expositor de 'A imagem em Benjamin Péret, Péret e Flávio de Carvalho', e membro

do conselho organizador da Semana Surrealista em São Paulo, promovida pela Aliança Francesa em Novembro de 1985/S. Paulo;
• *vide referências bibliográficas e críticas in L'HISTOIRE DU SURRÉALISME de Maurice Nadeau/Edit. du Seuil — Paris, 1964; INTRODUCTION A LA LECTURE DE BENJAMIN PÉRET de Claude Courtot/Edit. AABP e Le Terrain Vague — Paris, 1965; GAM-Galeria de Arte Moderna/Edit. G.A.M. Ltda. — Rio de Janeiro, 1967; Rev. MIRANTE DAS ARTES ETC./M.A. Edit. Ltda. — São Paulo, 1967 (n.º 6) e 1968 (n.º 7); L'ARCHIBRAS/Edit. J.J. Pauvert — Paris, 1967 (n.º 1) e 1968 (n.º 3); LE SURRÉALISME (dicionário e cronologia) por José Pierre/Edit. Hazan — Paris, 1973; Rev. MAGAZINE LITTERAIRE "50 Ans de Surréalisme" — Paris, 1974; DICIONÁRIO DOS ARTISTAS PLÁSTICOS de C. Cavalcanti e C. C. Salgueira de Souza/Edit. MEC — Rio de Janeiro, 1974/1976; Rev. PHASES. n.º 5 (II Série)/Edit. E. Jaguer e F. Petit — Paris 1975; TRÊS POETAS DO SURREALISMO, docum. na exposição ícono-bibliográfica organizada por M. Cesariny/Edit. Biblioteca Nacional — Lisboa, 1981; Rev. ARTINF — Buenos Aires, 1981; Rev. ARTE EM SÃO PAULO — S. Paulo, 1981; A NOSSA ARTE ERÓTICA de Jacob Klimtowitz no Jornal da Tarde (14/III/81); DICTIONNAIRE GÉNÉRAL DU SURRÉALISME ET DE SES ENVIRONS, sob a direção de Adam Biro e José Passeron/Edit. Office du Livre — Fribourgh, 1982; HISTÓRIA GERAL DA ARTE NO BRASIL/Vol. II de Walter Zanini, edit. pelo Instituto Walter Moreira Salles e Fundação Djalma Guimarães em 1983/S. Paulo; bem como em publicações locais como Jornal do Brasil, Jornal O Estado de São Paulo, Jornal da Tarde, Folha de São Paulo, Revista Veja, Revista Visão, Revista Íris, Revista Vogue, etc.*

Este livro
foi impresso em papel off-set 80gr e capa cartão supremo 240gr
com Fotolitos Signus Ltda. S/C
nas oficinas da Gráfica Editora Parma
em Setembro de 1985
aos cuidados do autor
numa tiragem
de 1100 exemplares
sendo 1000 em brochura
e 100 encadernados e numerados
de 001 a 100 *hors-commerce*

endereço para correspondência
e pedidos pelo reembolso postal:
rua Aspicuelta 751/ Vila Madalena
05433 — São Paulo/SP — Brasil

Impresso nas oficinas da
EDITORA PARMA LTDA.
Fone: 209-5077
Av. Antônio Bardella, 280
Guarulhos - São Paulo - Brasil
Com filmes fornecidos pelo Editor.